Diário de Lisboa

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Piteira Santos**

ANO 61.º N.º 20 752
Janeiro 1982
Quinta-feira

14 15$00

Além dos atrasos na divulgação dos números

Posta em causa a credibilidade do Recenseamento da População

Os resultados definitivos dos Recenseamentos Gerais do ano passado poderão vir a ser divulgados com um grande atraso em relação aos prazos previstos, perdendo assim boa parte do seu interesse e utilidade como base para ulteriores decisões políticas e económicas.

Também a credibilidade desses resultados está já a ser posta em causa em certos meios económicos e estatísticos devido a circunstâncias que rodearam a recolha dos dados e a própria concepção do trabalho.

Esta é uma questão fundamental no clima que hoje se vive no Instituto Nacional de Estatística, responsável pela realização dos Recenseamentos. Não se esgotam porém nesta matéria os problemas que envolvem o INE. Os meios que tem à sua disposição, as acusações que são feitas à sua gestão e funcionamento e ao seu papel no interior do Sistema Estatístico Nacional são questões em aberto: trata-se de um serviço de relevância extrema para fundamentar as decisões do Executivo e dos operadores económicos.

Todos estes pontos são abordados em profundidade na reportagem, cuja publicação hoje iniciamos, e que inclui uma entrevista com o director do Instituto Nacional de Estatística, dr. Graça Costa.

Pág. 11

Diz Mário Soares em conferência de Imprensa

Queda do Governo não depende do PS

Mário Soares ladeado por Cal Brandão e António Macedo quando esta manhã falava à Imprensa

O Partido Socialista continua a querer tirar as mãos do fogo:

afirma que o Governo Balsemão «não serve os interesses nacionais» e por isso importa «mudar de política» e «mudar de Governo», mas as medidas que propõe para fortalecer a oposição são confrangedoramente frágeis ainda que «constitucionais»: vai apresentar uma interpelação de política geral que «eventualmente terminará com uma moção de censura para confrontar os deputados da maioria com as suas responsabilidades nacionais»; vai aumentar o «movimento reivindicativo» através da acção dos seus núcleos de empresa e dos seus militantes; vai esclarecer o povo e dinamizar as estruturas partidárias, e ainda organizar comícios PS em todas as capitais de distrito; vai propor políticas sectoriais de alternativa e «desafiar os responsáveis do Governo para debates em directo na TV e na rádio»...

Estas reveleções foram feitas hoje de manhã numa conferência de Imprensa da Comissão Permanente da Comissão Política do PS, tendo Mário Soares lido um texto intitulado «Por uma nova esperança PS reforça oposição».

O secretário-geral do PS deixou bem claro que a existência do Governo AD e a sua permanência em exercício não são da responsabilidade do PS, dando a entender que o PR é que tem de tomar uma atitude.

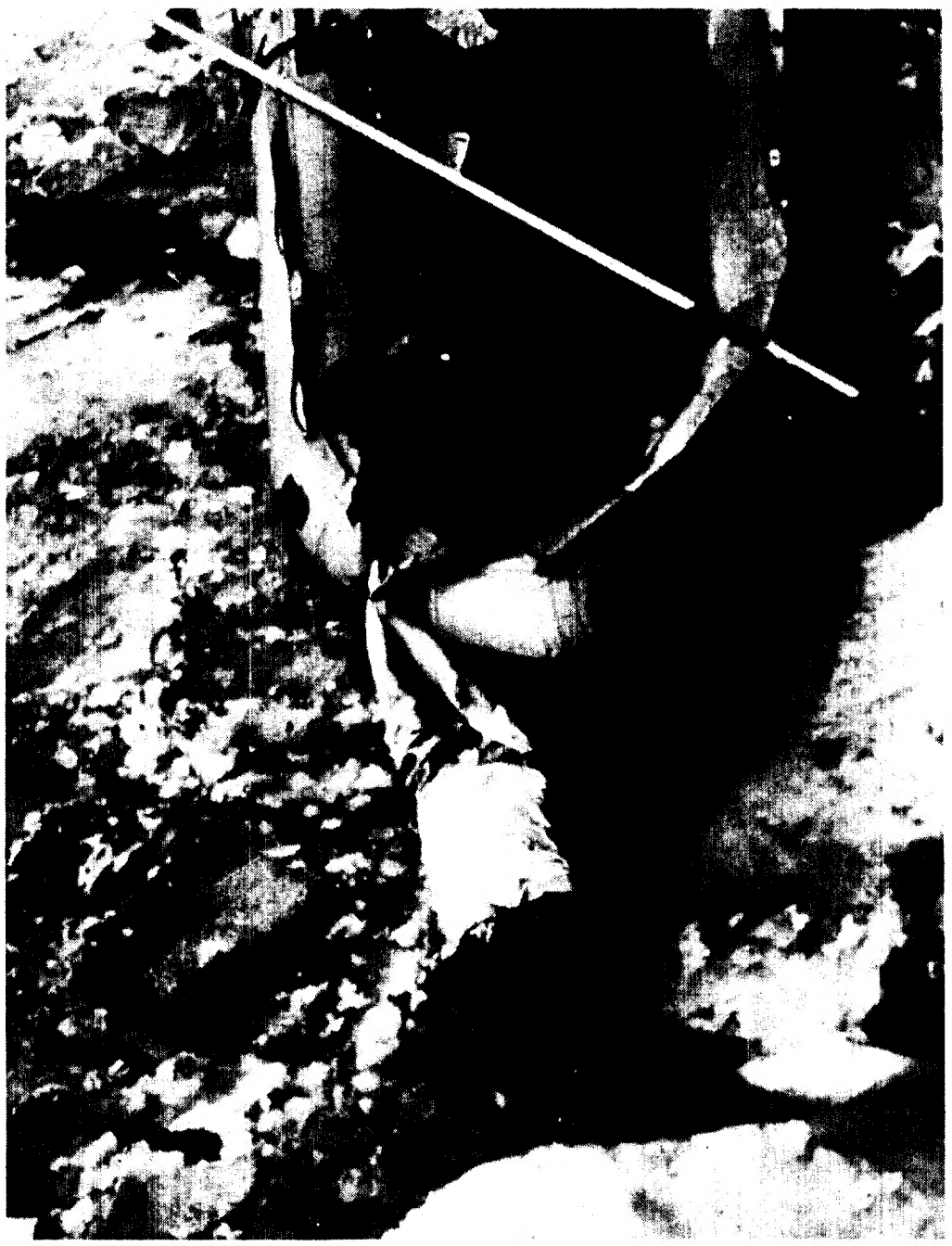
«Até agora o Presidente da República não retirou a confiança política ao Governo Balsemão» – disse Soares, que se encontrava ladeado na mesa por Jaime Gama, Walter Rosa, Eduardo Pereira, Cal Brandão, António Macedo, Almeida Santos, Rui Mateus, Jorge Campi-

Continua na pág. 6

Em Washington

Avião caiu no rio: oitenta mortos

Um «Boeing 737» da companhia «Air Florida» despenhou-se ontem, em Washington, contra a ponte da 14.ª rua, sobre o rio Potomac, a cerca de um quilómetro da Casa Branca. Depois de embater na ponte e de reduzir a destroços cinco veículos que sobre ela circulavam, despenhou-se no rio, praticamente gelado nesta época do ano. As condições climatéricas tornaram morosos e difíceis os socorros aos 75 passageiros e cinco tripulantes que, segundo os últimos números, seguiam a bordo do aparelho. Cinco apenas teriam sobrevivido. (Damos estes números sob reserva, porque as notícias têm sido contraditórias). Morreram também seis dos ocupantes das viaturas atingidas pelo avião, que acabava de descolar do aeroporto nacional, localizado praticamente no centro da cidade, embora, em relação à Casa Branca, do outro lado do Potomac. O avião, segundo a companhia, não conseguiu ganhar altitude, provavelmente em consequência da tempestade que se abatia sobre o aeroporto cuja localização é de há muito contestada pelos habitantes da capital federal dos EUA.



Bombeiros num barco pneumático procuram, por entre pedaços de gelo e destroços, corpos dos passageiros do avião sinistrado. (Telefoto UPI/ANOP/«DL»)

Hoje há Ler/Escrever

O suplemento literário de hoje, entre outra e variada colaboração, ocupa-se de Vladimir Jankélévitch, Doris Lessing, Garcia Marquez, etc. Colaboram neste «Ler/Escrever» Pedro Alvim, Nicole Zand, Fernando Guerreiro, C. Delacampagne, Bertrand poirot-Delpech, Luís Miranda Rocha e, com um poema inédito, Jorge Ferreira.

Armada – situação de ontem e de hoje

Pág. 4

Ocupando, desocupando, ocupando

Nómadas em 1982

Já tinham ocupado antes. E voltado às suas barracas de Mem Martins. Insistiram em procurar casa no mundo do FFH. Foi chamada a Guarda Nacional Republicana. De novo regressaram, transportando colchões, poucas peças de mobiliário, filhos... às barracas por detrás dos bombeiros

"Taça": Benfica passa de aflição

Pág. 17

Serviço Exclusivo Le Monde Diário de Lisboa

Edgar Morin

2. A verdade da ciência

O espírito científico é incapaz de se pensar a si próprio enquanto crê que o conhecimento científico é o reflexo do real. Este conhecimento não trará em si a prova empírica (dados verificados por observações-experimentações diferentes) e a prova lógica (coerência das teorias)? A partir daí a verdade objectiva da ciência escapa a todo e qualquer olhar científico visto ser esse mesmo olhar. O que é elucidativo não precisa de ser elucidado.

Ora os vários trabalhos, antogonistas em certos pontos, de Popper, Kuhn, Lakatos, Feyerabend entre outros, têm um traço comum, que é mostrar que as teorias científicas, tal como os icebergues, possuem uma imensa parte, imersa, que não é científica mas que é indispensável ao desenvolvimento da ciência. É aí que se situa a zona cega da ciência, que crê que a teoria reflete o rela. O que é próprio do espírito científico não é reflectir o real mas traduzi-lo em teorias móveis e refutáveis.

Com efeito, as teorias científicas põem em forma, em ordem e em organização, os dados verificados nos quais se baseiam e são por isso mesmo sistemas de ideias, construções do espírito que se aplicam aos dados para lhes serem adequados. Mas novos meios de observação ou experimentação fazem constantemente surgir dados novos, invisíveis.

A partir daí as teorias deixam de ser adequadas e é necessário, se não for possível alargá-las, inventar novas teorias. De facto, «a ciência é mais mutável do que a teologia», dizia Whitehead. Com efeito, a teologia tem uma grande estabilidade porque se alicerça num mundo sobrenatural, impossível de verificar, ao passo que aquilo que se baseia no mundo natural, é sempre refutável.

A evolução do conhecimento científico não é somente de crescimento e extensão do saber. Ela também contém em si transformações, rupturas, passagens de uma teoria para outra. As teorias científicas são mortais, e «**são mortais porque científicas**». A visão que Popper nos dá da evolução da ciência torna-se a de uma selecção natural em que as teorias resistem durante algum tempo, não por serem verdadeiras mas por se adaptarem melhor ao estado contemporâneo dos conhecimentos.

Kuhn traz outra ideia não menos importante: a de que se produzem transformações revolucionárias na evolução científica, em que um paradigma, princípio principal que controla as visões do mundo, rui para dar lugar a um novo paradigma. Julgava-se que o princípio de organização das teorias científicas era pura e simplesmente lógico. Vê-se, com Kuhn, que há, no interior e acima das teorias, alguns princípios fundamentais inconscientes e invisíveis, que controlam e comandam de um modo oculto, a organização do conhecimento científico e o próprio uso da lógica.

Depois disso já podemos compreender que a ciência seja «verdadeira» nos seus dados (verificados, verificáveis), sem que por issso as suas teorias sejam «verdadeiras». Mas o que é que faz com que uma teoria seja científica, senão a sua «verdade»? A isto Popper trouxe a ideia capital que permite distinguir a teoria científica da doutrina (não científica): uma teoria é científica quando aceita que a sua falsidade possa ser eventualmente demonstrada. Uma doutrina, um dogma, esses encontram em si próprios a incessante auto-verificação (referência ao pensamento sacralizado fundadores, certeza de que a tese é definitivamente provada). O dogma é inatacável pela experiência. A teoria científica é bio-degradável. O que Popper não vira é que a mesma teoria pode ser científica (aceitando o jogo da contestação e da refutação, isto é, aceitando a sua morte eventual) e doutrina auto-suficiente: acontece isto com o marxismo ou o freudismo.

O conhecimento progride então no plano empírico, com o auxílio das «verdades», e, no plano teórico, através da eliminação dos erros. O jogo da ciência não é o jogo da posse e do alargamento da verdade, é o jogo em que o combate pela verdade se confunde com a luta contra o erro.

A incerteza certeza

O conhecimento científico é um conhecimento certo, porque se baseia em dados verificados e está apto a forneceer prognósticos completos. Em todo o caso o progresso das certezas científicas não caminha no sentido de uma grande certeza.

É certo que se julgou durante longo tempo que o universo era uma máquina determinista impecável que seria totalmente conhecido, e alguns ainda acreditam que uma equação mestra poderia dar-nos o seu segredo. Ora, na verdade, o enriquecimento do nosso conhecimento do universo desemboca no mistério da sua origem, do seu ser, do seu futuro. A natureza da tecitura mais profunda da nossa realidade física escapa-se no próprio movimento em que é apercebida. A nossa lógica não consegue caminhar ou até se assusta perante o infinitamente pequeno e o infinitamente grande, o vazio físico e as grandes energias. As extraordinárias descobertas da organização a um tempo molecular e informacional da máquina viva, conduz-nos não ao conhecimento final da vida mas às portas do problema da auto-organização.

Pode mesmo dizer-se que, de Galileu a Einstein, de Laplace a Hubble, de Newton a Bohr, perdemos o trono de segurança que punha o nosso espírito no centro do universo: aprendemos que somos, nós os cidadãos do planeta Terra, moradores da periferia de um Sol de arrebalde, ele próprio exilado para os arredores de uma galáxia perifárica de um universo mil vezes mais misterioso do que alguém há um século podia imaginar. O progresso das certezas científicas produz portanto um progresso de incerteza. Mas é uma «boa» incerteza que nos liberta de uma ilusão ingénua e nos acorda de um sonho legendário: é uma ignorância que se sabe ignorância. E assim, tanto as ignorâncias como os conhecimentos saídos do progresso científico, iluminam os problemas fundamentais a que se chamam filosóficos.

A regra do jogo

Assim, a ciência não é somente uma acumulação de verdades verdadeiras. Digamos mesmo, na sequência de Popper: ela é um campo sempre aberto onde se combatem não só as teorias mas também os princípios de explicação, o que quer também dizer as visões do mundo e os postulados metafísicos. Mas este combate tem e mantém as suas regras do jogo: por um lado o respeito pelos dados, por outro lado a obediência a critérios de coerência. É a obediência a esta regra, «**mas por controversores - combatentes**» que aceitam sem equívoco este regra, que faz a superioridade da ciência sobre toda e qualquer forma de conhecimento.

Seria pois um erro grosseiro sonhar com uma ciência que seria limpa de toda e qualquer ideologia, e na qual só reinaria uma única visão de mundo ou teoria «verdadeira». Na realidade, o conflito das ideologias, dos presupostos metafísicos (conscientes ou não) é uma condição **sine qua non** da vitalidade da ciência. Opera-se aqui, imediatamente, uma desmistificação necessária: o cientista não é um homem superior, desinteressado. Tem as mesmas fraquezas dos seus concidadãos, a mesma propensão para o erro. O jogo que ele joga, o jogo científico da verdade e do erro, esse é que é superior, num universo ideológico religioso, político, em que este jogo é bloqueado, falseado. O físico não é mais inteligente do que o sociólogo, que ainda não chegou a fazer da sociologia uma ciência. É que em sociologia a regra do jogo é muito mais difícil de estabalecer: a verificação experimental é quase impossível, a subjectividade está sempre presente. A ideia de que virtude capital da ciência reside nas regras próprias do seu jogo da verdade e do erro, mostra-nos que «**o que deve ser absolutamente salvaguardado como condição fundamental da própria vida da ciência é a pluralidade conflituosa no seio de um jogo que obedece a regras empíricas-lógicas**».

Assim, vemos que embora correspondendo a dados de carácter objectivo, o conhecimento científico não é o reflexo das leis da natureza. Ele traz em si um universo de teorias, de ideias, de paradigmas, o que por um lado nos situa nas condições bio-antropológicas do conhecimento (porque não há espírito sem cérebro), e por outro no enraizamento cultural, social, bistórico, das teorias. As teorias científicas surgem dos espíritos humanos no seio de uma cultura **hic** e **nune**.

O conhecimento científico não poderia isolar-se das suas condições de elaboração. Mas ele não poderia ser **reduzido** a essas condições. A ciência não pode ser considerada como uma «ideologia» social pura e simples, porque leva a efeito um diálogo incessante no campo da verificação empírica com o mundo dos fenómenos.

É pois necessário que toda a ciência se interrogue sobre as suas estruturas ideológicas e o seu enraizamento socio-cultural. Aqui, damo-nos conta de que nos falta uma ciência capital, a ciência das coisas do espírito ou noologia, apta a conceber como e em que condições culturais as ideias de reúnem, se encadeiam, se ajudam umas às outras constituindo sistemas que se auto-regulam, se autodefendem, se automultiplicam, se autopropagam. Falta-nos uma sociologia do conhecimento científico que seja não só tão poderosa como a ciência que examina, mas ainda mais complexa do que ela.

Quer dizer que «**estamos na alvorada de um esforço de grande fôlego e profundidade, que necessita de múltiplos desenvolvimentos novos, a fim de permitir à actividade científica dispor dos meios da reflexão, isto é, da auto-interrogação.**»

A necessidade de uma ciência da ciência já foi muitas vezes referida. Mas é bom dizer que, de acordo com as demonstrações de Tarsky e Godel, uma tal ciência seria, em relação à ciência actual, uma «meta-ciência», dotada de um meta-ponto de vista, mais rico, mais amplo, isto para considerar cientificamente a própria ciência.

Essa meta-ciência não poderia ser a ciência definitiva. Ela abrir-se-ia para novos meta-horizontes. E é isto que nos faz aparecer outro rosto da «verdade» da ciência: «**A ciencia é e continua a ser uma aventura**». «A verdade da ciência não está somente na capitalização das verdades adquiridas, na verificação das teorias conhecidas. Elas está no carácter aberto da aventura que permite, melhor, que hoje exige que se ponha novamente em causa as suas próprias estruturas de pensamento. Pronovsky dizia que o conceito da ciência não é absoluto nem eterno. Talvez estejamos num momento crítico em que o próprio conceito de ciência está em vias de se modificar.

ROSARINK

Rua Augusta 207 — Telf. 325767 — Lisboa

RESTO DE COLECÇÃO

EM

SALDO

Confecções e Brinquedos

ROSARINK

Rua Augusta 207 — Lisboa

ESPIRAL

visite o stand

PHILIPS

FILOTEL

de 12 a 17 do corrente

A Philips expõe na Filotel a sua mais avançada tecnologia em equipamento para modernas unidades de hotelaria.

Intercomunicadores para distribuição e procura de pessoas — Aparelhagem Áudio para conferências e tradução simultânea — Distribuição TV interna — Distribuição TV por cabo — Sistemas Integrados — Sistemas Áudio e Vídeo — Iluminação — Congelação — Refrigeração — Micro-Ondas — Solários.

PHILIPS

Philips - criamos o melhor para si

O Inverno polaco

«Acabai com a exploração do homem pelo homem e abolireis a exploração de uma nação por outra nação.»

Karl Marx, «Manifesto do Partido Comunista».

Nuno Bragança

Os acontecimentos da Polónia têm suscitado uma pulverização de manifestações, em Portugal como no mundo inteiro. Contudo, os organizadores dessas manifestações (governos, partidos, movimentos políticos, etc.) têm-se, frequentemente aproveitado desses acontecimentos para puxar a brasa às sardinhas de que se alimentam. Ora os acontecimentos da Polónia podem e devem ser fonte de aprendizagem para os viventes que pretendem sair do túnel contemporâneo. E só mediante tal aprendizagem cada qual estará habilitado a intervir, segundo e conforme os meios de que dispõe para essa intervenção.

O primeiro mal a denunciar face ao aproveitamento dos acontecimentos na Polónia é a hipocrisia e o oportunismo do capitalismo dito privado. Não só porque a sua componente de sanguessuga lhe retira qualquer autoridade moral mas também porque está procurando tirar partido, directo e indirecto, desses acontecimentos: partido directo ao ver neles um negócio chorudo a jogar contra o próprio povo polaco (quanto mais grave a crise deste, mais forte a voz sempre exigente da Banca); partido indirecto ao buscar nesses acontecimentos argumentação favorável ao imperialismo reaganeano ou ao anticomunismo oligofrénico da direita portuguesa. No plano internacional, esse aproveitamento tem duas componentes graves: 1) a desfaçatez com que o poder reaganeano se apresenta como defensor da liberdade enquanto oprime a América Latina e apoia abertamente a passagem ao ataque do regime racista da África do Sul (entre parêntesis, é divertido assistir ao «desapontamento» do governo norte-americano com a decisão do governo francês em vender material bélico à Nicarágua); 2) o crescer da política belicista norte-americana, e a ameaça, por parte da Administração Reagan, em romper as conversações de Genebra.

O segundo mal a denunciar na reacção (nacional e internacional) perante os acontecimentos da Polónia é tão grave como primeiro, mas mais custoso de entender por quem só tenha olhos e ouvidos para aquele. Refiro-me à recusa, por parte da ortodoxia marxista, em identificar a componente revolucionária dos ditos acontecimentos na Polónia. O mais longe que essa ortodoxia vai está no reconhecimento da «degradação progressiva da situação económica, social e política, por graves erros cometidos elo Partido e pelo Governo» (polacos) – Álvaro Cunhal, em 23 de Dezembro de 1981 que, reconheçamos, já é duro de roer por quem considere que o regime vigente na Polónia, há 35 anos, consiste num triunfo do socialismo.

No momento em que, na Polónia, foi proclamado o estado de sítio, e foram encarcerados todos os dirigentes do Solidariedade, estes mesmos dirigentes tinham atingido a convicção do carácter revolucionário na situação polaca. Ultrapassado pelos acontecimentos (ou seja: a reboque destes), o Partido polaco apressava-se a tentar organizar uma «Frente de entendimento nacional», destinada a substituir uma instituição do mesmo nome que só funcionava em períodos «eleitorais» a fim de apresentar a habitual lista única de candidatos. Os dirigentes do Solidariedade defenderam a procura de um acordo entre três forças: o poder governamental, a Igreja e o Solidariedade.

Simultaneamente, os dirigentes deste movimento de trabalhadores levantavam a questão mais delicada: a de saber se o direito ao poder revolucionário cabia à minoria burocrática do Partido ou à imensa maioria de trabalhadores (urbanos e do campesinato) que tinham erguido o Solidariedade.

Na convicção de que, segundo uma lógica revolucionária, esse poder cabia aos trabalhadores, o Solidariedade propõe-se lançar duas palavras de ordem fundamentais: 1) o poder aos trabalhadores nas empresas; 2) o desencadear da «greve activa» isto é, a tomada de controlo da produção segundo um plano elaborado pelos trabalhadores e tendo em vista, no plano imediato, a satisfação das necessidades essenciais num país em que a desordem e a corrupção na distribuição de alimentos e cartas de racionamento estava provocando grande sofrimento na população. A 10 de Dezembro, o órgão provincial de Lodz (mais liberal do que a Imprensa central do Partido) ainda publicou um artigo de Z. Kowalewski, membro da direcção do Solidariedade na região de Lodz, artigo em que o autor afirmava que o Solidariedade, ao preparar a «greve activa», ou seja ao «bater-se para que cada pessoa tenha o direito de comer, de se vestir e de se defender da invernia», e ao «lutar pela salvaguarda dos instrumentos de trabalho, tinha uma superioridade moral evidente sobre um poder incapaz doutra coisa do que preparar a guerra contra a sociedade».

Na noite de 12 para 13 de Dezembro o Governo decretou estado de sítio

Na noite de 12 para 13 de Dezembro, o Governo decretou o estado de sítio e ordenou o «internamento» de todos os dirigentes do Solidariedade, bem como o de numerosos trabalhadores de produção económica e intelectual.

Esta iniciativa do Poder político-militar polaco está claramente relacionada com a situação geopolítica da Polónia, no jogo de xadrez mundial que a URSS trava com os EUA – por intermédio de outras nações, em número assustadoramente crescente. A tentativa revolucionária polaca «tinha» de ser abafada, como o fora a da chamada «Primavera de Praga», em 1968. E por falar desta, ocorre-me um dístico pintado num muro de Praga, nessa ocasião, que dizia o seguinte: «Lenine, eles endoideceram».

Lenine seguiu um percurso de que vale a pena recordar algumas etapas (isto para não pôr em discussão toda a teoria do chamado marxismo-leninismo, fora do âmbito dum artigo de jornal).

Em «Notas sobre a Revolução» (Janeiro de 1923), Lenine escreveu: «Se, para criar o socialismo, é necessário ter-se atingido um certo nível cultural (...), por que não começarmos por conquistar revolucionariamente as condições prévias para atingir esse nível, a fim de, **em seguida,** apoiados na força dum poder operário, campones e do regime soviético, nos movimentarmos ao encontro dos outros povos»?

Esta conclusão, típica da opção leninista dando prioridade à tomada do Poder antes da tomada de consciência de classe por parte da maioria dos trabalhadores, já ultrapassava a crença inicial de que a Revolução Mundial estava próxima, a qual transparece nas «Cartas de Longe». Mas nessas mesmas «Cartas», Lenine apontava para a democratização da vida colectiva, que seria a retomada, a um nível superior, do democratismo primitivo que Marx afirmara ter existido anteriormente à formação de classes sociais. Essa pontaria, nunca Lenine a renegou. Quando muito, limitou-se, à luz da experiência, em lhe corrigir as etapas inicialmente propostas. E a noção de «nível cultural» adequado à propagação da Revolução de Outubro é retomada por Lenine nos seus textos finais, nomeadamente num, datado de 6 de Janeiro de 1923, em que, depois de afirmar que uma «Revolução Cultural» se impõe na URSS, Lenine afirma: «Actualmente, basta que levemos a cabo essa **revolução cultural** para nos tornarmos num país plenamente socialista».

Essa «revolução cultural», por polémica que seja a afirmação, parece-me que passava também pela noção que Lenine tinha do papel a desempenhar pelo sindicalismo na Revolução Soviética. Depois de ter afirmado (X Congresso do Partido, em Maio de 1920) que «todo o envolvimento directo dos sindicatos na gestão das empresas deve ser reconhecido... como absolutamente inadmissível e nefasto», Lenine viria, pouco depois (Dezembro do mesmo ano, em «Os Sindicatos, a Situação Actual e os Erros de Trotsky») a afirmar: «o programa do nosso Partido, documento que o autor do «ABC do Comunismo» conhece bem, mostra que o nosso Estado é um Estado de trabalhadores que apresenta uma deformação burocrática. E este triste rótulo deve ser por nós aplicado a ele.

Eis a transição em toda a sua realidade. E então, num Estado formado em condições concretas, será que os sindicatos nada têm para defender? Poderemos passar sem eles na defesa dos interesses materiais e morais do proletariado inteiramente organizado? Semelhante raciocínio é completamente falso numa perspectiva teórica. Lançamo-nos no domínio da abstracção ou do ideal que atingiremos daqui a 15 ou 20 anos, embora eu não esteja seguro de que o atingiremos nesse prazo. Enfrentamos uma realidade que conhecemos bem, se acaso não nos deixarmos entontecer por discursos intelectuais ou raciocínios abstractos, ou ainda pelo que por vezes parece ser uma «teoria» mas que, de facto, não passa dum erro, duma falsa apreciação das particularidades do período de transição. O nosso Estado, hoje, está em tais condições que o proletariado totalmente organizado deve defender-se, e que devemos utilizar essas organizações de trabalhadores para defender os trabalhadores do Estado e para que eles defendam o Estado. Estas duas ordens de defesa deverão ter lugar mediante uma combinação original das nossas medidas governamentais, e do nosso acordo, mediante uma «amálgama» com os nossos sindicatos».

E sabido como, após a morte de Lenine, Estaline (embora numa linha aparentemente fiel à noção leninista da consolidação prévia do Estado da URSS) cedo se virou para o exercício do Poder em moldes só explicáveis pelo fascínio que o imperialismo tsarista exercia nele. Bem apoiado num aparelho burocrático hipertrofiado e, dentro deste, no Comissariado do Interior (N.V.K.D.), Estaline eliminou, física ou moralmente, todos os seus adversários. Os processos dos anos 35/36 iniciaram o massacre dos melhores elementos do Partido Bolchevista de Lenine. Mais tarde, e apoiado em Béria, vigiou de perto os seus próprios colaboradores. Era o fim do Partido Comunista no sentido que Lenine pretendera, e que foi transformado num aparelho sem contestação interna possível. Os Congressos deixaram de se efectuar nas datas regulamentares. A partir dos anos trinta, Estaline tornou-se numa incarnação da direcção burocrática do Partido. No mesmo molde seriam organizados os Partidos Comunistas que a ocupação soviética colocou no Poder, no chamado Leste europeu.

Finda a Guerra 39/45, e com base no acordo de Ialta, Estaline iniciaria uma etapa em que, sob a aparência do apoio à Revolução noutros países, um novo Império começava os seus primeiros passos (não foi por simples paranoia que Estaline sentiu a necessidade de mandar assassinar Trotsky, cuja noção de Revolução Mundial era bem diferente, por sincera – mesmo que, provavelmente, irrealista, embora tão sedutora como os sonhos inicialmente partilhados por Trotsky e Lenine). Ora esta movimentação imperialista não se deteve mais, e o célebre relatório de Krutschov não representou qualquer esforço sério em travar o tal apelo vindo das profundas de um psiquismo ainda influenciado pelo passado imperial da Rússia.

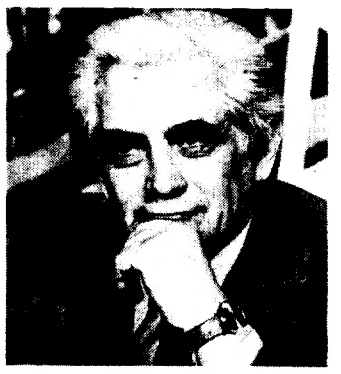
Eis por que motivo a URSS não permite que os dirigentes polacos permitam a Revolução desencadeada pelos trabalhadores que fecharam o Solidariedade.

O meu conhecimento directo da Polónia, onde estive em 1973, leva-me a compreender duas coisas. A primeira é a tendência para o exagero desembraiado que caracterizou várias atitudes do Solidariedade e dos seus dirigentes, e que foi imediatamente aproveitada para tentativas de infiltração estranhas à dimensão revolucionária do processo em curso. A segunda consiste no facto de a Polónia ser uma nação cuja cultura e sentimento nacional são tão vivos e fortes que o seu esmagamento por quaisquer forças totalitarizantes ou estrangeiras poderá verificar-se a nível policial ou militar, mas nunca no que respeita ao espírito. A «normalidade» actualmente imposta à capacidade inventiva polaca para fazer Revolução contemporânea não será o mesmo que a destruição da tenra Primavera de Praga.

Amigos polacos: a vossa Revolução Cultural pode entrar em hibernação.

Um dia recomeçará para bem dos trabalhadores de todo o mundo.

ponto a ponto



● O secretário-geral do Partido Comunista Português, **Álvaro Cunhal**, é entrevistado em directo, no próximo dia 16, pelo programa «Praça Pública», que se transmite aos sábados entre as 13 e as 14,30, na Antena Um da RDP. Esta entrevista insere-se num conjunto de quatro com os primeiros responsáveis dos principais partidos portugueses e que serão transmitidas nos sábados seguintes pela seguinte ordem: 23/1: Freitas do Amaral; 30/1: Mário Soares; 6/2: Pinto Balsemão.

● O ministro da Saúde e Assuntos Sociais da República da Guiné-Bissau, dra. Carmen Pereira, que se encontra em visita a Lisboa, a convite do dr. Sá Machado, administrador da Fundação Gulbenkian, teve ontem nova reunião nas instalações daquela instituição e na qual foram tratados assuntos de cooperação da Gulbenkian na República da Guiné-Bissau, orientada para acções a empreender no decorrer deste ano, tendo o dr. Sá Machado feito uma longa exposição sobre o assunto.

● O grupo dos diplomatas africanos acreditados em Lisboa ofereceu ontem um almoço ao ministro dos Negócios Estrangeiros, **André Gonçalves Pereira.**

A iniciativa – indicou um dos diplomatas – destinou-se a uma troca informal de impressões sobre assuntos de interesse multilateral.

Do grupo fazem parte todos os embaixadores africanos acreditados em Portugal com excepção da África do Sul.

Na sua qualidade de decano dos diplomatas africanos na capital portuguesa o embaixador de Angola, **Adriano Sebastião,** é o representante do grupo.

● A empresa portuguesa Setenave está a elaborar um plano de reestruturação dos estaleiros navais de **Bissau**, que se encontram subaproveitados.

A Guiné-Bissau obteve garantias de financiamento do projecto que terá uma duração de quatro anos, da parte do Banco Europeu de Investimentos e da Suécia.

Decorrem entretanto contactos com outras empresas portuguesas do sector da reparação naval, entre as quais a Lisnave, tendo em vista uma assistência técnica aos estaleiros de Bissau que envolve a formação de quadros.

● A comissão distrital da Guarda do Partido Comunista Português reúne dia 24 sob a presidência de Jaime Serra, do Comité Central, para debate das listas para as próximas eleições autárquicas e da actividade do partido.

A comissão distrital do PCP vai também analisar «o desenvolvimento da luta de massas» contra o que consideram «partidos reaccionários que no Governo têm seguido uma política antipopular».

● O Conselho Distrital da **Guarda** reclamou a realização de inquéritos administrativos a várias autarquias do distrito. Esta decisão tomada na última reunião daquele órgão autárquico, abrange as Câmaras Municipais de Pinhel e Celorico da Beira e a junta de freguesia de Baraçal, concelho de Celorico da Beira.

Os referidos inquéritos foram, no caso de Celorico da Beira solicitados pelos respectivos presidentes.

O processo da freguesia do Baraçal foi pedido pelo presidente da edilidade celoricense, após discordâncias havidas com o presidente da junta daquela freguesia.

Documento alerta enquanto é tempo (I)

Quem trava a degradação militar e profissional que se vem verificando na Armada Portuguesa?

. «A Armada encontra-se numa situação muito difícil: está em causa a sua própria natureza de corpo militar e a sua capacidade de utilizar, da melhor maneira para servir o País, os seus meios materiais e recursos humanos, bem como o moral dos seus profissionais» – lê-se num documento de 12 páginas dactilografadas que ultimamente tem circulado por entre os oficiais e sargentos da Armada e no qual é relatado com pormenor o que de insólito e inconcebível se passa naquele ramo das Forças Armadas Portuguesas. O documento, a que o «DL» teve acesso e dada a sua importância pública na íntegra hoje e amanhã, constitui «um alerta para quem puder, ainda em tempo, travar a degradação militar e profissional que se vem verificando na Armada».

O documento, que agora trazemos a público, intitula-se «Armada – situação de ontem e de hoje» e tem originado um evidente mal-estar no Estado-Maior e no chamado «Grupo dos 80», cuja actuação e responsabilidade na situação actual existente na nossa Marinha é analisada com detalhe.

Eis, na íntegra, a primeira parte do documento:

O arranque de 76/77

«Ao entrar na nova era pós-25 de Abril, debate-se a Marinha com problemas graves e difíceis. Acabada a guerra africana e as respectivas missões de soberania, tornava-se necessário definir e concretizar a nova orientação da Armada. Regressada do teatro de operações e tendo passado pelo 25 de Abril colaborando no derrube do regime anterior, tinha a Marinha que resolver problemas fundamentais para se adequar às tarefas e missões constitucionais que a nova situação impunha, exigindo-se-lhe a redefinição das suas tarefas específicas, dos seus meios materiais e humanos e sobretudo da formação e qualificação dos seus homens, quer em termos profissionais, quer para a salvaguarda da Democracia. Algum tempo após a aprovação da Constituição, e claramente definidas as instituições democráticas e as linhas fundamentais da vida do País, verificámos existirem graves problemas e preocupações nos domínios do material e do pessoal, e respectiva gestão.

A definição de um programa naval que estabelecesse os meios e a prioridade da sua aquisição começa por essa ocasião (1976/1977) a esboçar-se; sente-se também a procura da definição de uma carreira para os profissionais da Armada; por outro lado, tentam redefinir-se as tarefas da Marinha nos domínios militar, económico, técnico-científico, e de investigação.

Um sentido errado

Já então, porém, se verifica começar a ser trilhado um caminho num sentido errado.

Definia-se um programa naval privilegiando a aquisição a médio prazo de 3 fragatas NATO, a ele sacrificando as 4 corvetas novas de que se dispunha, ao mesmo tempo que não se avançava quanto à definição de meios para a fiscalização da Zona Económica Exclusiva (ZEE) e para a dragagem e defesa dos portos.

As missões e tarefas nacionais apareciam em plano subalterno relativamente a missões NATO e não eram tidas na devida consideração as dificuldades económicas e financeiras do País.

Quanto ao reajustamento das estruturas e infra-estruturas da Armada – depois de se ter avançado na direcção certa, procurando-se passar de uma estrutura por especialidades e de consequente gestão, para uma estrutura que permitisse uma gestão, por objectivos – elabora-se e aprova-se legislação nesse sentido. Porém, quando se começa a operar a transformação, cria-se um impasse e surgem várias dúvidas e hesitações no como passar do velho para o novo.

Relativamente ao domínio do pessoal, estava em prática (76-/77), uma orientação e uma selecção que criavam fortes tensões, contestações e divisões. São exemplos disso os casos de afastamento da Armada de várias dezenas de praças, por razões nada claras e que tiveram bastante eco na Imprensa da época. Outros exemplos significativos se verificaram entre oficiais e sargentos, quer quanto a promoções, quer quanto a colocações e nomeações para cursos. Dizia-se então que isto era devido à pressão e orientação de um grupo de oficiais conhecidos como o «grupo dos 80»

O pensamento do CMG A. Sousa Leitão

Por esta época, o então capitão de mar-e-guerra A. Sousa Leitão proferiu no Clube de Sargentos da Armada uma conferência onde esclarecia o seu pensamento sobre as linhas de acção da Armada e a sua convicção na capacidade de renovação do ramo e na competência e dedicação dos seus profissionais, bem como no ideal da profissão militar – «porque uma profissão militar que não seja exercida com um objectivo superior, que ultrapassa as limitações e ambições dos seus homens, é apenas um emprego mercenário» – citamos. Preconizava a abertura do «leque de actividades em que a Marinha vai participar na defesa e desenvolvimento do País: é mais fácil a cada um de nós, oficial, sargento ou praça, encontrar o sector em que as nossas aptidões e personalidade se realizem plenamente, dentro do ideal de melhor servir a Pátria», sendo isso mesmo um extraordinário factor de coesão dentro da nossa Armada.

Caracterizava e agrupava as linhas de acção que a Armada devia seguir, em cinco blocos: Marinha Militar, guarda costeira, autoridade marítima, investigação do mar, fomento tecnológico; e preconizava uma clara abertura ao exterior e à sociedade civil, bem como à cooperação com os novos países de língua portuguesa. No que se refere a meios navais, defendia o seu ajustamento à nova dimensão do País, em paralelo com o que acontecia nos outros ramos das Forças Armadas (FA's) e o integral aproveitamento das potencialidades da Armada e do seu pessoal válido, dos meios navais, das instalações e de todo o rico património da Marinha. Sem dúvida que esta conferência produziu grande efeito, dadas as possibilidades que abria, quando eram já claros alguns erros de orientação e a agudização de factores de divisão entre o pessoal da Armada.

Uma situação ímpar

Por isso, quando o alm. Sousa Leitão foi nomeado Chefe do Estado-Maior da Armada (CEMA), deparou-se-lhe uma situação ímpar, na possibilidade de motivar a participação e o brio por parte de todos os sectores da Armada para se vencerem as dificuldades, obstáculos e divisões existentes, e praticamente todos os oficiais quiseram estar presentes à sua tomada de posse, pondo-se à sua disposição para servir a Marinha e o País. O próprio discurso do novo CEMA foi motivador no campo pessoal e profissional, dando a devida importância ao factor humano e manifestando preocupação quanto à coesão da Armada.

No que se refere ao material, assinalou que muito havia ainda a fazer para manter e utilizar o que existia, como para dotar a Marinha de novos meios navais adequados às tarefas prioritárias que lhe estão atribuídas, tendo referido em especial a necessidade de defesa e protecção da ZEE.

Defeniu a eficiência como um objectivo, não se pondendo admitir menor cuidado na manutenção e utilização do material existente.

Referiu a necessidade de reestruturar alguns órgãos da Marinha nos seus três grandes sectores – Armada, Autoridade Marítima e Ivestigação do Mar –, de modo a que não houvesse concorrência na atribuição de meios, mas sim complementaridade.

Verifica-se assim que, aquando da tomada de posse como CEMA do alm. Sousa Leitão, ele manifestou intenções e orientações capazes de mobilizar e unir a generalidade da Armada. Por outro lado existia da parte da maioria dos militares grande disponibilidade para colaborarem aberta, franca e lealmente na resolução dos graves e difíceis problemas que já então se colocavam.

Que programa naval?

Vejamos agora como evolui a situaçãm e como são resolvidas ou não as dificuldades e problemas.

No que refere ao programa naval, assiste-se a uma correcção: desiste-se da ideia da venda das corvetas, mas prossegue-se na intenção da compra das 3 fragatas NATO, mudando-se sucessivamente de tió de fragata, conforme o país de origem, verificando-se ainda hoje, passados 5 anos (!) sobre o tempo em que a ideia começou a fazer caminho, que não há qualquer certeza da sua viabilização. Esta ideia das 3 fragatas NATO era irrealista e pelos vistos continua a sê-lo quer devidm às nossas dificuldades económicas, quer pelas dificuldades dos próprios países da NATO; ainda mesmo que se viabilizasse, traria enormes custos à Armada e ao país visto que, apesar de se falar nas fragatas há cinco anos, não há ainda o mínimo de preparação técnica e logística para tirar delas o melhor rendimento, afigurando-se que, a prosseguir nesta via, continuaremos a não dispor de tal preparação nos tempos mais próximos, dado que todos os meses «as fragats vêm» e todos os meses se revela impossível que venham.

Mas, afora esta questão das fragatas não se avançou nada para a concepção, construção ou aquisição de outros meios navais, indespensáveis para a fiscalização e defesa da ZEE (patrulhas oceânicas), nem na aquisição de draga-minas para defesa dos portos. As prioridade dm plano naval encontram-se invertidas: as de interesse nacional imediatos são secundárias relativamente às fragatas NATO; mas, além disso, todas as prioridades marcam passo. Pode dizer-se que não existe qualquer plano naval de renovação da Armada tendo em conta as necessidades e possibilidades nacionais nos domínios de recursos da ZEE e da pesca, de capacidade económica e de aproveitamento das capacidades e potencialidades da nossa indústria de construção naval, não tendo sido seguida a orientação inicialmente preconizada pelo alm. Sousa Leitão.

Que aproveitamento de recursos?

No que se refere à eficiência e bom aproveitamento dos meios existentes não houve progressos: a Armada quase nada se abriu ao meio civil. Os últimos discursos do CEMA mostram uma clara involução neste domínio e a cooperação com os países de língua portuguesa tem sido bem modesta e muito abaixo do que se pode fazer. Relativamente ao cuidado com o material e eficiência dos navios, o caso do incêndio na corveta «António Eanes» é paradigmático: não obstante os vários avisos, estudos e alertas, feitos em devido tempo, as autoridades superiores da Armada não tomaram as medidas adequadas, o grave risco concretizou-se e o incêndio deflagrou, só não atingindo maiores proporções e causando maiores danos porque o navio vizinho, que dispunha de munições e explosivos a bordo, estava naquele momento guarnecido de pessoal suficiente para o afastar rapidamente da situação melindrosa; porém, esta questão da eficiência e bom aproveitamento do material liga-se com o tratamento do pessoal, sua valorização e aproveitamento de que trataremos em seguida.»

(Conclui amanhã)

Defenderam "probidade pessoal"

Corvacho e Albuquerque acusados de "infidelidade militar"

PORTO, 14 – A acusação de «infidelidade no serviço militar» colocou em tribunal dois personagens militares de destaque na consolidação do 25 de Abril no Norte do País. São eles os majores Eurico Corvacho, ex-comandante da RMN e António de Albuquerque, ex-chefe do Quartel-General da RMN, agora na reserva.

O julgamento iniciou-se ontem, no 2.º Tribunal Militar do Porto, sob a presidência do coronel Gonçalves Soares, e prossegue amanhã com os depoimentos de Franco Charais, Vasco Lourenço e Rosa Coutinho. Dada a «mise en scéne» de todo este processo, prevê-se grande número de audiências.

A acusação está, segundo o libelo, relacionada com a compra (e venda) de dois automóveis («Austin 1275 GT») em 1975, para fazer face às necessidades de informação. O processo foi movido com base numa participação do brigadeiro Carlos Azeredo, na sequência do «Relatório das Sevícias».

Segundo os réus, os dois veículos foram adquiridos no dia 11 de Março de 1975, pela quantia de 240 contos recebida da 2.ª Divisão do Estado-Maior das Forças Armadas. A decisão da compra foi tomada durante uma reunião de altas patentes militares, realizada no dia 17 de Abril daquele ano, no Centro de Sociologia Militar. Tal decisão resultou da necessidade de dotar de meios não identificáveis como militares os Serviços de Informação e Contra-Informação da RMN conforme o testemunho do general Pereira Pinto, da Força Aérea, então membro do Conselho de Estado e da Junta de Salvação Nacional. A 5 de Março a decisão voltaria a ser debatida na presença do general Lopes Pires.

Segundo a acusação, um dos automóveis continuou na posse de Eurico Corvacho, já depois de ele estar colocado em Lisboa, e o outro fora transaccionado pelo major Albuquerque. A defesa não nega estes factos, mas contesta o dolo em que são envolvidos.

Com efeito, na sequência de uma decisão do director do SDCI, Almeida Contreiras, o major Albuquerque vendeu num «stand» do Porto um dos automóveis por 77 500$00, a 3 de Outubro de 1975, e poucos dias depois o major Corvacho comprou, pelo mesmo preço, o outro veículo, conforme deliberação da 2.ª Repartição do EMGFA. Estes factos foram confirmados em Tribunal pelo capitão-tenente da Armada, Marques Pinto.

Atestando a sua boa-fé, os réus referiram-se às duas declarações de venda dos veículos, deixadas em branco na 2.ª Repartição em EMGFA, em 11 de Março, e à contabilização que foi feita dos 240 contos. De acordo com o depoimento do Marques Pinto, os réus excederam-se nestas atitudes tendentes a assegurar a sua probidade. Aquela quantia destinava-se a financiar actividades secretas e, portanto, não era necessária qualquer justificação após a sua saída.

assembleia da república

Assessor do Governo conseguiu 18 "reservas"?

Depois do inquérito proposto pela ASDI – e aprovado por unanimidade no último plenário da Assembleia da República – sobre a compra de «Boeing B-727/200», o mesmo partido apresenta esta tarde um novo pedido de inquérito: sim ou não um assessor do Governo conseguiu 18 «reservas»? Dois inquéritos parlamentares que incidem sobre possível corrupção. Depois do anúncio do Governo AD de combate à corrupção e da polémica entre Governo e Conselho da Revolução sobre esta matéria, é a Assembleia da República que está a assumir essa tarefa.

Os trabalhos parlamentares estão em «compasso de espera». Em princípio, já no próximo mês, deverá principiar a discussão, em plenário, da revisão constitucional. Todos os partidos estão virados e a prepararem-se para esses debates.

Prosseguem, entretanto, os trabalhos das Comissões especializadas. Sabe-se já que o dirigente do CDS e ex-ministro das Finanças, Morais Leitão, deverá presidir à Comissão Parlamentar de Economia.

Também a proposta governamental sobre contratos a prazo não estará pronta para discussão em plenário antes do fim de Fevereiro. Este diploma, juntamente com dois projectos-leis sobre o mesmo assunto, apresentados pelo PS e UEDS, estão em estudo na Comissão parlamentar de trabalho.

A revisão e o PPM

O PPM inicia sexta-feira à noite uma série de colóquios sobre a revisão constitucional com uma exposição de Jorge Miranda (ASDI). Para os colóquios, os monárquicos convidaram constitucionalistas dos restantes partidos representados na Assembleia da República, acrescentou a mesma fonte.

Centristas ao ataque contra o Conselho da Revolução

Vasco Lourenço não reconhece ao CDS idoneidade para lhe fazer exigências

O CDS desencadeou ontem um novo confronto com o Conselho da Revolução, ao reagir violentamente a declarações do major Vasco Lourenço que, como porta-voz do CR, afirmou: «a revisão constitucional não pode ser feita num gueto».

A Comissão Política do CDS acusa Vasco Lourenço de «produzir afirmações que, mesmo na boca de um conselheiro da Revolução não podem deixar de considerar-se inconcebíveis e altamente ofensivas do regime democrático».

Vasco Lourenço, pronunciando-se sobre o documento Melo Egídio, afirmara que o Conselho da Revolução «não pretende tirar a mínima parcela de decisão» à Assembleia da República em matéria de revisão constitucional.

Depois de afirmar que o documento que o CEMGFA enviou à comissão de Revisão não foi interferência mas apenas um parecer e considerar o documento do Conselho Superior da Magistratura como «uma imposição muito maior do que a atribuída ao documento Melo Egídio», criticou, nos termos acima citados o secretismo com que têm decorrido os trabalhos da revisão constitucional.

O comunicado do CDS comparou estas declarações à afirmação do ex-deputado da UDP, Américo Duarte, quando qualificou o Parlamento a «um ninho de lacraus» – Vasco Lourenço, afirmam os centristas, «em matéria de disparates e de ofensas às instituições democráticas não é, nessa medida, inédito quando chama 'gueto' à Assembleia da República».

O comunicado termina, reclamando «do major Vasco Lourenço a reparação que não pode deixar de ser exigida a um membro de um órgão de soberania por esta ofensa à Assembleia da República e aos representantes do povo português».

Em contacto ao fim da manhã de hoje com o major Vasco Lourenço, este membro do Conselho da Revolução manifestou ao «DL» a sua perplexidade pela posição assumida pelo CDS.

Segundo disse, nas suas palavras não havia nenhuma intenção de ofender a Assembleia da República, «órgão que respeito, para além de eventuais discordâncias legítimas com algumas das suas decisões».

«O CDS, continuou Vasco Lourenço, está a criar um facto político onde ele não existe. Os fins que pretende atingir não os conheço. Mas isto parece uma cortina de fumo para desviar a atenção de problemas reais que o afligem mais neste momento».

«Teria todo o gosto, disse-nos ainda Vasco Lourenço, em fazer qualquer reparação, se isso fosse justificado. Mas de qualquer maneira, não reconheço ao CDS idoneidade para me fazer exigências».

Partidos devem à Previdência

Em 14 de Agosto do ano passado, data dos últimos dados disponíveis, havia 910 funcionários de partidos políticos inscritos na Segurança Social, com um débito total de seis milhões e 250 mil escudos.

Segundo a ANOP, que divulgava uma listagem elaborada pelo Instituto de Gestão Financeira da Segurança Social, as dívidas maiores são da parte do PCP e do PS. O que não admira, se se considerar o número de funcionários que os diversos partidos têm inscritos. De facto, dos 910 inscritos, 725 são do PCP, 89 do PS, 70 do PSD, cinco do CDS e três do MDP/CDE, havendo ainda 18 não discriminados. Com 725 funcionários inscritos, o PCP tinha, naquela data, dívidas que subiam a cerca de três milhões e 500 mil escudos. Com 89, o PS devia dois milhões e 200 mil escudos. Com três, o MDP/CDE devia 362 mil escudos. Com cinco, o CDS devia 204 mil escudos; e, com 70, o PSD devia apenas 14 mil escudos.

Solicitados pela ANOP, os partidos escusaram-se a fazer comentários, mas o PCP e o PS adiantaram que os números referidos estão desactualizados.

Não é esta a primeira vez que se fala das dívidas das formações partidárias à Segurança Social. Em Março do ano passado, lembra-se, a situação foi discutida na Assembleia da República, quando o então ministro dos Assuntos Sociais, Carlos Macedo, a ela se referiu. Na altura, o PCP protestou. E os deputados comunistas aproveitaram o protexto para denunciar que os restantes partidos, e principalmente os partidos da AD, tinham um sem-número de funcionários, sem estarem inscritos na Segurança Social.

"Um só missil destruiria Portugal!"

Crescem os apoios à Marcha da PAZ

A Marcha da Paz em Lisboa, do próximo sábado, continua a suscitar apoios crescentes da organizações sociais, órgãos autárquicos, sindicatos, etc., sendo já superior a 200 o número de entidades que manifestaram adesão aos objectivos da iniciativa – promovida pelo **Movimento de Opinião Pública Não - às Armas Nucleares.**

A **Federaçãoa dos Sindicatos das Indústrias de Celulose, Papel, Gráfica e Imprensa,** saúda no seu comunicado de apoio «esta iniciativa humanista e patriótica pela sua grande importância e oportunidade», sublinhando que «enquanto é tempo os trabalhadores, principais vítimas da corrida aos armamentos e da guerra, devem fazer tudo que esteja ao seu alcance para preservar a Paz».

A **Assembleia de Freguesia de Santo André (Barreiro), apoia também a Marcha e salienta que «sendo Portugal um País da Europa e o papel que o Governo AD-Balsemão-Freitas do Amaral tem desempenhado de submissão às intenções dos EUA, ignorando os profundos sentimentos de liberdade e independência do povo português, tendo em conta o perigo constante de estacionamento ou trânsito em Portugal de armas nucleares».**

A URAP (União de Resistentes Antifascistas Portugueses) «perfeitamente integrada nos objectivos da Marcha da Paz, apela à comparência de todos os seus associados, nessa importante jornada em defesa da PAZ».

A **UMAR** (União das Mulheres Antifascistas e Revolucionárias) lembra que «a instalação de armas nucleares na Europa é uma ameaça directa à paz dos povos europeus que se vêem confrontados com o perigo real da chamada «guerra nuclear limitada» e sublinha que as mulheres portuguesas «guardam, gravados na sua memória, os horrores da guerra colonial, os longos anos em que a dor, a angústia, morte e a destruição eram o nosso quotidiano».

Finalmente a UMAR apela a todas as mulheres que desçam à rua no próximo dia 16 e digam «Não» à instalação de armas nucleares no nosso país.

Também o **MDM** (Movimento Democrático de Mulheres Portuguesas) adere à iniciativa, começando por frisar que «nós mulheres, no nosso dia-a-dia difícil de casa, de emprego, de cuidar dos filhos, de fazer chegar para o mês inteiro os nossos magros salários esquecemos que corremos diariamente em perigo – uma possível guerra nuclear, que significaria o fim da Humanidade, a destruição da espécie humana». O MDM recorda Hiroshima e Nagasaki, adverte que basta um só míssil para destruir Portugal e apela igualmente à participação em força das mulheres na Marcha de Lisboa.

Manifestaram ainda, entre outras, apoio à Marcha da PAZ, o **Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Alimentares de Hidratos de Carbono do Sul e diversas organizações e estruturas associativas do concelho de Loures».**

Melo Antunes defende desnuclearização da Península Ibérica

O tenente-coronel Melo Antunes afirmou em entrevista à agência noticiosa soviética APN, divulgada terça-feira pela Rádio Moscovo, que «é necessário fazer todo o possível para que a Península Ibérica se torne uma zona desnuclearizada».

O conselheiro da Revolução defendeu que um dos principais passos para assegurar a paz no planeta seria a criação de zonas desnuclearizadas em todo o mundo.

Disse que «devido a uma série de circunstâncias, o continente europeu é a zona mais explosiva do mundo», lembrando que foi aqui que os principais conflitos mundiais tiveram início.

Existem agora – refeiu – condições para a criação no continente de uma série de zonas desnuclearizadas capazes de conduzir, no futuro, à transformação de toda a Europa num continente sem armas nucleares.

Depois de afirmar que «os esforços mais significativos» neste sentido têm sido empreendidos nos países escandinavos, Melo Antunes referiu a situação na Península Ibérica, salientando «a sua importância do ponto de vista de localização geográfica para a paz e a segurança na Europa».

Disse também que no que respeita a Portugal o facto de pertencer à NATO não implica a instalação automática de armas atómicas e defendeu ser indispensável que a Espanha também o não permita.

«Os Estados Unidos e os círculos mais belicistas da NATO tentam impor aos europeus a arma atómica. As forças democráticas e progressistas europeias, nomeadamente em Portugal e Espanha, têm pela frente uma dura luta contra estes planos militaristas» – disse Melo Antunes.

Tenente-coronel Melo Antunes

"Amigos da Terra" processam Movimento "Não às armas nucleares"

Os ecologistas vão proceder judicialmente contra o movimento nacional de opinião «Não às armas nucleares em Portugal» por utilização abusiva do «sol sorridente» contra a energia nuclear, anunciaram os «Amigos da Terra», Associação Portuguesa de Ecologistas.

«O sol sorridente é uma patente do movimento ecológico dinamarquês e está ligado à oposição à produção de energia nuclear», afirma aquela associação. «A sua utilização e reprodução só é permitida pelos grupos que se encontram na perspectiva do desenvolvimento social alternativo», acrescentam.

O MNANP, segundo os Amigos da Terra, não partilha de tais opções: «A confusão que pretende lançar, limitando o sol sorridente à oposição às armas nucleares, revela do mesmo género de oportunismo daqueles que o opunham ao marxismo e mostra à evidência a má fé do dito movimento».

Na mesma ocasião, os Amigos da Terra «denunciam o dito movimento patriótico como objectivamente contra a paz e o desanuviamento». Explicam:

«A paz não é parcelizável, nem nacionalizável. Só têm credibilidade os movimentos pela paz que se opõem a todos, mas a todos, os expansionistas bélicos, aos vários blocos militares, que colocam a tónica no desarmamento global, químico, bacteriológico e nuclear».

Divulgado apelo à solidariedade com o povo polaco

Um «Apelo à campanha de solidariedade com a luta do povo polaco» foi esta manhã divulgado em conferência de Imprensa. Os seus promotores, que se identificam com a área do socialismo democrático e estavam representados por Fernando Assis Pacheco, Marcelo Curto, Cabral Fernandes e José Falcão, fizeram questão em se demarcar inequivocamente das posições assumidas por pessoas e organizações de direita em relação à situação polaca.

O documento apela «para todos os antifascistas portugueses que se reclamam do socialismo, da liberdade e da democracia para que se unam (aos seus subscritores) numa campanha constante e activa (...) exigindo o fim do estado de guerra e da lei marcial na Polónia, o restabelecimento de todas as liberdades cívicas, a livre actividade do sindicato Solidariedade».

Assis Pacheco, do semanário «O Jornal», sublinhou que entre as pessoas que até agora subscreveram o apelo, um terço delas são jornalistas, sobretudo de «O Jornal» e «O Ponto».

Por outro lado, foi anunciada a realização em 30 e 31 deste mês de dois comícios de solidariedade com a luta do povo polaco, respectivamente no Porto e em Lisboa. Nas sessões estará presente um dirigente do sindicato Solidariedade que se encontrava no estrangeiro

Segunda-feira, 18

Governo debate adesão à CEE com alguns parceiros sociais

Apresentar as suas opiniões e ouvir as dos representantes empresariais e dos sindicatos relativamente ao processo de adesão à CEE, é o tema-base das audiências marcadas para segunda-feira próxima, entre o Primeiro-Ministro e os parceiros sociais.

As audiências separadas – iniciam-se de manhã, com representantes da Confederação do Comércio (CCP), com a CAP, com a CIP, com a CNAE (Confederação Nacional das Associações Empresariais) a CGTP e a UGT. A CNA (Confederação Nacional de Agricultura) representativa dos pequenos e médios agricultores do Centro e Norte do País, foi «esquecida» pelo Governo...

Pretende o Governo – segundo informou um seu porta-voz - debater também os «reflexos na política económica, social, financeira e laboral no ano de 1982» do programa de adesão ao Mercado Comum.

«Racionalizar» a 3 por cento

A primeira «reunião de racionalização» teve lugar ontem, em S. Bento, tendo por objecto o Ministério da Agricultura, Comércio e Pescas, para a definição da orientação a seguir na reestruturação deste departamento.

Esta reunião, a primeira de uma série a realizar periodicamente com os titulares de cada ministério e respectivos colaboradores, resulta de uma decisão do Conselho de Ministros.

O objectivo é atingir ganhos de produtividade pelo menos de 3 por cento, nas diversas áreas de acordo com o estabelecido na lei do Orçamento Geral do Estado.

Estas reuniões periódicas durante a execução orçamental de 1982, pretendem introduzir «um novo esforço de racionalização das estruturas, métodos e modos de funcionamento de todos os ministérios e departamentos».

Além do responsável de cada uma das diversas pastas e seus colaboradores participam nas referidas reuniões o Primeiro-Ministro o vice-Primeiro-Ministro, o ministro de Estado e das Finanças e Plano e o ministro da Reforma Administrativa.

Reuniu a Comissão Política do PSD

Com protocolo autárquico por aprovar o comunicado final só fala no PCP

«As acções em preparação visam essencialmente provocar a instabilidade política e a perturbação social, como objectivo cimeiro de impedir a revisão constitucional» – sublinha a Comissão Política Nacional do PSD, no comunicado final da reunião de ontem, na qual principiou a discussão do protocolo para as eleições autárquicas.

«As acções concertadas do PCP» são objecto de grande parte do texto final dos sociais-democratas, chegando mesmo a fazer o «timing» dessá «campanha»: «nessas acções se integram a Marcha da Paz, as greves meramente políticas em sectores vitais, a convocação da greve geral para 12 de Fevereiro, as campanhas pessoais já iniciadas em jornais comunistas, as pressões organizadas sobre a Assembleia da República, etc...»

«É para nós claro que nos encontramos numa primeira fase de movimentação comunista mas conhecendo-se a metologia do PCP é de admitir que numa fase posterior possam ser agravadas as formas de luta, englobando não só o aproveitamento dos conflitos laborais mas também criando novas zonas de conflito» – refere o comunicado.

Afirma que «todas estas fases serão decerto acompanhadas de intensa acção de propaganda aliás já iniciada, denegrindo a acção governativa e imputando ao Governo e à sua base política e social de apoio a intenão de golpe de Estado praticado com a suposta conivência do PS.

No final, a Comissão Política Nacional do PSD convida a «população a aderir a um movimento internacional simbólico de solidariedade com a Polónia: uma vela nas janelas no próximo dia 30».

Assembleia Municipal da Moita

MARCHA DA PAZ

Sábado, dia 16, às 15 horas

MOÇÃO

As Autarquias são as estruturas do Poder mais ligadas às populações, das quais os autarcas são os seus legítimos representantes. É neste quadro que assume particular acuidade e importância o papel das autarquias na luta pela Paz e na defesa das populações contra quaisquer tentativas ou planos que visem a instalação de armas nucleares em Portugal.

É preciso alertar a população portuguesa para os perigos que corremos se qualquer Governo autorizar a colocação de armas nucleares em Portugal. É necessário e urgente que se obtenha o consenso generalizado contra o perigo que pode vir a ameaçar todos os portugueses sem distinção de classe, partido, ideologia ou religião, porque a instalação de armas nucleares em Portugal, faria do nosso país, em caso de conflito, alvo preferencial e seria facilmente aniquilado.

Assim, o nosso principal objectivo na luta pela Paz é impedir a instalação, estacionamento e trânsito de armas nucleares no território e águas territoriais portuguesas, seja qual for a sua natureza, origem ou destino.

Nesse sentido, a Assembleia Municipal da Moita, reunida em 8 de Janeiro de 1982, delibera:

1 — Apoiar a Marcha da Paz, dia 16 de Janeiro, em Lisboa — do Saldenha ao Rossio
2 — Apelar à população do Concelho para que participe na Marcha da Paz e se manifeste contra as armas nucleares
3 — Exortar os portugueses a unirem-se em torno da defesa da Paz; pois nesta questão não há compromissos, cada pessoa enfrenta a escolha de defender a vida e impedir a morte.

NÃO ÀS ARMAS NUCLEARES EM PORTUGAL!

PELA PAZ! PELO DESARMAMENTO!

Moção aprovada por unanimidade
Moita, 8 de Janeiro de 1982

Queda do Governo não depende do PS

Continuação da pág. 1

nos e José Manuel dos Santos.

Apesar desta afirmação poder ser entendida como uma convite ao general Eanes para demitir o Governo, Soares, perante a curiosidade dos jornalistas, recuou de imediato, insistindo que o PS «não quer pressionar o PR, como o tem feito o PCP». Interrogado pelo «DL» – queríamos saber se o PS apoiaria o PR na demissão do Governo, dissolução da Assembleia e marcação de novas eleições legislativas – Mário Soares refugiou-se em vagas declarações de princípio, afirmando nomeadamente que é o PR que tem de decidir e «não tem que se refugiar atrás dos partidos». Acrescentou, todavia, que o PS está disposto a dizer ao Presidente, «muito honestamente», o que pensa da situação, mas para isso é necessário que Ramalho Eanes chame os partidos a Belem. Disse ainda, que é preciso, no caso de o PR vir a tomar uma atitude dessas, saber as razões porque demite o Governo e dissolve a Assembleia.

Apesar do documento lido por Soares traçar um quatro bastante negro da actual situação política, económica e social; apesar de aí se afirmar que o descontentamento popular é generalizado e que as dificuldades de vida aumentam todos os dias de forma intolerável, especialmente para os mais desfavorecidos;
apesar de se referir o aumento considerável das tensões sociais por o Governo Balsemão não saber dialogar com os parceiros sociais; apesar de se relatar com pormenor o descrédito em que a AD actualmente se encontra («falta de consistência da equipa governativa; linhas de clivagem manifestas na coligação; desprestígio crescente do Primeiro-Ministro; progresso do negocismo e da corrupção; paralisia da Administração Pública; sentimento generalizado de que a 'AD' acabou»); apesar de se dizer que a «continuidade do actual Governo arrastará o País necessariamente para uma situação ainda muito mais crítica e tremendamente perigosa para a estabilidade das instituições democráticas»; apesar de tudo isso, diziamos, Mário Soares afirmou que o PS não apoia a greve geral da CGTP marcada para 12 de Fevereiro porque ela se integra na estratégia do PCP de desestabilização do regime... Além disso – disse respondendo ao «DL» – o PS não apoia essa greve pela maneira «divisionista» como foi convocada pela CGTP-IN, a qual se recusa a dialogar com a UGT. A propósito lembrou que o PS afirmou publicamente apoiar a greve nacional marcada pela UGT, que, como se sabe, foi «adiada» pelo Governo.

Na conferência de Imprensa desta manhã o PCP e «a sua política aventureirista» acabou quase por ser o tema central, tão preocupados se mostraram os dirigentes do PS com a actividade dos comunistas. A revisão constitucional (nomeadamente quanto à nomeação das chefias militares e aos poderes do PR) foi também analisada, tendo Almeida Santos sido o principal autor das intervenções

comunicação social

Que é feito dos financiamentos?

PCP interroga Executivo sobre "A Tribuna"

Sobre a situação dos trabalhadores do jornal «A Tribuna» foi entregue ao Governo um requerimento pelo Grupo Parlamentar do Partido Comunista Português. O documento, no âmbito da Assembleia da República, foi endereçado ao Ministério do Trabalho.

No referido requerimento, apresentado pelo deputado Jorge Lemos, o Executivo é interrogado sobre as medidas já adoptadas para averiguar onde foram gastos alguns milhares de contos de financiamento concedidos à empresa proprietária de «A Tribbuna», matituto conotado com a AD e que se deixou de publicar em Maio passado.

A empresa proprietária, de nome Interpresarial, deu de barato todas as responsabilidades administrativas após ter obtido cerca de oito mil contos de financiamentos. Desta verba, a empresa despendeu pouco mais de mil no pagamento de salários em atraso.

O Governo é interrogado sobre as diligências que foram ou venham a ser feitas no sentido de apurar responsabilidades quanto ao prejuízo sofrido pelos trabalhadores e quanto à delapidação de dinheiros do Estado.

PSD à RTP: «quando finda marginalização do Sotavento algarvio...?

O deputado do PSD pelo Algarve, Daniel Dias, requereu à Assembleia da República para que a RTP o informe de quando pensa «deixar de marginalizar o Sotavento algarvio».

De acordo com aquele deputado, o requerimento encontra a sua justificação no facto de o retransmissor que cobre o Sotavento algarvio estar «frequentemente avariado, umas vezes por falta de energia, outras por deficiências técnicas».

No documento que enviou à AR, Daniel Dias refere que «durante bastante tempo o Sotavento algarvio só via a RTP até determinada hora, em virtude de o automático daquele retransmissor desligar antes de terminar a emissão de Lisboa».

Para além deste contratempo, o mesmo deputado denunciou ainda outros problemas. Por exemplo: as constantes interferências das televisões espanhola e marroquina, devido à fraca potência do retransmissor, as quais, como é óbvio, prejudicam a recepção em boas condições da Televisão portuguesa.

Reagan toma medidas

O presidente Ronald Reagan acaba de tomar uma série de decisões para tentar acabar com a «hemorragia» de fugas nos domínios da política externa e da segurança nacional dos Estados Unidos.

«A publicação de informações secretas ou de relatórios confidenciais representa enorme problema no interior do Governo americano. Isto não deve continuar» – acrescentou Reagan num comunicado anunciando estas decisões.

Para tentar pôr-lhe termo, Reagan ordenou designadamente a abertura sistemática de inquéritos acerca das pessoas que tenham acesso a informações secretas de cada vez que haja sido publicada uma informação classificada de «secreta».

Preconizou Reagan também ue todos os contactos entre a Imprensa e responsáveis do Governo em que sejam abordados problemas de segurança nacional ou informações classificadas de secretas sejam autorizados previamente.

Propôs ainda Reagan limitar «ao mínimo indispensável» o número de pessoas que terão doravante acesso, no interior do Governo Federal, aos processos ou discussões relacionados com a segurança nacional ou certos aspectos da política externa americana.

Um alto responsável da Casa Branca precisou, ao anunciar estas decisões, que diversas das fugas ocorridas recentemente na Imprensa a respeito das decisões de política interna do presidente Reagan comprometeram fontes de informação, puseram vidas em perigo e impediram Reagan de desenvolver mais demoradamente a sua reflexão quanto a um processo em estudo. Que processo...?

Romagem à campa do prof. Dias Amado

Passando, no próximo dia 22 de Janeiro, o primeiro aniversário do falecimento do professor Doutor Luís Ernâni Dias Amado, amigos e admiradores do ilustre democrata decidiram levar a efeito uma romagem à sua campa no Cemitério do Lumiar. Esta romagem de preito e de saudade ao combatente da Liberdade que foi Dias Amado, é promovida por uma comissão da qual fazem parte o Professor Dr. Adelino da Palma Carlos, o Professor Engenheiro Henrique de Barros, o Dr José Magalhães Godinho, o Dr. Teófilo Carvalho dos Santos, o embaixador Dr. Mário Neves, o Embaixador Dr. Francisco Ramos da Costa, o Comandante Eng.º Simões Coimbra o Dr. Raul Rego, a Dr.ª Maria de Jesus Barroso Soares, o Dr. Ramon de La Féria, a Dr.ª Alcina Bastos, o pintor Carlos Botelho, o Dr. Joaquim Jacobetty Rosa, José Garrido e Fernando Piteira Santos.

A deposição de flores, na campa do Professor Doutor Luís Ernâni Dias Amado, terá lugar pelas 12.30 h. do dia 23, sábado, no Cemitério do Lumiar.

Em Espinho

Encerrou a mostra de calçado

O secretário de Estado da Exportação, Faria de Oliveira, encerrou em Espinho a oitava mostra de calçado português (MOCAP), que decorreu nos últimos três dias numa unidade hoteleira.

Faria de Oliveira, que se deslocou a Espinho em representação do Primeiro-Ministro, visitou demoradamente os pavilhões dos 81 expositores presentes, representativos da quase totalidade das 900 empresas do sector do calçado existentes em Portugal.

Numa curta troca de impressões com os jornalistas, Faria de Oliveira realçou a necessidade de se melhorar a produtividade na indústria nacional de calçado, «realmente baixa em relação aos países da CEE», disse.

Considerou igualmente desejável elevar o nível salarial dos trabalhadores do sector, mas sublinhou que esta meta só será possível atingir com uma melhoria na qualidade e na produtividade, de forma a tornar a indústria mais competitiva com os países produtores europeus.

Alfredo Moreira, da Associação Portuguesa dos Industriais de Calçado, declarou: que as perspectivas da mostra são animadoras em relação ao inicialmente previsto.

A organização do certame, visitado por 216 importadores, na sua maioria da Europa Ocidental, considera que o local (Espinho) e a data não foram os mais indicados para a promoção da indústria nacional de calçado.

«Esta mostra, adiantou Alfredo Moreira, não se destina a vender o produto directamente, antes tem como objectivo dar a conhecer as colecções e fornecer amostras aos potenciais importadores para serem apresentadas junto do seus clientes».

«Daí que um balanço definitivo desta MOCAP só possa ser feito com alguma exactidão ao longo dos próximos meses», acrescentou. A indústria do calçado, que utiliza 20 a 30 por cento de matérias-primas importadas, emprega cerca de 30 mil pessoas e contribui em 1981 com cerca de oito mil milhões de escudos nas exportações nacionais (cerca de 16 milhões de pares de sapatos).

"Moon Fish" a reparar enquanto decorre inquérito

Comandante afirma conhecer bem a entrada da barra de Lisboa

As autoridades marítimas estão a proceder a um inquérito acerca das condições em que ocorreu o encalhe do «Moon Fish», nas areias do Bugio, no passado dia 28 de Dezembro. Trata-se, segundo nos declarou esta manhã o comandante Sousa Leitão, comandante de capitania do Porto de Lisboa, de um inquérito normal, feito sempre que ocorre um acidente marítimo.

Entre as autoridades marítimas causou alguma estranheza o encalhe do barco, tanto mais que a entrada do Tejo se encontra bem sinalizada. O comandante do «Moon Fish» declarou no entanto às autoridades marítimas que conhece bem a entrada da barra do Tejo e que após ter sido autorizado para entrar, devido a uma avaria numa hélice, à violência do vento e às vagas altas que se faziam sentir, não conseguiu o enfiamento do porto, tendo sido levado para as areias do Guincho.

Declarou também que todos os elementos da tripulação ficaram de livre vontade a bordo, apesar dos constantes auxílios oferecidos pelo comandante da capitania do Porto de Lisboa.

Entretanto, o comandante Anglo, administrador da empresa proprietária do «Moon Fish», esteve na capitania do Porto de Lisboa para agradecer todo o apoio dado ao barco não só pelo comandante da capitania como pela Marinha e pela Força Aérea.

Efectivamente, apesar de se terem mantido a bordo, os tripulantes tiveram sempre apoio de lanchas da Marinha, de helicópteros e barcos salva-vidas, ao mesmo tempo que estiveram permanentemente em contacto por fonia com as autoridades marítimas portuguesas.

O facto de ter sido um salvádego espanhol a desencalhar o «Moon Fish» de modo algum põe em causa o empenhamento e a eficiência do pessoal português envolvidos na operação. Demonstra apenas que Portugal, dispondo de meios diversos de salvamento, não dispõe de um salvádego, ou seja, de um rebocador de alto mar com potência suficiente para proceder ao desencalhe de navios em situações como esta.

Talvez seja uma boa oportunidade para que os responsáveis governamentais reexaminem com os responsáveis da Marinha a questão dos meios de salvamento.

Entretanto o «Moon Fish», navio apoio a plataformas de pesquisa de petróleo, de 880 toneladas, encontra-se agora na doca seca da Lisnave, na Rocha do Conde de Óbidos, para sofrer reparações importantes. Além de apresentar deformações no fundo tem ainda outras avarias provocadas pelo acidente.

Em estudo uma transportadora aérea nos Açores

Uma companhia aérea norte-americana começou ontem a elborar um estudo destinado a definir a viabilização da Transportadora Aérea Açoriana (SATA), soube a ANOP junto da administração daquela empresa regional.

O estudo – disse Pacheco Costa – custará à SATA cerca de oito milhões de escudos.

Este documento terá em conta a eventual redução das despesas fixas da companhia e a expansão da sua actividade para fora do arquipélago, já autorizada pelo seu estatuto.

O estudo, que deverá estar concluído dentro de três meses, definirá também o tipo de aviões a utilizar pela SATA, com vista a tornar as suas operações rentáveis.

Com três «Avros» ao serviço, a transportadora aérea regional, que voa apenas entre as ilhas dos Açores, tem um prejuízo diário da ordem dos 900 mil escudos.

Os trabalhadores da empresa elaboraram há cerca de dois anos, um estudo de viabilização económica da empresa, sobre o qual ainda não se pronunciaram oficialmente o Executivo açoriano e a SATA.

A proposta dos trabalhadores aponta, designadamente, que a empresa voe regularmente para o continente e Madeira.

Electrificação total na Guarda

A luz eléctrica vai ser inaugurada em 21 localidades do concelho da Guarda no dia 17, correspondendo a um investimento superior a 27 milhões de escudos – soube hoje a ANOP de fonte municipal.

O presidente do executivo Abílio Curto disse à ANOP que «numa acção conjunta com a Electricidade de Portugal, o concelho da Guarda deverá ficar completamente electrificado até finais de 1982».

Depois de realçar o trabalho desenvolvido por aquela empresa indicou que «apenas faltam electrificar no concelho 15 povoações, onde vão ser investidos 30 milhões de escudos».

A cobertura do concelho em energia eléctrica orça em 150 milhões de escudos, dos quais cem milhões foram já dispendidos – precisou o autarca.

Abílio Curto manifestou-se também contra «a reprivatização da EDP que tem estado – adiantou – ao serviço do progresso português».

Covilhã: os impostos e as finanças

Estado vai buscar onde há mas não toca onde não há

COVILHÃ, 14 – A Câmara Municipal da Covilhã suporta anualmente encargos de luz, água e rendas de casa da GNR e da PSP, forças que dependem do Ministério da Administração Interna, num valor de cerca de quatro mil contos.

O presidente da Câmara, Lopes Teixeira, referiu este aspecto para pôr ênfase no facto das receitas municipais não chegarem para acorrer aos encargos correntes. As receitas da Câmara Municipal da Covilhã baixaram significativamente e, a manter-se o actual ritmo, não será nos próximos anos que se resolverão no concelho os graves problemas de infra-estruturas.

Lopes Teixeira sublinhou aquela e outras questões num relatório introdutor ao Plano e Orçamento da edilidade para este ano, indicando que dos 75 milhões de contos que deveriam caber às CM's no ano passado, apenas foram concedidos pelo Governo 35 milhões. Hoje, «a tão falada, mas ilusória, Lei das Finanças Locais tornou-se, por culpa dos sucessivos governos, num documento de suplício e ultraje à administração municipal», acrescenta-se na nota.

O relatório adianta que, por outro lado, o imposto de comércio e indústria de 1979 passou a constituir receitas do Estado, enquanto a contribuição predial e o imposto sobre veículos colectados pela edilidade atingem valores mínimos, pouco significativos. Isto é, no entendimento do presidente da CM covilhanense: o Estado vai buscar onde há e não toca no que não há.

Em BUARCOS o Diário de Lisboa
vende-se na PAPELARIA SATÉLITE

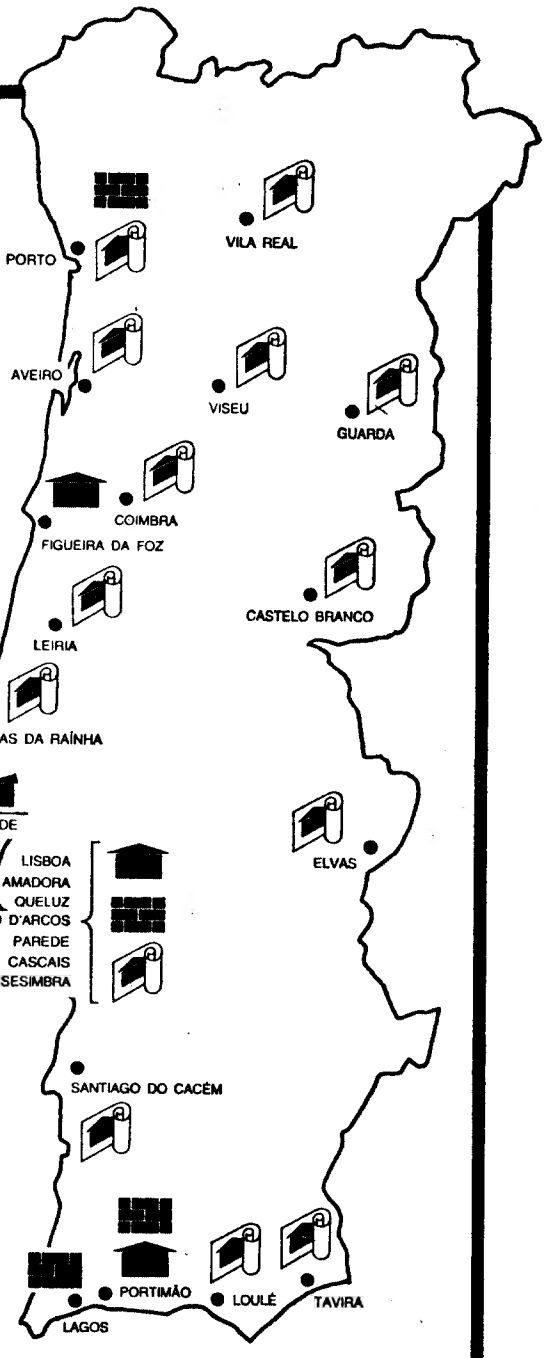
PROJECTAMOS, CONSTRUIMOS E VENDEMOS HABITAÇÕES EM TODO O PAÍS

TALAÍDE O MAIOR CENTRO NEVRÁLGICO DE PRODUÇÃO DE HABITAÇÕES

HABITAÇÕES CONSTRUÍDAS OU EM ACABAMENTO
PAÇO DE ARCOS, AMADORA, QUELUZ, PAREDE, CASCAIS, FIGUEIRA DA FOZ, PRAIA DA ROCHA

PROJECTOS EM CURSO PARA CONSTRUÇÃO EM 1982
PORTO, QUELUZ, CASCAIS, PAREDE, LISBOA, PRAIA DA ROCHA, PRAIA DA LUZ.

ESTUDOS PARA FUTURAS CONSTRUÇÕES
VILA REAL, PORTO, AVEIRO, VISEU, GUARDA, COIMBRA, CASTELO BRANCO, LEIRIA, CALDAS DA RAÍNHA, LISBOA, SESIMBRA, ELVAS, SANTIAGO DO CACÉM, TAVIRA E LOULÉ.



PREPARAMO-NOS PARA ENTREGAR 1000 HABITAÇÕES EM 1982 E 1500 HABITAÇÕES EM 1983.

habiturismo j. pimenta

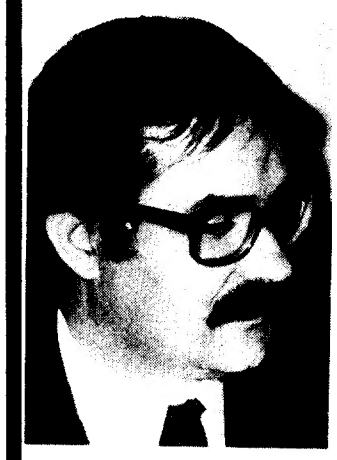
Lisboa – Campo Mártires da Pátria, 96-2.º – 1100 Lisboa – Telef. 55 88 51 Telex 42681 JPCMP P
Queluz – Rua Mateus Vicente de Oliveira, 18 – 2745 Queluz – Telef. 95 20 21/5 Telex 16111 P
Cascais – APARTHOTEL EQUADOR – Conjunto Turístico da Pampilheira – 2750 Cascais
Telefs. 28 40 524 / 28 40 549 / 28 40 624 / 28 40 724 / 28 40 824 Telex 42144 EQADOR P
Talaíde – Complexo Industrial de Talaíde – 2780 Oeiras – Telef. 24 40 396/7/8 Telex 42375 JPCIT P
Praia da Rocha – ROCHA PRAIA-MAR – TRÊS CASTELOS – 8500 Portimão – Telefs. 2 60 20/2 44 46
Porto – Centro Comercial Sirius – Rua 5 de Outubro, 156 r/c Loja 1 – 4100 Porto – Telef. 66 72 97
França – 11 Residence des Mourinoux Escalier – 3 Avenue de la Redoute – Telef. (1) 795-90 92 60 00 – Asniers-França
Brasil – Av. Franklin Roosevelt, 137/701 – CEP 20021 Rio de Janeiro – Telef. 220 95 65 Telex 2133222 JOPI BR

de ontem para hoje

Avião desviado: da Portela para Madrid

Um passageiro de nacionalidade alemã embarcado no aeroporto da Portela desviou anteontem à noite para Madrid um voo da Alitália da carreira Lisboa-Milão-Roma. Detlef Obst, de 35 anos, obrigou os pilotos a alterar a rota ameaçando-os com uma bomba colocada no aparelho. Fontes policiais na capital espanhola disseram que o pirata aéreo, que provavelmente se encontrava «dopado», não ofereceu qualquer resistência às autoridades depois do aparelho ter aterrado. Obst foi internado provisoriamente numa clínica psiquiátrica. Quanto ao avião prosseguiu viagem pouco tempo depois.

Casa do Alentejo: tomada de posse dos novos corpos gerentes



Serão empossados amanhã, a partir das 21 e 30, os corpos gerentes da Casa do Alentejo, eleitos para o biénio 1982/1983. A encerrar a cerimónia actuarão dois grupos corais. Os novos corpos gerentes apresentam como presidente da assembleia geral, o dr. Macaísta Malheiros (foto), e como presidente da Direcção, Domingos António Xarepe. Entretanto, em nota ontem divulgada, a Casa do Alentejo anunciou a realização da Semana do Concelho de Barrancos, entre 16 e 23 do corrente.

«Medicina e Direito»: um colóquio do Centro de Estudos Judiciários

Departamentos do Ministério da Justiça e da Faculdade de Medicina de Lisboa, soube-se ontem, irão iniciar a 18 de Janeiro um ciclo de estudos como tema genérico «Medicina e Direito». A iniciativa, do Centro de Estudos Judiciários e da Cadeira de Medicina Legal e Toxicologia Forense, reunirá especialistas que orientarão temas como Biologia Forense e Investigação da Paternidade, Toxicologia Forense, Peritagem Contraditória ou Responsabilidade Civil do Médico. As sessões decorrerão até ao próximo dia 15 de Fevereiro no Centro de Estudos Judiciais, em Lisboa, estando abertas a juristas, médicos e estudantes.

Embaixada da Polónia: carta da UGT vai ser devolvida

A Embaixada da Polónia em Lisboa anunciou ontem que irá devolver a carta entregue de manhã naquela representação diplomática por responsáveis da UGT, exigindo «a libertação imediata de todos os sindicalistas da Solidariedade». Os dirigentes da UGT exprimem na carta «o mais vivo repúdio pela violação dos direitos e das liberdades do povo polaco» desde a proclamação do estado de emergência na Polónia. Depois de referir que a carta foi entregue por responsáveis da UGT «ao porteiro e não ao embaixador», como foi afirmado pelos próprios sindicalistas, um porta-voz da representação polaca alegou que «o responsável da sede diplomática só recebe o que julga justo receber e não o que se pretende entregar ali».

«Fantasporto/82»: reafirmar o género fantástico

O «Fantasporto-82», forum cultural que inclui sessões dedicadas às artes plásticas, música, magia, teatro e cinema realiza-se no Porto de 16 do corrente a 21 de Fevereiro, no Auditório Nacional de Carlos Alberto, nas duas salas do cinema Lumiére, na Cooperativa Árvore e no Instituto Francês. Em conferência de Imprensa destinada à apresentação do certame, os organizadores afirmaram ontem que a mostra se destina a «reafirmar o género fantástico em todas as suas expressões artísticas». Assim o «fantasporto-Teatro» incluirá a participação de seis grupos de teatro (Teatro Universitário do Porto, Pé de Vento, Cena, Teatro Artimagem, Teatro Amador de Intervenção e Cooperativa Realejo).

Juntas AD: Porto em «estado de excepção»

Os presidentes das Juntas de Freguesia do Porto aprovaram ontem uma moção, apoiando todas as acções da edilidade local para que a cidade seja «considerada em estado de excepção», quanto a carências habitacionais. Subscreveram o documento as Juntas de Nevogilde, Paranhos, Lordelo, Campanhã, Massarelos, Vitória, Ramalde, Bonfim, Santo Ildefonso e Foz, todas com executivos AD. As Juntas da Sé (PS) e Miragaia (APU) votaram contra, tendo-se abstido a freguesia de Aldoar (AD) por ausência do seu presidente e a de S. Nicolau (PS). A freguesia de Cedofeita não compareceu à reunião.

Palmira de Abreu: a morte de uma velha ardina

No Hospital de S. José faleceu ontem Palmira de Abreu (foto), de 83 anos, uma das mais antigas ardinas portuguesas (a sua última banca foi no Chiado, junto ao Eduardo Martins). Palmira de Abreu era mãe de Elisa de Abreu, sogra de João Maria Silva Graça (o «Esfola») e avó de Fernando Graça, todos eles igualmente ardinas, a quem o «DL» apresenta condolências. O funeral realiza-se amanhã pelas 10 e 30, da Igreja de Santos o Velho para o Cemitério da Ajuda.

Vamos ter centrais nucleares ou não?

Governo ainda não sabe mas à cautela EDP inicia estudos

A EDP já iniciou a elaboração de uma carteira de sítios possíveis para a instalação de centrais nucleares no nosso País, apurou o «DL».

Um porta-voz daquela empresa pública confirmou o arranque desses estudos, por indicação oficial do ministério da tutela (Indústria, Energia e Exportação).

A mesma fonte sublinhou que «o processo está muito no início», dependendo a sua conclusão da profundidade a que for levada a análise de alguns dos locais em questão.

Um responsável da Direcção-Geral de Energia, por seu turno, declarar-nos-ia que o seu departamento ainda não tinha conhecimento oficial da responsabilidade atribuída à EDP, embora, acrescentou, soubesse que «o Governo dera indicações à EDP nesse sentido».

A metodologia adoptada parte de uma enunciação prévia de locais, em função da totalidade do território nacional, procedendo-se progressivamente, e por eliminação, à selecção de um reduzido número de locais,que serão objecto de estudos aprofundados.

Só nesta fase, afirmou aquele responsável, diversos departamentos oficiais (entre os quais o Gabinete de Protecção e Segurança Nuclear) serão chamados a emitir parecer.

Neste mesmo departamento, fomos informados de que «apenas,e m devido tempo, procederemos à avaliação dos trabalhos apresentados pelo respectivo grupo de estudo».

Este conjunto de informações ser-nos-ia confirmado ainda por Veiga Simão, presidente do Laboratório Nacional de Engenharia e Tecnologia Industrial (LNETI).

Indefinição energética e contradições

Os estudos desenvolvidos pela EDP decorrem de uma decisão divulgada no último trimestre do ano passado por Baião Horta, segundo o qual o Governo decidira avançar com estudos para definir um conjunto de hipóteses de localização de centrais nucleares, embora não tivesse ainda sido tomada, na altura, qualquer decisão de fundo sobre a opção nuclear.

No entanto, recorde-se, era o próprio relatório de gerência da EDP, relativo ao ano de 1980, a declarar que «prosseguem os estudos de anteprojecto para a primeira central», conforme o nosso jornal escrevia em 5 de Novembro do ano passado. No mesmo documento, escrevia-se que tinha sido decidido «um programa de trabalhos complementares a realizar no campo da geologia e sismologia, bem como um programa de estudos e selecção de novos sítios, a iniciar em 1981».

As considerações formuladas pela EDP mereceram, alguns dias mais tarde, uma resposta – comentário da Secretaria de Estudo do Ordenamento e Ambiente, em que se afirmava que «o problema da energia nuclear não pode ser equacionado nos termos veiculados pela EDP, termos restritivos que não têm em conta o imperativo da conformação da política energética a uma política do Homem mais ampla».

As contradições a nível governamental parecem ainda mais nítidas, nesta matéria, se tivermos em conta, por exemplo, a entrevista de Ribeiro Teles ao Expresso (17 de Outubro de 1981), onde o ministro da Qualidade de Vida afirma peremptoriamente que «no nosso País já se deixou de falar nisso» (centrais nucleares). A instalação de centrais, diria ainda, «não é economia nem viável em Portugal e não resolverá qualquer necessidade da economia portuguesa».

Finalmente, registe-se declarações produzidas no Verão passado por Baião Horta, contrariando as posições pró-nucleares de Álvaro Barreto (que foi titular da mesma pasta) e Nobre da Costa. «A mais importante fonte alternativa do petróleo é o carvão», afirmou em discurso definidor das posições do VII Governo em matéria de política energética, e que não se alteraram ao que se sabe, no executivo seguinte.

Quanto à energia nuclear, Baião Horta sublinhou que seria necessário aguardar pela resolução dos «problemas científicos que os países nucleares avançados ainda não resolveram».

Tudo parece, portanto, indicar que não haverá centrais nucleares em Portugal antes do ano 2000. Mas, ainda assim, é caso para perguntar: senhores governantes, em que ficamos?

Revisão constitucional

Um esclarecimento de A. Carrapato

«No número de 8 do corrente mês do jornal que V.EX.ª proficientemente dirige vem publicada uma informação acerca da Revisão Constitucional, sob a epígrafe «Menos poderes do PR sobre as Regiões Autónomas», em que se dá conta de que «o Presidente da República não poderá suspender os órgãos regionais, se for aprovada a alteração à Constituição ontem aprovada na Comissão de Revisão pela AD e pela FRS».

«A notícia é incompleta. Exibe lacunas que convém integrar.

«Segundo o texto actual da Lei Fundamental, o PR pode dissolver ou suspender os órgãos das regiões autónomas, **por prática de actos contrários à Constituição.**

«Ora, no consenso estabelecido na Comissão, o poder de dissolução dos órgãos das regiões autónomas mantém-se. Desaparece o inciso expresso e mínimo – poder de suspensão – mas não desaparece o máximo – poder de dissolução.

«Pareceu desnecessário conservar expressamente na redacção do art.º 234.º o poder tutelar de suspender um órgão pela prática de actos contrários à Constituição, quando o poder de tutela do PR se estende ao poder de dissolver esse órgão; e não ser curial que pela prática de actos contrários à Constituição a acção tutelar se limitasse à suspensão, que implica **salvação** do órgão prevaricador, quando essa acção deve ir até à dissolução.

«E sempre se avança que o projecto da AD era o de que a acção tutelar do PR se confinasse às assembleias regionais, deixando de fora os executivos. Nesse ponto não houve acordo, e a acção tutelar do PR dirige-se a todos os órgãos, assembleias e governos.

«Mais ainda: o projecto da FRS **amplia** o poder tutelar de dissolução dos órgãos das regiões autónomas, relativamente ao texto actual, em termos de ele poder ser exercido pelo PR não apenas no caso de prática de actos contrários à Constituição, como prevê, tão-só, o texto de 1976, mas ainda, além desse caso, no de grave violação do estatuto da região respectiva. No balanço geral, trata-se duma ampliação, e não da redução, de poderes tutelares do PR, para a qual as demais forças políticas, diga-se, mostraram abertura».

Júlio Filipe de Almeida Carrapato

JUNTA DE FREGUESIA DA BAIXA DA BANHEIRA

MOÇÃO MARCHA DA PAZ 16 de Janeiro de 1982

A luta para preservar as gerações vindouras do flagelo da guerra é um dos objectivos mais elevados do nosso tempo. O Mundo não precisa de programas de armamento, nem de resoluções sobre mísseis nucleares ou de conceito de guerras nucleares limitadas.

Todos podemos e devemos contribuir para a redução das tensões internacionais e o impedimento de um conflito nuclear, que a realizar-se teria consequências inimagináveis para toda a Humanidade.

Os povos europeus e dos Estados Unidos têm-se inequivocamente manifestado contra a corrida aos armamentos e esperam legitimamente que as negociações de Guerra ponham um travão à loucura de construir cada vez mais armas de destruição em massa.

Também os Portugueses, independentemente das suas convicções políticas e religiosas, devem fazer ouvir a sua voz para que Portugal seja poupado à nuclearização militar do seu território.

Todos os Portugueses, amantes da Paz devem manifestar a sua rejeição à instalação, estacionamento e trânsito de armas nucleares no território e águas territoriais portuguesas, seja qual for a sua natureza, origem ou destino.

A este respeito, a Junta de Freguesia da Baixa da Banheira reunida em 4 de Dezembro de 1981, decidiu:

1 Apoiar a MARCHA DA PAZ a realizar em Lisboa, em 16 Janeiro de 1982
2 Aderir ao patriótico movimento «NÃO ÀS ARMAS NUCLEARES EM PORTUGAL»
3 Apelar à população da freguesia da Baixa da Banheira para que participe na Marcha da Paz e se manifeste contra a corrida aos armamentos, pela segurança, pela Cooperação e pela Paz.

NÃO ÀS ARMAS NUCLEARES EM PORTUGAL!
PELA PAZ! PELO DESARMAMENTO!

Moção aprovada pelo Executivo da Junta de Freguesia Baixa da Banheira, 4 de Dezembro de 1981

Câmara Municipal da Moita

MARCHA DA PAZ — 16 DE JANEIRO DE 1982 —

MOÇÃO

O Movimento «NÃO ÀS ARMAS NUCLEARES» é um alerta à população contra o perigo do armamento nuclear em geral e contra a presença dessas armas em território nacional. Nesse sentido, organiza a grandiosa MARCHA DA PAZ, dia 16 de Janeiro, em Lisboa — do Saldanha ao Rossio.

O principal objectivo da manifestação é a rejeição à instalação, estacionamento e trânsito de armas nucleares no território e águas territoriais portuguesas, seja qual for a sua natureza, origem ou destino.

A Câmara Municipal da Moita, uma das muitas estruturas aderentes a este patriótico movimento de opinião, reunida em 30 de Dezembro de 1981, decide:

1 — Participar activamente, a nível concelhio, nos preparativos da Marcha da Paz
2 — Apelar a toda a população do Concelho que participe na Marcha da Paz e se manifeste contra a corrida aos armamentos, pela segurança, pela cooperação e pela Paz.
3 — Alertar a população portuguesa para os perigos que todos corremos se qualquer Governo vier a autorizar a colocação de armas nucleares em Portugal.

NÃO ÀS ARMAS NUCLEARES EM PORTUGAL!
PELA PAZ! PELO DESARMAMENTO!
Moção aprovada por unanimidade
Moita, 30 de Dezembro de 1981

Começa a vigorar dentro de seis meses

Ensino de condução automóvel só com licença titulada por alvará

O ensino da condução automóvel só poderá ser exercido em escolas sob regime de licença titulada por alvará, determina um diploma publicado na passada terça-feira no «Diário da República», e que entra em vigor seis meses a partir desta data.

O Governo estabelece, de acordo com o Ministério da Habitação, Obras Públicas e Transportes, o novo regime do ensino da condução em Portugal com o objectivo de melhorar a formação dos condutores e o funcionamento das escolas, de forma a minorar os índices de sinistridade rodoviária.

Os infractores a estas disposições, sublinha o mesmo diploma, serão punidos com o cancelamento da licença de instrutor.

De acordo com o decreto 6/82, serão punidos os instrutores que não estiverem habilitados ao exercício da actividade com uma multa que pode variar entre dez e 50 mil escudos, e outra de 50 a 250 mil escudos a quem explora o ensino.

Os instrutores por conta própria existentes à data da entrada e vigor do presente diploma, podem, contudo, continuar a exercer essa actividade no concelho que constar da respectiva licença, pessoal e instransmissível que caducará por morte do titular.

Os veículos licenciados para a instrução só podem ser utilizados pelo titular da respectiva licença.

O diploma disciplina a criação de escolas classificadas especiais, destinadas ao ensino da condução de automóveis pesados de passageiros, podendo a concessão deste tipo de licença ser suspensa temporariamente nos concelhos em que a abertura de novas escolas seja desaconselhável.

A Direcção-Geral de Viação poderá, ainda, cancelar o alvará das escolas de condução que por período superior a um ano se mantenham inactivas ou que por negligência, sustentem situação irregular por período superior a seis meses.

As escolas de condução apenas poderão ministrar o ensino no concelho em que se situem, podendo as escolas normais (não especiais) exercer a sua actividade fora do concelho, caso o instruendo não se localize na área de implantação da escola, ou a frequência de lições práticas em vias não urbanas seja obrigatória.

O regime do ensino da condução estabelece que o funcionamento das escolas de condução não pode iniciar-se antes das 7.00 nem concluir-se depois das 23.00, sendo proibida qualquer actividade aos domingos e feriados.

O número de alunos, em função das respectivas áreas das salas, não poderá exceder o total de 30, sendo as escolas sancionadas com uma multa de dois a dez mil escudos por cada instruendo excedente – determina o diploma.

O que custa tirar carta?

Entretanto, um pequeno inquérito realizado esta manhã pelo nosso jornal junto de algumas escolas de condução da capital, permitiu concluir que as preocupações actuais dos istrutores, tal como do candidatos, estão mais ligadas à lentidão e custos com que se processa a aquisição do título.

Neste momento, o primeiro exame de condução pode demorar quatro meses e efectuar-se, terminada a aprendizagem. No norte e no Algarve, disseram-nos, a situação ainda é mais grave, podendo essa espera ir até aos seis meses.

O custo de uma carta também levanta objecções. Os preços praticados diferem de escola para escola, ainda que todas as contactadas afirmassem estar dentro das tabelas existentes.

Uma carta de ligeiros (amador) custava, em três escolas diferentes, respectivamente 8920 escudos, 5474 escudos e 8786 escudos, para um mínimo obrigatório de 20 lições, documentos e inscrição, 15 lições de código e carro de exame.

Do mesmo modo, tirar uma carta de pesados (amador) custa neste momento verbas tão diferentes como oito mil escudos, nove mil e seiscentos escudos ou onze mil escudos. O título de profissional exige obrigatoriamente 25 lições e ainda 10 lições de mecânica, que oneram aqueles valores em importâncias que vão de 414 escudos a mil e quinhentos escudos.

ensino

Professores endurecem luta se Ministério não abrir diálogo

O Sindicato dos Professores da Grande Lisboa aguarda até ao próximo dia 21 uma resposta do ministro da Educação no sentido de iniciar com os representantes sindicais um diálogo tendente à solução dos problemas do sector.

Se tal não se verificar, está marcada para esse mesmo dia uma Assembleia Geral de Delegados Sindicais que apreciará o prosseguimento e endurecimento da luta neste segundo período escolar, «no contexto específico da luta dos professores e no contexto geral dos trabalhadores portugueses por melhores condições de vida e de trabalho», como se afirma na Declaração do SPGL distribuída esta manhã em conferência de Imprensa.

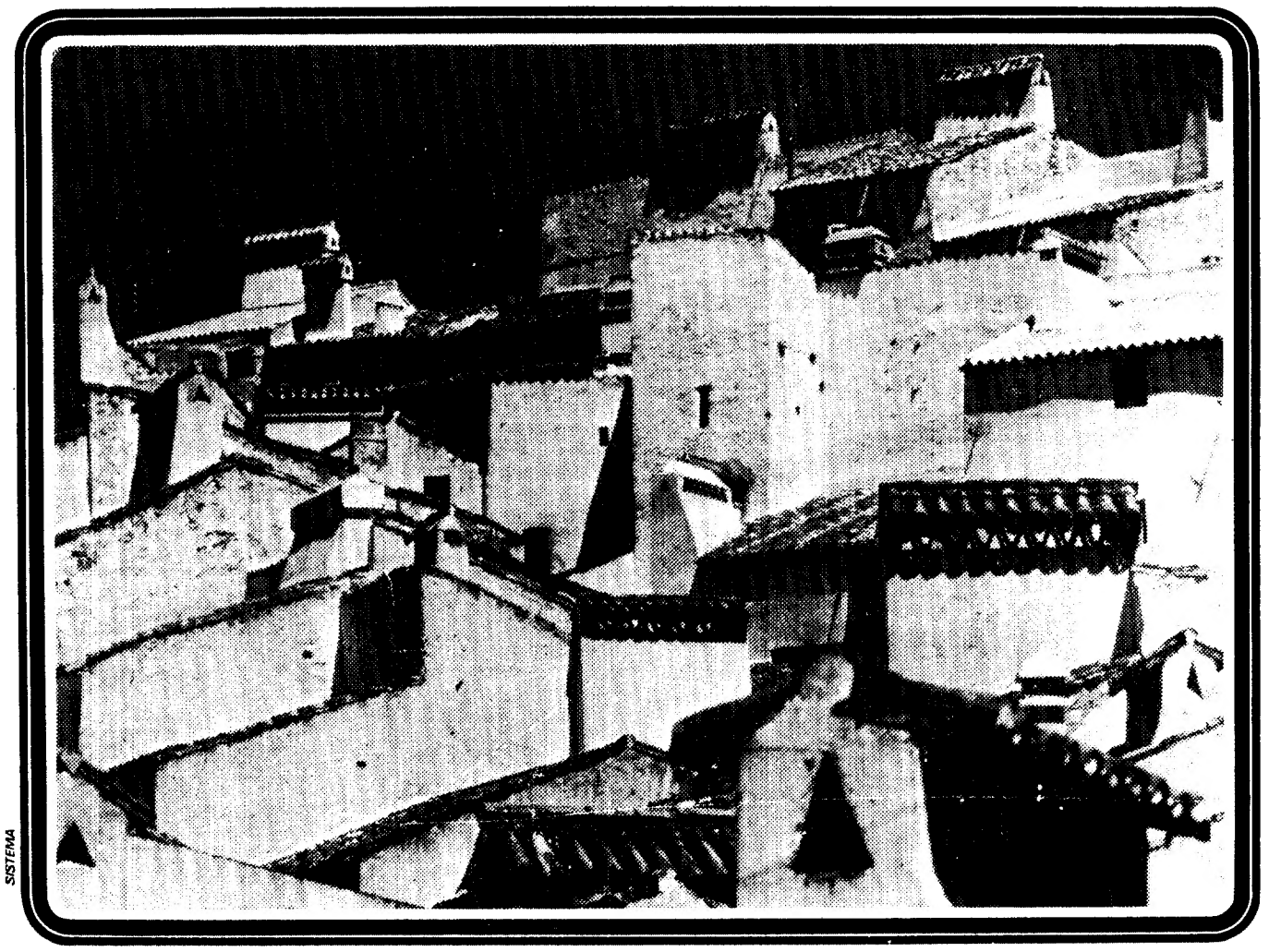
As formas de luta, já em discussão nas escolas, poderão assumir a forma de suspensão da actividade dos docentes conforme o presidente do SPGL, António Teodoro, admitiu na conferência de Imprensa que esta manhã decorreu nas instalações daquele Sindicato. «Essa forma de luta, afirmou, está na perspectiva dos professores. Nós temos recolhido propostas de professores nesse sentido».

Esta posição daquela Direcção sindical resulta da análise feita recentemente à situação após a luta encetada no final do primeiro período, com a não atribuição de classificações-/informações. Reafirmando a larga adesão com que a classe docente respondeu a tal forma de luta, bem como a compreensão de pais e alunos em relação a essa medida, António Teodoro frisou que não só não tiveram ainda solução os problemas denunciados e que estiveram na origem naquela forma de greve dos professores, como a situação se agravou. Assim, o OGE aprovado em Dezembro passado destina ao sector da Educação 11,3 por cento do total das despesas públicas, constituindo esse o valor mais baixo desde 1970. A situação dos professores também não melhora: não só não foram publicados os diplomas negociados já com os Sindicatos como se conhecem intenções de legislação altamente lesivas dos interesses dos docentes e das suas condições de vida, nomeadamente legislação relativa à autonomia universitária, gestão democrática nas escolas e profissionalização em exercício.

Na «Declaração» da Direcção do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa é também referida a atitude do MEU e do Governo ao anunciar que as Direcções-Gerais irão informar-se junto das escolas do grau de adesão à greve e que foi pedido um parecer à Procuradoria da República. Também o secretário de Estado Adjunto do Primeiro-Ministro, Marcelo Rebelo de Sousa, anunciou publicamente possíveis sanções aos professores. «Facto político pouco inteligente visando exclusivamente tentar intimidar os professores e travar o prosseguimento da sua luta pelos objectivos traçados «é como o SPGL considera tal reacção do MEU e do Governo. Reafirmando que ao adoptarem a forma de luta de não registar classificações, os professores agiram «no mais estrito respeito pela legalidade», a Direcção sindical acrescentou que os professores, ao terem conhecimento do anúncio de possíveis sanções, reagiram de forma serena e até jocosa.

No sentido de aprofundar a análise constante da Declaração do SPGL, esta associação convoca uma Conferência sobre Problemas do Ensino Primário, em Lisboa, nos dias 17, 18 e 19 de Março próximo; promove um conjunto de reuniões e iniciativas sobre a gestão democrática das escolas preparatórias e secundárias que culminará com um grande Encontro

ESTE ANO VÁ A PORTUGAL



SISTEMA

Imenso olhar que o espaço não limita.
Mil caminhos rasgados ao pó. Amor, terra, esperança. Futuro e trabalho.
Mãos que moldam o barro, cozem o pão, puxam o tear. Amanham a terra e recolhem o trigo.
Mãos que preparam os alimentos e acariciam a face. Paisagem.
Planura. PLANÍCIES...

Conheça-o e visite-o todo o ano

Faça férias repartidas

CONSULTE O SEU AGENTE DE VIAGENS

Oliva

Trabalhadores lutam pela reposição da justiça e da legalidade

PORTO (da nossa delegação) – «O abandono total da empresa por parte da ITT, responsabilizando o Governo pelo pagamento de salários, contribuições para a Previdência e Fundo de Desemprego, provocando um individamento crescente, não financiado, subfacturado, enfim, uma concertada e programada acção, friamente levada à prática, sem contudo abandonar a empresa totalmente», foi a característica dominante na vida da Oliva de S. João da Madeira, até fins de 1980.

Esta afirmação foi feita durante uma conferência de Imprensa dada na sede da USP, por elementos da comissão de trabalhadores, da comissão Intersindical e da direcção do Sindicato dos Metalúrgicos de Aveiro, que expuseram a luta dos trabalhadores da empresa, logo a seguir ao 25 de Abril. Foi sublinhado que o não abandono total da ITT da empresa se prendia com a perspectiva daquela multinacional «exercer chantagem sobre a banca nacionalizada», visando assim «a obtenção de um contrato de viabilização que lhe fosse vantajoso».

Como foi referido, tal veio a acontecer em 22 de Maio de 1981, quando o contrato foi assinado, «contendo no seu texto cedências que chegam a chocar pelo escândalo de que se revestem, quando comparado com acordos celebrados entre a banca nacionalizada e outras empresas portuguesas».

Revisão salarial «injusta»

Depois de afirmarem que na parte respeitante às acções financeiras por parte da ITT, «elas não são mais do que o cumprimento, com mais de seis anos de atraso das suas obrigações enquanto proprietários da empresa», os promotores da conferência de Imprensa referiram que, apesar de tudo, em 1981 se notou um incremento da actividade na Oliva. Esta situação levou a direcção a anunciar revisões salariais extra-contratuais e a declarar aos trabalhadores que se «iria procurar fazer com que toda a gente ficasse razoavelmente satisfeita».

A expectativa generalizada que então se gerou saiu gorada, «dando lugar à mais injusta revisão salarial que se fez», afirmaram os sindicalistas, acrescentando que «para aumentar o descontentamento foram criados os prémios de «mérito», com o objectivo de «dividir para reinar», mas que apenas contemplam uns tantos, com aumentos que vão de cinco, dez e vinte contos».

É nestes factos que se fundamenta a luta dos trabalhadores, cuja proposta reivindicativa é de 2.500$00, «sem prejuízo de uma correcta avaliação de trabalho».

Com o objectivo de pressionar a direcção a negociar a sua proposta os trabalhadores da Oliva iniciaram em Novembro último duas horas de greve repartidas por cada período de trabalho.

Dada porém, a passividade da direcção, e, como não se visse possibilidade de negociação, os trabalhadores decidiram agravar as formas de luta em 5 do corrente mês, passando as paralisações para duas horas e meia repartidas em meias horas e que obteve uma adesão de mais de 90 por cento.

Acontece, disseram os representantes dos trabalhadores, que face à unidade dos grevistas, a direcção «entrou abertamente pelo campo da ilegalidade ao pretender descontar não dua shoras e meia de paralisação mas sim cinco horas alegando ser um corte proporcional à quebra de produção». Face aos acontecimentos, «a luta dos trabalhadores continua e continuará» disseram os promotores da conferência de Imprensa que estão dispostos a recorrer a todos os meios legais ao seu alcance, «para reporem a justiça e legalidade na Oliva».

Poderá ser de um dia a greve geral de 12 de Fevereiro

Plenário da CGTP decide amanhã

Realiza-se amanhã, com início às 9 e 30, no Teatro Aberto, o plenário da CGTP-/IN que, da parte da tarde procederá à votação da resolução sobre a greve geral, prevista para 12 de Fevereiro. Inicialmente proposta para meio-dia, ésta paralisação nacional poderá ser alargada para 24 horas, já que diversas organizações sindicais têm vindo a manifestar-se nesse sentido.

O plenário da central sindical vai igualmente debruçar-se sobre a proposta de lei 70/II, sobre despedimentos e contratos a prazo, a situação político-sindical e o Orçamento e plano Geral de Actividades da CGTP/IN para 1982.

Cerca das 11 e 15 o plenário interromperá os trabalhos, deslocando-se a S. Bento uma delegação de sindicalistas que apresentarão à Assembleia da República a posição do Movimento Sindical sobre a proposta de lei 70/II.

Entretanto, cresce no seio das estruturas sindicais o movimento de apoio à proposta de greve geral da CGTP/IN, a realizar a nível nacional. Das posições até agora divulgadas, as organizações sindicais consideram de imperiosa necessidade a demissão do Governo AD, a fim de se pôr termo ao ataque aos interesses e direitos dos trabalhadores.

Na sequência das posições de apoio já manifestadas por várias organizações sindicais, a direcção do Sindicato dos Trabalhadores das Indústrias Metalúrgicas e Metalomecânicas do Sul decidiu em plenário aderir à jornada de luta. Os dirigentes sindicais afirmaram que prosseguirão o seu apoio «à grande movimentação reivindicativa dos trabalhadores portugueses» em defesa dos seus direitos e interesses e numa «inequívoca condenação da política do Governo AD, exigindo a sua demissão».

Também anunciaram o seu apoio à paralisação geral do próximo dia 12 de Fevereiro os Sindicatos dos Marinheiros Mercantes, Pescadores de Lisboa, Carnes do Sul, Calçado e Malas de Aveiro e Indústria Eléctrica do Centro.

SAST acusa o patronato do Alentejo

O Sindicato da Agricultura ao Sul do Tejo (SAST), afecto à UGT, acusou o patronato do Alentejo de se «servir do dinheiro do Estado em benefício da sua propriedade privada».

O patronato agrícola do Alentejo, segundo um comunicado do SAST, despede trabalhadores antigos e recorre ao Serviço Nacional de Emprego para preencher os postos de trabalho, desembolsando apenas 1450 escudos por mês, sendo o restante pago pelos serviços de emprego.

Aquele montante corresponde à diferença entre o salário mínimo nacional para a agricultura e o subsídio de desemprego pago pelos referidos serviços durante os três ou quatro meses que duram os contratos.

O documento acusa ainda aquelas entidades patronais de pressionarem os trabalhadores a reduzirem de nove para oito horas diárias o horário de trabalho como forma de restaurar o trabalho ao sábado de manhã, ameaçando-os de despedimento.

Greve dos transportes

Rodoviária decide hoje participação

À hora do fecho da nossa edição decorria ainda um plenário dos sindicatos outorgantes dos contratos colectivos da Rodoviária Nacional, dos Transportes Rodoviários de Passageiros (privados) e dos Transportes de Mercadorias, a fim de discutirem a actual situação da contratação colectiva do sector.

Relativamente à Rodoviária Nacional, um porta-voz sindical adiantou ao «DL» a «possibilidade de virem a ser tomadas formas de luta concretas integradas nas greves do Metro, Carris e CP». De facto, acrescentou, «há uma consciência cada vez mais generalizada entre os trabalhadores da RN de que estão a ser jogados pelo Governo contra as acções que os seus companheiros estão a levar a cabo naquelas três empresas. Por outro lado, o pessoal da RN sabe «das repercussões positivas ou negativas que o desfecho desta luta necessariamente terá nas negociações do seu acordo de empresa».

Tudo isto será, pois, tido em conta pelos dirigentes sindicais que anunciarão, ainda hoje, as decisões tomadas.

Solidariedade

«A luta dos trabalhadores do sector dos transportes foi oportunidade para que os governantes «AD» abusassem da paciência do povo e viessem nos meios de Comunicação Social, especialmente na RTP, caluniar e mentir», afirma um comunicado subscrito pela União dos Sindicatos de Lisboa e mais treze sindicatos que ontem reuniram.

O mesmo documento considera «lógica» a recusa do Governo em participar num frente a frente na televisão proposto pelos sindicatos uma vez que a «'AD' teme e não pode confrontar-se com a verdade, sob pena de se destroçar».

Os sindicatos acusam ainda o Governo de «boicotar» sistematicamente as empresas públicas nacionalizadas de transportes a quem «corta os créditos e não paga as verbas devidas para compensação do serviço social que prestam».

A luta dos trabalhadores dos transportes nos dias 5, 6 e 7 é considerada uma vitória provada por uma certa cedência na CP, cuja contraproposta subiu de 14 para 16 por cento, afirmam ainda os dirigentes sindicais. Finalmente, os sindicatos subscritores do comunicado reafirmam a sua solidariedade e manifestam a convicção de que as greves a desencadear nos próximos dias 20, 21 e 22 sairão vitoriosas.

Carris

«Pretenderá o Governo politizar um conflito laboral mais do que tem feito até agora? Com que objectivo?» – interroga a Federação dos trabalhadores de Escritório e Serviços (FETESE, afecta à UGT). Isto a propósito de a Comissão administrativa (CA) da Carris ter ontem enviado e anunciado aos sindicatos a sua intenção de pedir a passagem à fase de conciliação do acordo colectivo de trabalho (ACT) que estava em negociação.

Para explicar tal atitude a CA da Carris alega que «a permanência de contactos em sede de negóciações directas apenas serviria para degradar as relações laborais a nível da empresa». Por seu turno, FETESE responsabiliza a CA da Carris pelo «boicote negocial que tem feito ao estabelecimento do acordo».

Metro

Os trabalhadores do Metropolitano de Lisboa aprovaram ontem, num plenário efectuado em Sete-Rios, uma moção exigindo que o Presidente da República demita o actual Governo e convoque eleições legislativas intercalares. Tal Governo deverá inserir no seu programa a não aprovação da lei dos despedimentos e contratos a prazo e a anulação do tecto salarial. Segundo a mesma moção, do programa do eventual futuro Governo deverá constar «um serviço nacional de saúde gratuito, pensões de reforma condignas, uma política de habitação ao serviço dos trabalhadores e o combate ao desemprego e à inflação».

SINDICATO DOS ENFERMEIROS DA ZONA SUL

CONVOCATÓRIA

Convocam-se todos os enfermeiros para a Assembleia Geral Extraordinária a realizar no dia 21 de Janeiro de 1982 às 16.30 h. no Hospital de D. Estefânia com a seguinte:

ORDEM DE TRABALHOS

1 — Informações sobre:
   a) Carreira de Enfermagem;
   b) PRI (Proposta Reivindicativa Imediata da Função Pública);
   c) Outros.
2 — Deliberação sobre **jornada de luta nacional** do Movimento Sindical Unitário.

Lisboa, 11 de Janeiro de 1982.

O PRESIDENTE DA MESA
DA ASSEMBLEIA GERAL

NOTA: A imposição de uma Carreira de Enfermagem de conteúdo retrógrado e alienante, assim como a imposição de uma tabela salarial na Função Pública com aspectos de verdadeira provocação tendo em vista a degradação do poder de compra dos trabalhadores da Função Pública, são duas entre as muitas razões que justificam plenamente uma tomada de posição firme, face à coligação que nos desgoverna.

Deste modo, impõe-se uma ampla participação nesta AGE para se decidir da posição mais adequada à situação degradante que se vive no nosso país.

Junta Nacional dos Produtos Pecuários

COMUNICADO

INTERVENÇÃO NO MERCADO DO PORCO

Avisam-se os senhores suinicultores que as inscrições feitas até ao presente momento para abate de porcos ficam sem efeito.

No entanto, os produtores que ainda possuam porcos para entregar à JNPP devem proceder a novas inscrições a partir do dia 15 do corrente mês (sexta-feira).

Mantêm-se as condições fixadas para a intervenção anterior, nomeadamente quanto a peso, preços e locais de inscrição.

Junta Nacional dos Produtos Pecuários, em 13 de Janeiro de 1982.

O PRESIDENTE

TRIBUNAL DA RELAÇÃO DE LISBOA

ANÚNCIO

PROCESSO N.º 941 — 4.ª SECÇÃO

FAZ SABER que pela 4.ª Secção da Repartição Judicial do Tribunal da Relação de Lisboa, correm éditos de TRINTA DIAS, contados da data da segunda e última publicação deste anúncio, citando o requerido MARCELINO VIEIRA DA SILVA, residente em parte incerta e com última residência conhecida na Rua de Santo Amaro — Vila Adelaide, n.º 17, em Lisboa, para no prazo de DEZ DIAS, findo o dos éditos, deduzir, querendo, a oposição que tiver por conveniente, nos autos de Revisão de Sentença Estrangeira (proferida em Moçambique) a qual decretou o divórcio entre o citando e a requerente dos autos — MARIA SOFIA CARDOSO DE MIRANDA, sob pena da mesma ser revista e confirmada e produzir todos os seus legais efeitos em Portugal, nos termos do art.º 1094 e seguintes do Cod. Proc. Civil.

Lisboa, sete de Dezembro de mil novecentos e oitenta e um

O Desembargador Relator,
Liturgo dos Santos

O Escrivão Adjunto,
Luís Fernando Valadas Viola

Nunca circule aos zigue-zagues defenda a sua vida e a dos outros. circule e viva.

Polémica

Postos em causa os prazos de divulgação e a credibilidade dos Censos/81

Foram gastos 500 mil contos na relização dos Censos/81 (XII Recenseamento Geral da População e II Recenseamento Geral da Habitação), instrumentos indispensáveis para o planeamento económico, educacional, de saúde, de habitação, em suma, para a gestão racional do país.
Mas para além desse dinheiro gasto e de os Censos serem concluídos, é igualmente necessário que os resultados obtidos sejam fiáveis, gozem de credibilidade, retratem de facto o país e sejam publicados atempadamente. Ou seja antes que o objecto retratado, a realidade social e económica, se tenha transformado irreversivelmente. O Censo de 1970, por exemplo, e sem ter em conta o grau de fidelidade dos dados que chegaram a ser publicados, tem grande massa de informações que se pretendeu recolher, e não saiu ainda dos computadores, 12 anos depois, já com novo Censo realizado.

Quanto aos Censos/81, duas grandes questões se suscitam, para já. A primeira é saber-se quando terminará o tratamento das informações recolhidas em Março do ano passado. A segunda é a de se perguntar qual o grau de qualidade intrínseca dos resultados que vierem a ser publicados.

Isto porque em torno de qualquer destas questões muitas dúvidas surgiram já, enquanto outras amadurecem nos corredores do Instituto Nacional de Estatística, responsável pela execução do Censos.

Hoje limitamo-nos ao primeiro daqueles pontos.

Os atrasos começam na codificação

Como é do conhecimento público, os resultados preliminares dos Censos/81 foram já divulgados por conselhos e freguesias. Esses resultados referem-se apenas a algumas informações de base (número de habitantes, de famílias e de alojamentos) e foram obtidos por simples contagem manual.

Os resultados definitivos, a obter após tratamento por computador da informação recolhida, deveriam começar a ser divulgados, distrito a distrito, entre meados deste ano e fins de 1983. Neste momento regista-se já um atraso de cerca de três meses nas operações prévias ao processamento pelos computadores. Essas operações, que deveriam estar completadas em fins deste ano consistem na codificação e transcrição da informação para suporte informático, estão a ser efectuadas, por 270 pessoas recrutadas e formadas especialmente para o efeito.

O atraso verificado no trabalho explica-se com o facto de o Instituto ter tido dificuldades em arranjar instalações onde a codificação fosse efectuada. Em Lisboa, foi mesmo necessário utilizar o salão nobre do INE, normalmente usado para, reuniões e outras actividades próprias. No que respeita à transcrição, a fazer no Centro Informático especialmente criado em Tomar e apenas inaugurado no princípio desta semana, a demora deve-se ao tardio acabamento das instalações e à montagem do equipamento.

Até agora, segundo nos afirmou Castro Pinto, um dos responsáveis pelo serviço de Censos e Inquéritos, estão codificados dois milhões e quinhentos mil questionários e transcritos 700 000, (num total de 19 milhões) relativos ao distrito de Santarém e à cidade do Porto. As operações preliminares relativas a essas duas zonas e ao distrito de Vila Real deverão estar concluídas no fim deste mês. A Madeira e os Açores estarão igualmente prontas para o processamento informático até ao final de Fevereiro.

Apesar dos problemas surgidos no cumprimento dos prazos fixados para concluir a codificação e a transcrição, os responsáveis do INE mantêm-se esperançados em relação à possibilidade de recuperar o tempo perdido. Mas um outro e muito mais grave problema se perfila desde já entre as suas grandes preocupações.

A próxima etapa da operação censitária será a do início do processamento informático dos dados recolhidos. A essa fase se passará rapidamente, no que respeita ao distrito de Santarém. Só nesse momento se poderá ajuizar da compatibilidade entre o sistema idealizado e preparado para o efeito e os objectivos a atingir. De certo modo, acontecerá o teste do sistema. E aí é que surge o grande problema

Técnicos passaram-se para outras empresas

E que **os homens que conceberam o tal sistema, abandonaram o barco e foram navegar para águas mais ricas...** e onde as remunerações são incomparavelmente mais tentadoras.

Com efeito, o subdirector do Centro de Informática do INE, dr. Delgado de Oliveira, e o dr. Bilelo Gonçalves, principal arquitecto de coisas tão importantes como o sistema de correcção automática de erros, demitiram-se há pouco mais de um mês do INE e passaram-se para uma empresa privada do ramo e para o Crédito Predial Português.

Face a estas deserções, o Centro de Informática ficou à deriva e como que decapitado. A proximidade da tal fase em que o sistema será testado agravou a situação, já que a colaboração daqueles dois técnicos é considerada imprescindível por pessoas como Castro Pinto e Arnaldo Lopes, também responsável do Serviço de Censos e Inquéritos. No entanto, afirmaram-nos, esperam que Delgado de Oliveira e Bilelo Gonçalves se comprometam formalmente a dar a sua colaboração ao INE para ultrapassar os problemas que possam surgir.

Como nos disse o próprio director do Instituto, dr. Graça Costa, o secretário de Estado do Planeamento, de quem depende o INE, foi imediatamente alertado para a gravidade da situação criada com a saída dos dois técnicos. A posição desse membro do governo foi a de tentar conseguir (e ao que parece com êxito) a luz verde das empresas em que trabalham para que lhes seja permitido dispensar ao INE a colaboração necessária. O problema não está contudo ultrapassado visto que só no final deste mês os dois especialistas apresentarão a sua resposta e as respectivas condições. Caso a resposta seja negativa ou as condições inaceitáveis, e foi o próprio director do Instituto quem o afirmou ao «DL», poderá surgir uma situação idêntica aquela que, por razões semelhantes, levou ao desastre do Censo de 1970.

O dr. Graça Costa excluiu no entanto a hipótese de, tal como aconteceu nessa ocasião, ficarem por extrair e divulgar algumas das conclusões dos Censos 81. Porém, salientou, o grande problema tem a ver com a rapidez da conclusão dos trabanhos uma vez que quanto mais tardiamente isso for feito, menos utilidade terá o trabalho desenvolvido.

Mas apesar da sua evidente preocupação, que é aliás partilhada pelos quadros superiores do Instituto, Graça Costa conta com a boa vontade de Bilelo Gonçalves e Delgado de Oliveira. A nível legal, parece não haver nada a fazer. **«Os homens quiseram-se ir embora e nós não podemos agarrá-los pelos colarinhos»,** resumiu-nos um responsável.

Foi-nos evocada a incrível situação a que se chegou no INE. No INE e neste país: uma operação com o significado nacional (e com o custo) do recenseamento da população e da habitação deixa-se quase ao sabor dos caprichos ou dos interesses individuais de duas pessoas. E tudo isto com uma agravante. Os dois técnicos em questão (como aliás a grande maioria dos bons informáticos do INE) foram formados no próprio Instituto e às suas custas. Voltou a repetir-se a situação de o INE se transformar em autêntica escola de quadros que se transferem para as empresas privadas logo que atingem, sendo pagos para isso, o nível de especialização almejado.

Assim aconteceu no princípio da década passada, saindo, então, grande parte dos informáticos da casa e ficando o Censo de 1971 por concluir.

Refira-se ainda que no último trimestre do ano passado, um outro elemento com grandes responsabilidades no Centro de Informática, do INE, o eng. Moura, fez também as malas e mudou de emprego.

«Manter a forja quente»

Esta função de formação de quadros informáticos que rapidamente se vão embora, é aliás reconhecida e explicada por Graça Costa. Por um lado, as convidativas remunerações que lhes são oferecidas no exterior, por outro, a procura de novos horizontes profissionais sempre presente na mente dos quadros que atingem um certo nível, fazem com que a única solução seja, como nos disse, «manter a forja quente». Ora, actualmente, a forja está fria e só a muito custo, e parcialmente, se consegue suprir o vazio deixado por aqueles técnicos.

Todavia, alguns dos nossos informadores sublinharam-nos que, mesmo que a forja fosse convenientemente reabastecida e o fole manejado com destreza aquilo a que chamam o «cancro da informática» do INE não ficaria sarado. E **quando falam no «cancro» da informática, acrescentam que ele é apenas uma das manifestações do «cancro» mais vasto que seria o INE e a sua gestão.** Por agora fiquemo-nos pelo aspecto informático dessa doença.

Neste campo referem-nos que os ordenados pagos na administração pública não podem ser álibi para o que qualificou de «calamitosa gestão» de recursos humanos. E exemplificam com o Centro de Informática do Ministério do Trabalho e da Justiça, departamentos onde também não são pagos os emolumentos auferidos pelos seus colegas do Ministério das Finanças. Ao que nos dizem, nesses serviços, e principalmente no Ministério do Trabalho, a informática funciona eficientemente e os técnicos não fogem.

Trata-se, fundamentalmente, de organização e de gestão eficaz e adaptada às características dos serviços, concluem.

Em abono desta interpretação fomos informados que, desde Dezembro de 1980, o Centro de Informática do INE possui uma nova orgânica que inclui 12 divisões, tantas como todos os outros serviços do Instituto juntos. Acontece porém que, para lá de muitas outras vagas existentes no quadro de informáticos, apenas uma dessas 12 divisões têm o lugar da chefia preenchido.

Irregularidades

Este aspecto do fraco índice de preenchimento do quadro e da deficiente estruturação dos serviços, também não seria estranho a situações mais graves que nos foram expostas.

Referiram-nos casos de desvio de trabalhos, que deveriam ser executados no respectivo Centro de Informática (com equipamento mais que suficiente para as necessidades) e que teriam sido adjudicados a empresas privadas. O bloqueio das capacidades produtivas do Centro, no sentido de demonstrar a necessidade de recurso a empresas exteriores também não deixou de nos ser apontado assim como irregularidades que teria até originadb um processo disciplinar contra um técnico, de grandes responsabilidades no Instituto e acabou por se demitir das suas funções.

Mas ouvido pelo «DL» (ver caixa nesta página) o director do INE negou todas estas irregularidades.

Face à opacidade da nossa administração pública e à falta de transparência do seu funcionamento, não é possível porém ir além desta posição oficial para apurar a verdade total.

Seja como for, a divulgação em tempo útil dos resultados dos Censos/81 está agora fundamentalmente dependente da colaboração que dois ex-funcionários estejam ou não dispostos a dar ao INE, e, em muito menor medida, da capacidade que o seu serviço de Informática demonstrar para colmatar as brechas abertas com a saída desses homens.

Caso o colapso seja evitado a tempo, importa ainda saber da qualidade, da fidelidade dos resultados a divulgar. Muitas dúvidas se levantam. Disso falaremos também.

José António Cerejo

Director do INE desmente irregularidades

A propósito de algumas informações que nos chegaram sobre graves irregularidades que se teriam registado no funcionamento do Centro de Informática do Instituo Nacional de Estatítica e a que nos referimos nesta página, o director do INE garantiu-nos que se tratava de acusações sem fundamento. Pelo menos, disse-nos o dr. Graça Costa ele não tem qualquer conhecimento de situações desse tipo.

Para reforçar a sua posição acrescentou-nos que todas as decisões relativas à execução de trabalhos fora do Instituto são tomadas na estrita obediência dos preceitos legais relativos a concursos públicos. Por outro lado, sublinhou que todas as despesas são controladas não só pelos serviços competentes do Instituto como pelas instâncias de controlo da administração pública.

Graça Costa, director do INE

Quinta do Conde

Aviso

A Câmara Municipal de Sesimbra informa toda a população da Quinta do Conde de que o plenário que se deveria realizar no sábado dia 16/1/82, fica adiado para o sábado dia 23/1/82 pelas mesmas horas e no mesmo local.

A Câmara Municipal
de Sesimbra

PUB

SESSÃO PÚBLICA SOBRE A PAZ

A realizar dia 14 de Janeiro de 1982, pelas 21 h no Pavilhão do Sacavenense, com as presenças do Gen. Vasco Gonçalves e Virgílio Manuel F. Oliveira.

NÃO ÀS ARMAS NUCLEARES

A COMISSÃO PROMOTORA

NOTARIADO PORTUGUÊS

1.º Cartório Notarial de Lisboa
A cargo do notário Germano Nunes de Gouveia

É fotocópia parcial, que vai em conformidade com a parte reproduzida extraída para efeitos de publicação da escritura de vinte e seis do corrente mês, exarada desde folhas trista e oito verso quarenta verso, do livro número duzentos e quarenta e um-C, de escrituras diversas deste Cartório, pela qual Henrique Coutinho Leotte Tavares que intervém em representação da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, denominada «Prove-Actividades Hoteleiras, Limitada», com sede na Calçada da Estrela, número oitenta e nove, em Lisboa, de harmonia com o deliberado na assembleia geral extraordinária realizada em treze de Julho último, alterou o pacto social da aludida sociedade quanto ao seu artigo sétimo, que passou a ter a redacção adiante indicada.

Lisboa, vinte e sete de Novembro de mil novecentos e oitenta e um.

O ajudante
(Manuel Augusto da Costa Leite)

ARTIGO SÉTIMO

A Administração e Gerência de todos os negócios da sociedade e a sua representação em juízo ou fora dele, activa e passivamente, ficam a cargo de um gerente, sócio ou não da sociedade, que será nomeado pela Assembleia Geral, com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for resolvido também em Assembleia Geral.

PRIMEIRO — Para a sociedade ficar validamente obrigada é sempre necessária a assinatura de um Gerente.

SEGUNDO — O Gerente poderá delegar os seus poderes e a sociedade constituir mandatários, mediante a respectiva procuração.

TERCEIRO — Ao Gerente é expressamente proibida a utilização da denominação social em actos e contratos que não digam respeito aos negócios da sociedade, tais como abonações, fianças, letras de favor e outros semelhantes.

Vaga de frio continua na Europa e nos EUA

— suecos "aquecem-se" em África

A Grã-Bretanha está a viver debaixo de gelo, o qual causou ontem a morte de três pessoas num acidente rodoviário. Vários milhares de pessoas continuam a iluminar-se com velas. As companhias de seguros estão cheias de pedidos de indemnização pelos danos sofridos.

Violando o tradicional civismo britânico, especuladores e assaltantes são os únicos a tirar partido da situação. Muitos apresentam-se nas padarias comprando pão que dizem ser para distribuir às pessoas idosas. Na realidade, vendem esses pães a uma libra cada (cerca de 125 escudos) nas zonas sinistradas.

Os automobilistas e os rodoviários, que tiveram de abandonar os seus veículos por causa dos nevões do fim-de-semana, a tiveram surpresa, ontem e hoje, de descobrirem que os pneus e rádios foram roubados.

Belgas, alemães ocidentais e austríacos registam as temperaturas mais baixas da Europa. Na Bélgica, onde as 800 agulhas da estação do Midi de Bruxelas estão bloqueadas pelo gelo, o tráfego ferroviário está seriamente perturbado. Na RFA, as colisões sucedem-se devido ao espesso nevoeiro, tanto nas estradas como sobre o Reno onde três membros da tripulação dum petroleiro ficaram gravemente feridos na sequência dum acidente.

Na Polónia, a situação é estacionária e nota-se uma diminuição no nível das águas de 4 cm na região de Plock, mas a água continua a infiltrar-se através dos diques.

Na União Soviética, tal como na Checoslováquia, as temperaturas amenizaram-se relativamente e as estradas já são transitáveis. Registam-se também fortes nevões em Praga e há risco de avalanche.

Os países escandinavos, sempre debaixo de neve, estão a beneficiar duma certa calmaria, com excepção do Sul da Suécia onde o termómetro assinala 20 graus negativos. Os suecos, ávidos de temperaturas mais quentes, estão a fazer a fortuna das companhias charter que estão a preparar-se para mandar mais 100 mil passageiros para África e para o Pacífico. Ontem, o herói do dia da Suécia, foi um funcionário da limpeza que, manobrando o seu veículo de limpeza de neve conseguiu impedir a fuga de dois ladrões.

Quanto à Suíça, as montanhas normalmente brancas, apresentam uma cor avermelhada devido aos ventos de areia vindos do Sul da França e de Espanha.

Nos Estados Unidos

A vaga de frio polar, que já causou mais de cem mortos nos Estados Unidos avançava hoje para o nordeste do país, depois de provocar elevados danos na Florida.

A onda de frio polar árctico é responsável por cerca de 130 mortes ocorridos em todo o país e por perdas na colheita de citrinos da Florida, causando danos calculados em 500 milhões de dólares pelos funcionários agrícolas do estado.

Centenas de localidades dos estados do Mississipi, Tennessee, Alabama, Arkansas, Carolina do Norte e do Sul, Geórgia e Luisiana, foram terça-feira assoladas por tempestades de gelo e neve.

A grande maioria das vítimas do frio foram velhos e crianças, frequentemente vítimas de incêndios provocados por aparelhos de aquecimento em mau estado ou das baixas temperaturas.

O frio também afecta o México, em cuja capital faleceram 13 pessoas devido às baixas temperaturas. Outros 35 pedintes foram recolhidos pela Polícia da capital, enquanto mais 42, com problemas respiratórios, foram internados em hospitais.

Enquanto isto, nas Caraíbas sofre-se uma onda de calor que, em Porto Rico, fez subir os termómetros a 33 graus centígrados e levou milhares de pessoas a refrescar-se nas praias.

Mudanças no governo da Argélia

Pela primeira vez uma mu ascende a um cargo minist

A Argélia tem desde terça-feira um novo Executivo, cujas principais características são a ascensão de uma mulher a ministra e a criação de dois Ministérios, o da Cultura e o da Formação Profissional. Outros aspectos a salientar a mudança dos titulares das pastas do Interior, Finanças, Indústria Pesada, Juventude e Desportos, Correios e Comunicações, e Ensino Secundário e Técnico.

Uma designação inesperada, que suscita curiosidade, é a do novo secretário-geral da presidência, tenente-coronel Larbi Belkhir, que até agora desempenhou as funções de secretário permanente do alto comando da segurança nacional e que é considerado em meios informados como um funcionário com forte influência política. A questão que se põe é a de saber se o novo cargo que passa a exercer será uma ascensão se uma diminuição do seu papel.

Surpreendente foi também sem dúvida a nomeação da deputada Zhor Unissi para secretária de Estado dos Assuntos Sociais, pois, com essa medida, o presidente Chadli Benjedid arrisca-se a suscitar a hostilidade das correntes religiosas e políticas que se pronunciam contra a promoção social da mulher. Esta nomeação ocorre num momento em que o Parlamento está a debater um projecto de estatuto pessoal, apresentado pelo Ministério da Justiça, e que suscitou o vivo repúdio das mulheres a nível nacional, devido ao seu conteúdo retrógrado e contraditório com a opção socialista.

A nova vice-ministra tem-se distinguido pela defesa dos direitos da mulher na sociedade moderna contra a poderosa tendência dos integristas muçulmanos e de vários parlamentares antifeministas, entre os quais um que afirmou no plenário da assembleia que a «docilidade é a melh todos os dias deve ser espancada co centímetros» e que levou a cretinice ao plena sessão do parlamento.

O projecto de Código da Família foi grupo importante de advogados, um se a ser neste momento tema obrigatório d todos os níveis da sociedade argelina.

Outras mudanças no Governo digna cimento na vida pública, como ministro coronel Kasdi Merbah, que foi alto militar durante quase toda a era Bume em 1979 foi secretário-geral do Ministé vice-ministro do mesmo departamento que teve um apagamento político de u

Os novos ministérios da Cultura e d respectivamente a cargo de Abdelma Universidade de Argel, e de Mohame Estado do mesmo Departamento, procu que provoca a paralisia cultural. O pre está de harmonia com a tentativa de for técnicos, durante o actual quinquénio, a de quadros de que sofre o país.

Os outros quatro ministérios que f cargo de Mohamed Yala (que passou ças), de Bualem Benhamuda (que pas Interior) de Bachir Ruis (que fica a chefi cações) e de Abdennur Bekka (na juve (I. P. S.)

Cimeira franco-alemã

Diálogo não aplanou divergências

A minicimeira franco-alemã terminou, ontem à noite em Paris, com a conclusão, sublinhada pelo chanceler Helmut Schmidt, de que «não há divergências» entre Paris e Bona acerca dos acontecimentos na Polónia.

Mas, nem o presidente François Mitterrand, nem o chefe do Governo oeste-alemão, se referiram a reais convergências entre eles a respeito das repercussões da crise polaca, segundo notam os observadores.

Mitterrand indicou que as suas convergências com Schmidt abrangeram, nomeadamente, a crise polaca e suas consequências, sem contudo precisar o seu conteúdo exacto. Concedeu igual importância às suas trocas de pontos de vista com o chanceler «acerca dos problemas da economia mundial, da política americana neste domínio e das suas repercussões na Europa».

Em contrapartida, o chanceler Schmidt insistiu em que não sobressaiu nenhuma divergência entre ele e o presidente francês a propósito da Polónia. Acentuou ao mesmo tempo a «franqueza plena de confiança» que marcou a entrevista. E acrescentou: «registámos acordo quanto a dois assuntos: a necessidade de manter a unidade do Ocidente e a de continuar a haver uma colaboração ainda mais estreita entre a França e a Alemanha».

Evocando «os tons diferentes» das reacções respectivas na Alemanha e em França em relação à Polónia, o chanceler observou que Mitterrand exprimiu «compreensão perante a reacção da opinião pública alemã» e sublinhou «a compaixão bem marcada da população alemã pelo povo polaco».

A este propósito, Schmidt fez notar: «a nossa situação directa na fronteira, no local onde se encontram as tropas da URSS (...) 'azem com que a nossa opinião pública reaja de forma ligeiramente diferente da opinião francesa».

O chanceler Schmidt indicou igualmente que os grandes problemas económicos que concernem à Europa, como o desemprego e as taxas elevadas de juros, foram demoradamente evocados.

Helmut Schmidt e François Miterrand

Observadores registaram, após as declarações dos dois homens de Estado, que o presidente francês se absteve de qualquer comentário acerca das suas trocas de impressões com Schmidt a propósito da Polónia. De harmonia com a expectativa geral, o chanceler veio defender em Paris a posição do seu Governo no que se refere à crise polaca. Insistiu no facto de que as diferenças inevitáveis de percepção dos acontecimentos da Polónia, ligadas às situações políticas e geográficas respectivas, não impedem Paris e Bona de exprimir a mesma reprovação do golpe de força militar em Varsóvia.

PCF mantém posição

O Partido Comunista Francês recusa a condenação à imposição da lei marcial na Polónia e a prisão de sindicalistas e opositores do regime, segundo foi ontem divulgado num comunicado do Comité Central do PCF.

Os comunistas franceses consideram que o estado de excepção imposto na Polónia se destina a encontrar o «entendimento nacional» afastando-se assim, ainda mais, dos seus parceiros governamentais (PSF) que condenaram frontalmente a imposição da lei marcial.

O PCF critica, por outro lado, a atitude do Papa João Paulo II em condenar a actual situação polaca considerando que o Sumo Pontífice apoiou a «escalada de excesssos» levada a cabo pelo Solidariedade antes da adopção do estado de emergência, a 13 de Dezembro.

Reunião da NATO

Um grupo de especialistas dos 15 países membros da NATO vão reunir-se na próxima semana para a elaboração de uma lista de sanções económicas contra a Polónia e a União Soviética, declarou ontem Joseph Luns.

O secretário-geral da NATO disse ainda numa entrevista à Televisão holandesa que a Aliança Atlântica «estará assim preparada para qualquer evolução negativa da situação na Polónia».

Entretanto, os 16 países ocidentais credores da Polónia vão reunir-se hoje e amanhã em Paris para tentarem definir uma posição comum sobre o futuro das negociações financeiras com Varsóvia.

Segundo rádio Varsóvia

Reunião do Conselho Mi com elementos do "Solidari

Membros do Solidariedade assistiram ontem a uma reunião do Conselho Militar de Salvação Nacional Polaca (WRON), segundo anunciou Rádio Varsóvia, captada pelos serviços de escuta de Viena. «Várias dezenas de operários de diversas empresas polacas, entre os quais membros do POUP, do Solidariedade, dos sindicatos de ramos (ex-oficiais) e dos sindicatos autónomos» assistiram à reunião do Conselho Militar, sob a presidência do general Jaruzelski – anunciou Rádio Varsóvia.

Os membros do Conselho expuseram aos trabalhadores presentes a situação política e social do país e o papel desempenhado pelo Exército sob o estado de sítio, acrescentou a Rádio, que, porém, não citou os nomes nem as funções dos membros do Solidariedade que afirma terem estado presentes na reunião.

A reunião encerrou com uma intervenção de Jaruzelski.

Em breves entrevistas feitas pela emissora polaca, à saída da reunião, os operários sublinharam principalmente o problema do aumento dos preços, acrescentando que, devido à falta de matérias-primas, «nunca mais conseguem ganhar o dinheiro suficiente para poderem fazer face à inflação».

Entretanto fontes de Varsóvia citadas pela UPI, não confirmaram a eventual participação no encontro de Lech Walesa, apenas adiantando que o líder sindical se encontra «de perfeita saúde... e rijo».

Por outro lado, a UPI refere que em Poznan, o dirigente regional do Solidariedade, Zdzislaw Rozwalek, rectificou diante de jornalistas uma declaração por ele elaborada o mês passado apoiando a lei marcial. Falando na presença de funcionários governamentais, Rozwalek disse: «fiz a minha declaração sob pressão». «Hoje lamento-o. Não me apercebi do que estava a fazer» – acrescentou.

Explosão em Varsóvia

Uma explosão de fraca potência destruiu parcialmente uma cabina telefónica, ontem à tarde, no centro de Varsóvia, sem causar vítimas, anunciou Rádio Varsóvia, captada em Viena.

A deflagração partiu também as montras de um café e as janelas de dois automóveis estacionados perto da cabina onde tinha sido deixado o «petardo», afirmou a emissora.

A Polícia abriu un inquérito para encontrar os autores da explosão, indicou a finalizar a informação a Rádio polaca.

Empresas com dificuldades

Todas as empresas de Varsóvia trabalharam na quarta-feira, mas muitas delas assinalam «dificuldades cada vez mais graves» de abastecimento em matérias-primas e produtos semiacabados, indicou Rádio Varsóvia, captada em Viena.

Por outro lado, o ministro polaco da Agricultura, Jerzy Wojtecki, indicou ontem que a Polónia terá que importar 2,5 milhões de toneladas de cereais de França e talvez também da Alemanha Federal, devido às restrições americanas das exportações de cereais para o seu país.

Numa entrevista transmitida por Rádio Varsóvia, captada pela BBC, Wojtecki declarou que a Polónia está a encarar a importação de um total de 5 milhões de cereais e de um milhão e meio de toneladas de leite concentrado. «Será emprestada uma certa quantidade pelos outros países socialistas, eles próprios importadores de cereais, com excepção da Hungria, para permitir à população polaca sobreviver» – acrescentou o ministro.

Entretanto, segundo revelou ontem em Roma o director da agência noticiosa do Solidariedade, Seweryn Blemsz Zajan, foram despedidos três mil operários dos estaleiros navais de Gdansk por estarem filiados no sindicato de Lech Walesa.

Por outro lado o cardeal Macharski, arcebispo de Cracóvia afirmou, durante uma homilia que proferiu a 6 de Janeiro e cujo teor chegou a Roma na quarta-

Raptos e atentados nos das Brigadas Verm

Raptos, atentados a sedes de partidos políticos e prisões: todos os dias são feitas novas revelações sobre os projectos que tencionava realizar o grupo das «Brigadas Vermelhas» comandado por Giovanni Senzani, preso no passado sábado com 9 dos seus camaradas em Roma.

De fonte bem informada próxima do inquérito, soube-se assim que as «BV» planeavam atentar contra a vida dum alto magistrado da Direcção-Geral das Prisões junto do Ministério da Justiça. A mesma direcção de que fazia parte o juíz Giovanni D' Urso vítima exactamente há um ano dum sequestro que durou 45 dias.

Outros alvos: a prisão de Fossombrone e a superpenitênciária de Trani, onde estão internados muitos «brigadistas». Da mesma fonte soube-se que a coluna romana das «BV» tinha elaborado planos «extremamente precisos» destes estabelecimentos, vias de acesso e dos edifícios vizinhos.

Os investigadores pensam que os «brigadistas» queriam assaltar as penitenciárias com armas de forte potência encontradas nos três apartamentos descobertos sábado passado. Tal como um outro grupo das «BV» fez em 3 de Dezembro em Rovigo, libertando quatro detidos. O grupo Senzani propunha-se também interromper as comunicações de «Duplo Véu», nome de código dado à sala de operações do quartel general da Polícia de Roma. Tratar-se-ia, segundo se crê, duma unidade instalada num importante quartel dum bairro no

ulher terial

or virtude da mulher que
m uma vara de 20 a 40
ponto de exibir a vara em

ambém rejeitado por um
tor de deputados, e está
as discussões políticas a

s de registo: o reapare-
da Indústria Pesada, do
onsável da segurança
erine (1965-1978) e que
o da Defesa, e em 1980,
governamental, após o
m ano.
Formação Profissional,
id Mezine, ex-reitor da
Nabi, ex-secretário de
ram preencher um vazio
enchimento deste vazio
nação de 85 mil quadros
fim de sanar a escassez

ram «mexidos» ficam a
o Interior para as Finan-
ou das Finanças para o
r os Correios e Comuni-
tude e Desportos).

litar iedade"

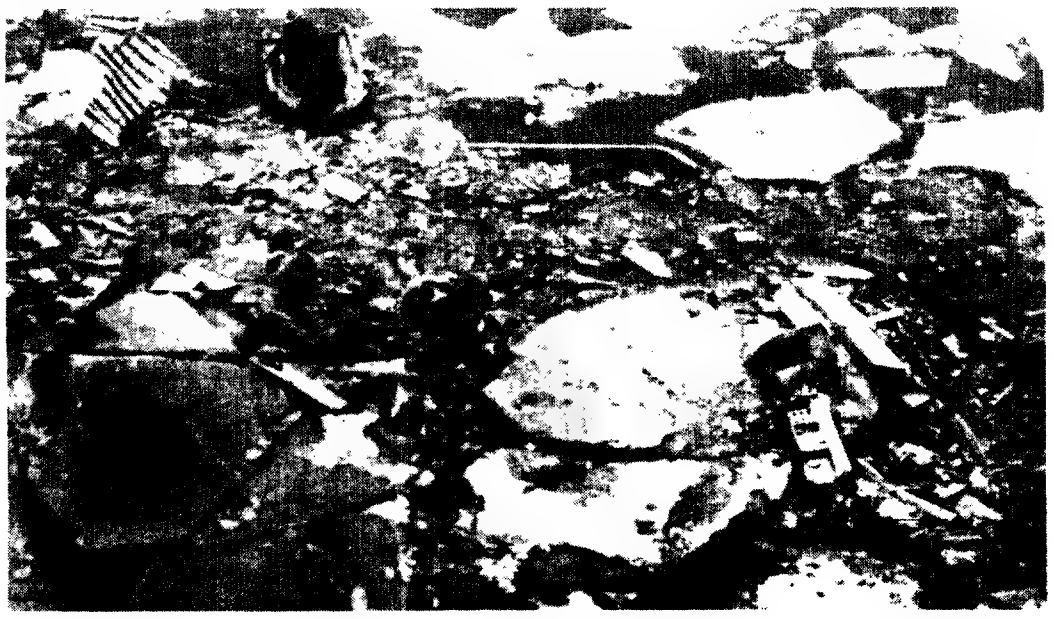
eira, ter recebido cartas com
meaças.
«Estou a receber cartas onde
e é dito que não apoie o Soli-
ariedade e que não faça polí-
ca», declarou o cardeal. O ar-
ebispo de Cracóvia manifestou
desejo, na mesma homilia, de
ue seja retomado o diálogo na
olónia, mas com a condição de
ue «as conversações sejam li-
es de qualquer ameaça, tanto
eral como individual».

Dirigente do POUP acusa

Albin Siwak, membro do co-
nité político do Partido Comu-
ista Polaco, acusou o Solida-
iedade de ter querido suprimi-lo
sicamente. Em artigo publicado
elo «Trybuna Ludu», órgão ofi-
ial do POUP, Siwak afirma que,
epois da instauração do estado
e sítio, foram descobertos do-
umentos provando que o Soli-
lariedade elaborara uma lista de
omunistas polacos a suprimir e
ue o seu nome se encontrava
ela.

planos lhas

orte de Roma, e que é guardado
ia e noite.
Nos últimos dias, foi desco-
erto que a sede da Democracia
ristã figurava igualmente entre
s objectivos das «Brigadas
ermelhas» que projectavam
lém disso raptar o número dois
o grupo automóvel «FIAT», Ce-
are Romiti.
Entretanto as operações anti-
rroristas prosseguem a um
tmo intenso em toda a Itália. Em
oma, um jovem de 23 anos, que
ria parte da ala militar das «BV»
or oposição aos «movimentis-
s» do prof. Senzani) foi detido
erto da praça de Espanha, no
entro comercial da capital. É
uspeito de ter participado no
tentado de 6 de Dezembro úl-
mo contra o chefe adjunto da
DIGOS» (Polícia antiterrorista),
icola Simone.



Tragédia em Washington

Avião cai ao rio Potomac

–Mais de 80 mortos

Morreram mais de oitenta pessoas na catástrofe que ocorreu ontem em Washington, quando um «Boeing 737» chocou contra uma ponte do rio Potomac, mergulhando depois nas águas.

Segundo a companhia «Air Florida» o aparelho transportava 72 passageiros inscritos e cinco membros da tripulação, além destes, três crianças, sem bilhete teriam sido embarcadas neste voo com destino à Florida.

Só cinco sobreviventes foram recolhidos das águas glaciais do Potomac, confirmou oficialmente o presidente do Município, Marion Barry.

Por outro lado, morreram também seis pessoas que seguiam nos carros esmagados pelo «Boeing», quando este chocou com a ponte, segundo se pensa de fonte oficiosa.

O aparelho, prejudicado pela forte tempestade de neve que assola a capital desde a manhã de quarta-feira, despenhou-se escassos segundos depois de ter descolado da pista do Aeroporto Washington National, contra a ponte da 14.ª Rua.

De passagem, atingiu em cheio quatro automóveis e um camião, bloqueados pelos engarrafamentos devido às condições atmosféricas, antes de mergulhar no rio, depois de embater contra o extremo-sul da ponte, do lado da Virgina, e submergiu quase totalmente. Pouco depois, três ou quatro sobreviventes foram vistos, agarrados às estruturas do aparelho que ainda se encontravam à tona da água gelada.

Helicópteros de socorro chegaram rapidamente ao local do acidente, começando a evacuar os poucos sobreviventes. Nem a Polícia nem os serviços aéreos puderam informar, imediatamente, quantos passageiros se encontravam a bordo.

A neve, o gelo e a noite conjugaram-se para tornar ainda mais difícil o trabalho das equipas de salvamento à volta da carlinga submersa do «Boeing».

Milhares de carros ficaram imobilizados na cidade e na outra margem do Potomac.

O Aeroporto de Washington National, localizado a algumas centenas de metros do centro da capital federal norte-americana e numa zona de forte densidade populacional, tem sido objecto de numerosas controvérsias, desde há anos, devido aos perigos de desastre. A ponte contra a qual o aparelho embateu localiza-se entre 100 e 200 metros do fim da pista. O aeroporto é diariamente utilizado por dezenas de milhares de pessoas.

«Metro» descarrila: 3 mortos

Quando todas as unidades de socorro de Washington se encontravam no local do acidente aéreo, uma composição do Metropolitano da capital federal dos Estados Unidos descarrilou ontem no centro da cidade, causando três mortos e quinze feridos.

O descarrilamento, cuja causa se ignora, verificou-se meia hora depois do avião da «Air Florida» ter chocado com uma ponte sobre o rio Potomac, em hora de grande afluência no centro da capital.

Os passageiros da composição acidentada permaneceram três quartos de hora na obscuridade, antes de serem socorridos.

Argentinos e hondurenhos na conspiração anti-sandinista

— revelam as autoridades de Manágua

As autoridades da Manágua denunciaram o envolvimento de oficiais argentinos e hondurenhos, bem como de diplomatas venezuelanos, em acções contra-revoucionárias na Nicarágua, noticiou hoje a agência DPA.

Declaração prestadas aos jornalistas por Baltodano Herrera, pertencente a movimentos anti-governamentais, referem que membros do Estado-Maior do Exército argentino em Buenos Aires entregaram 50 mil dólares aos contra-revolucionários nicaraguenhos baseados nas Honduras.

Baltodano Herrera especificou que o general argentino Balui e o coronel Mario Darrijo entregaram a referida quantia, dizendo tratar-se «apenas do início».

Segundo a sua própria versão, Baltonado foi designado pela denominada União Democrática Nicaraguenha, composta por empresários exilados e pelo seu braço armado, denominado Forças Armadas Nicaraguenhas (FARN) para dirigir as sabotagens contra a empresa nacional de cimentos e a refinaria de petr

propriedade da ESSO, de acordo com planos traçados por funcionários das embaixadas da Venezuela em Manágua e em São José da Costa Rica.

Estes planos de sabotagem implicam também o capitão Alexandre Hernandez, das Honduras, que teria entregue a Baltodano um passaporte hondurenho e outra documentação, que lhe permitiu penetrar em Dezembro em solo da Nicarágua.

As autoridades sandinistas deixaram Baltodano entrar no país, mas seguiram-lhe osmovimentos até o capturarem no início de Janeiro, numa residência em Manágua, onde foram encontrados dinamite e outros materiais destinados a serem utilizados na destruição da empresa estatal de cimentos.

O envolvimento de funcionários venezuelanos referido pelas autoridades sandinistas incluía o adido militar coronel Pedro Sanchez Rivero, o funcionário José Aníbal Palacios e o assessor da missão venezuelano Julio Gonzalez Ferronn, espanhol nacionalizado venezuelano.

A segurança do Estado nicarguense acusa os referidos funcionários da planificação de sabotagem contra importantes empresas e atentados contra a vida de vários dirigentes da Revolução sandinista.

O director dos serviços de segurança, comandante Lenin Cerna Juarez, acusou os diplomatas de manterem contactos com a citada União Democrática Nicaraguenha.

O ministro do Interior, que se encontrava presente na conferência de Imprensa, revelou que o presidente da Venezuela, Luís Herrera Campins, foi já informado deste facto pelo ministro dos Negócios Estrangeiros da Nicarágua, Miguel D'Escoto, que se deslocou a Caracas com este propósito.

Quatro países da CEE formalizam participação na força do Sinai

Os embaixadores em Israel de quatro países da Comunidade Económica Europeia (França, Grã-Bretanha, Itália e Holanda) comunicaram ontem ao Governo de Israel a sua decisão de aceitarem participar na futura força de manutenção da paz no Sinai, em virtude dos «diferentes acordos firmados entre o Egipto e Israel».

Mas as cartas dos quatro governos europeus não negam explicitamente as declarações anteriores que tinham desagradado ao Governo de Menahem Begin.

Os quatro textos são idênticos no seu conteúdo, indicou à France Presse, Marc Bonnefous, o embaixador de França, que na sua qualidade de decano, leu a sua carta ao director-geral do Ministério Israelita dos Negócios Estrangeiros, David Kimchi.

Esta carta afirma nomeadamente: «Encontramo-nos aqui para a manutenção da paz. Nem os quatro, nem os dez, têm a intenção de acrescentar seja o que for aos diferentes acordos concluídos entre o Egipto e Israel e ainda menos ao tratado de paz. Reconhecemos todos que o papel da força (do Sinai) foi definido nos acordos entre o Egipto e Israel».

Os quatro textos, segundo as mesmas fontes diplomáticas, referem factualmente troca de correspondência anteriores com Israel e a notícia da participação dos europeus, divulgada em Novembro nas quatro capitais directamente interessadas.

Esta notícia pública tinha sido acompanhada por uma referência à «Declaração Europeia de Veneza» (Junho de 1980) que preconiza a autodeterminação dos palestinianos e a associação da OLP a qualquer acordo de paz no Médio Oriente.

Esta referência tinha provocado o desagrado do Governo israelita que ameaçava recusar a participação europeia. Israel teve que fazer marcha atrás, em princípios de Dezembro, sob a pressão dos EUA, interessados na participação europeia que condiciona também a da Austrália e da Nova Zelândia (para além dos países já admitidos: EUA, Colombia, ilhas Fidji e Uruguai). A constituição da força do sinai é, com efeito, a condição **sine qua non** para a retirada final de Israel do Sinai egipcio para 25 de Abril de 1982.

Agitação no Sudão

A agência noticiosa líbia JANA afirma, numa notícia datada de Cartum, que o governador-geral da província do sul do Sudão, general Kasam Alla Rasas, fora morto por guerrilheiros sudaneses. A agência nota que o general detivera, dias antes, 31 personalidades da oposição local.

A mesma agência diz que as autoridades sudanesas impuseram a lei marcial na capital devido à agitação popular que envolve a cidade, com a chegada dos restos mortais de El-Hindy, o líder da oposição recentemente vitimado por uma crise cardíaca e cujo corpo esteve em Tripoli e Bagadad antes de chegar, finalmente, a Cartum, para ser sepultado.

Recorde-se, a propósito, que um comunicado do gabinete do presidente sudanês Gaafar Nimeiri, divulgado pela agência noticiosa governamental, dizia que «agitadores políticos» eram responsáveis pelo mmodo anti-islâmico como o corpo de Sharif El-Hindy foi «passeado» pelo mundo árabe.

De acordo com a tradição muçulmana, os mortos são sepultados rapidamente.

O caso Golã

A Jordânia apresentou formalmente no Conselho de Segurança da ONU uma resolução pedindo sanções contra Israel pela anexação dos Montes Golã.

A Jordânia sublinhou todavia esperar que a resolução seja vetada.

O documento poderá ser votado hoje quando o Conselho reatar os seus debates sobre a acção israelita.

Iemen unificado

O novo Estado que resultará da fusão dos dois Iemens (do Norte e do Sul) será socialista de religião oficial islâmica, revelaram funcionários dos dois países.

Um projecto de constituição para a prevista fusão foi elaborado há duas semanas por uma comissão conjunta, mas ainda não se encontram marcadas datas para implementar o acordo alcançado há perto de três anos após uma breve disputa fronteiriça entre os dois países.

O projecto, que contém 136 artigos, ainda não foi publicado e está dependente de uma reunião entre os presidentes dos dois países a efectuar dentro de seis meses, disseram funcionários.

O chefe da representação sul iemenita nas conversações, Hussein Al-Hubeishi, adiantou que o islamismo vai ser a religião do novo Estado que se chamará República Iemenita e terá Sana por capital.

Em Aden, o repreentante norte-iemenita, Abdullah Ghanem, disse que o projecto aponta para «uma sociedade baseada nas relações socialistas e orientada de acordo com as circunstâncias e a herança histórica da sociedade iemenita».

Engenheiro britânico torturado na África do Sul

O jovem engenheiro britânico Steven Kitson afirmou ontem, de regresso a Londres, haver sido torturado física e mentalmente durante a sua detenção na África do Sul.

Kitson foi preso na semana passada, em Joanesburgo, depois de visitar em Pretória seu país, David Kitson, sujeito a um internamento de 20 anos desde 1964, devido às suas actividades anti«apartheid».

O jovem engenheiro, de Bristol (Oeste da Inglaterra), tinha sido interpelado pelas autoridades sul-africanas que o acusaram de haver tirado fotografias e feito desenhos da cadeia de Pretória onde se encontra enclausurado o seu progenitor.

Kitson, que foi libertado terça-feira em Joanesburgo, afirmou que foi obrigado a manter-se de pé durante muitas horas e que o impediram de dormir, apanhando bofetadas de todas as vezes que adormecia.

Muito pálido e visivelmente abatido, o jovem engenheiro afirmou que ouviu no centro de detenção onde estava os gritos de muitos outros presos que estavam a ser espancados.

Recorda-se que, em Pretória, um porta-voz da Polícia sul-africana afirmou que Kitson não foi nem maltratado, nem torturado, precisando que o cônsul britânico em Joanesburgo o visitou e o achou de «boa saúde».

RN

FÉRIAS INVERNO 81/82

INCLUINDO PROGRAMA DE CARNAVAL

AUTO-FÉRIAS

Serra da Estrela desde 830$00/ pessoa
Gerês desde 1 000$00/ pessoa
Tróia desde 400$00/ pessoa
Algarve desde 610$00/ pessoa
Sul de Espanha desde 640$00/ pessoa
Serra Nevada desde 5 900$00/ pessoa — 6 noites
Andorra desde 3 680$00/ pessoa — 6 noites

VIAGENS DE AVIÃO

Madeira desde 12 030$00/ pessoa
Circuito Açoriano desde 22 250$00/ pessoa
Palma de Maiorca desde 14 980$00/ pessoa
Amesterdão desde 22 680$00/ pessoa
Paris desde 14 600$00/ pessoa
Londres desde 14 600$00/ pessoa
Grécia desde 33 820$00/ pessoa
Tânger desde 10 900$00/ pessoa
Tunísia desde 44 870$00/ pessoa
Nova Iorque desde 41 980$00/ pessoa
Venezuela desde 63 500$00/ pessoa
Chamonix Sud desde 22 780$00/ pessoa

CONNOSCO QUALQUER TEMPO É TEMPO DE TURISMO!!

Informações e Reservas:

RN VIAGENS E TURISMO
CLARAS TURISMO

RN

Av. Fontes Pereira de Melo, 33
1098 LISBOA CODEX
Telef. 560015 — 563451/2

TEATRO NACIONAL DE D. MARIA II

3.º MÊS – ÚLTIMAS SEMANAS

Hoje, às 21.30 h

Romvlo o grande

DE

DÜRRENMATT

TRADUÇAO E ADAPTAÇAO
DAVID MOURÃO-FERREIRA
CENARIOS E FIGURINOS
OCTAVIO CLERIGO
MUSICA
FERNANDO GUERRA
ENCENAÇAO E DIRECÇAO
VARELA SILVA

ANTONIO ANJOS ASSIS
PACHECO MARIA AMELIA
MATTA CARLOS DUARTE
CARLOS FONSECA BARRO
SO LOPES ANTONIO RAMA
ROGERIO PAULO ANTONIO
BANHA CARLOS COSTA
GERMANO MARTINHO
ETC E
RUI DE CARVALHO
NO PROTAGONISTA

Matinées, Sábados e Domingos às 16 horas. Preços de 100$00 (3.º Balcão) a 200$00 (Plateia). Redução de 50% a estudantes e Associações ou Grupos de mais de 20 pessoas. Espectáculo não aconselhável a menores de 13 anos. Descanso da Companhia à Segunda-Feira.

GRUPO METAIS DE LISBOA
CONCERTO DIAS 17, 24 JAN. E 7 FEV. às 11.30h

RN

VIAGENS E TURISMO

NEVE NA SERRA DA ESTRELA

AOS FINS-DE-SEMANA
3 250$00 ou 4 500$00

AMENDOEIRAS EM FLOR

ALGARVE — 30 e 31 Janeiro ..... 2 450$00
BARCA D'ALVA — 6 e 7 Março ..... 3 750$00

VIAGENS DE CARNAVAL
21 a 23 Fevereiro

SERRA DA ESTRELA ..... 4 900$00
ALGARVE-HUELVA-PUNTA UMBRIA ..... 5 450$00
ALMOÇO REGIONAL — 21 Fevereiro ..... 1 300$00

VIAGENS PELA PÁSCOA

ASTÚRIAS E PICOS DA EUROPA
— 6 a 11 Abril ..... 19 650$00
LOURDES-ANDORRA-PIRENÉUS
— 6 a 11 Abril ..... 18 450$00
ALDEIA DAS AÇOTEIAS
— 8 a 11 Abril ..... 4 750$00
CÁCERES—GUADALUPE
— 10 a 12 Abril ..... 8 950$00
ALMOÇO DOMINGO DE PÁSCOA
— 11 Abril ..... 1 500$00

CONNOSCO QUALQUER TEMPO É TEMPO DE TURISMO

RN

Informações e Reservas:
RN VIAGENS E TURISMO • CLARAS TURISMO
Av. Fontes Pereira de Melo, 33
1098 Lisboa Codex
Telef.: 56 00 15 / 56 34 51/2

BATAS PROFISSIONAIS

ALTAMENTE ESPECIALIZADOS

TINTURARIA GUANABARA – Dep. de Confecções

Av. João XXI 5-D – 1100 (Metro Areeiro – Rua Infantaria 16-55 C – 1300 LISBOA

Cabeleireiro Eva

Praça Marquês de Pombal, 1 — Lisboa

AS SUAS SECÇÕES DE:

mise • brushing • corte • manicure • pedicure • depilações

FUNCIONAM DAS

8.30 h. às 20.30 h.

FUJA DA PÍLULA
usando preservativo

Saidal

Novamente à venda
nas Farmácias

Agora com nova
embalagem

Efeitos sempre
comprovados
há mais de 60 anos

LABORATÓRIO DA FARMÁCIA ULTRAMARINA
Rua de São Paulo, 101 - 1200 LISBOA - Telefone 32 17 71
Distribuidores: J.C. CRESPO, LDA. – Rua da Madalena, 193 - 1100 LISBOA

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO MARIA JOSÉ PIMENTEL PIQUEIRA E SILVA

Certifico para efeitos de publicação que no dia 29 de Dezembro de 1981, de fls. 1 a fls. 2 v.º do livro 157-A, para «Escrituras Diversas», deste Cartório, foi lavrada uma escritura de Justificação Notarial, na qual Albino dos Reis Filipe e mulher Maria Rosa da Silva Batalha Filipe, casados no regime da comunhão geral de bens, residentes no lugar de Monte Bom, freguesia de Santo Isidoro, concelho de Mafra, justificaram que, com exclusão de outrém são donos e legítimos possuidores de um prédio urbano, composto de casa com cinco divisões e cavalariça junta, com a área coberta de 64 m2, sito no lugar da Cancira, da indicada freguesia de Santo Isidoro; inscrito — em nome dos justificantes — na respectiva matriz urbana, sob o art. 557, com o rendimento colectável de 389$00, de que resulta o valor matricial de 7780$00. Que este imóvel — ao qual atribuem o valor de 900$00, encontra-se omisso, na Conservatória do Registo Predial e, conquanto não haja documento que permita fazer a prova do direito de propriedade, nem registo do respectivo título ou de mera posse, a verdade é que o outorgante Albino dos Reis Filipe e mulher, possuem o referido prédio — há mais de vinte anos — com exclusão de outrém e de boa fé, pelo que o adquiriram por usucapião.

Mafra, 29 de Dezembro de 1981.

O AJUDANTE — a) Maria Manuela Beirão Clímaco Delgado.

Na NAZARÉ o

Diário de Lisboa

vende-se

na TABACARIA

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO MARIA JOSÉ PIMENTEL PIQUEIRA E SILVA

Certifico para efeitos despublicação que no dia 9 de Julho do corrente ano, lavrada de fls. 46 v.º a fls. 48, do Livro 151-A, para «Escrituras Diversas», deste Cartório, entre Joaquim da Silva Timóteo e mulher Maria Sérgio Passos, foi constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se regulará pelas cláusulas e condições constantes dos artigos seguintes: — 1.º A sociedade adopta a firma «Timóteo, Limitada», tem a sua sede na Rua Aveiar Brotero, vila, freguesia e concelho de Mafra e durará por tempo indeterminado a partir de hoje. — 2.º O seu objecto é a indústria de serralharia e torneiro mecânico, podendo — com prévio acordo dos sócios — ser explorado qualquer outro ramo de comércio ou indústria permitido por lei. — O capital social é de 1.500.000$00 integralmente realizado em dinheiro, correspondendo à soma de duas quotas: uma de 1.200.000$00, pertencente ao sócio Joaquim da Silva Timóteo e outra de 300.000$00, pertencente à sócia Maria Sérgio Passos. — 4.º A gerência da sociedade — dispensada de caução com ou sem remuneração, conforme for deliberado em Assembleia Geral — será desempenhada por ambos os sócios que, desde já, ficam nomeados gerentes, sendo suficiente a assinatura de qualquer dos sócios para obrigar a sociedade, em juízo ou fora dele, nomeadamente, em actos e contratos. § 1.º — É vedado aos sócios gerentes o uso da firma social em actos e documentos estranhos à sociedade, tais como letras de favor, fianças abonações e outros semelhantes, sob pena de ser individual e não social a responsabilidade assumida. — § 2.º — Os sócios gerentes poderão delgar noutro sócio ou em pessoa estranha à sociedade, todos ou parte dos seus poderes, mediante o respectivo mandato. 5.º A cessão de quotas e a sua divisão é permitida entre os sócios, dependendo a cessão a estranhos do consentimento expresso do outro sócio ao qual é reservado o direito de preferência. —. 6.º As Assembleias Gerais serão convocadas por meio de cartas registadas dirigidas aos sócios com a antecedência mínima de 8 dias, sempre que a lei não exija outras formalidades.

— Está conforme o original, Mafra, 5 de Novembro de 1981

O Ajudante,
(Ilegível)

NOTARIADO PORTUGUÊS

CARTÓRIO NOTARIAL DE MAFRA A CARGO DA LICENCIADA EM DIREITO MARIA JOSÉ PIMENTEL PIQUEIRA E SILVA

Certifico para efeitos de publicação que no dia 30 de Dezembro de 1981, de fls. 11 v.º a fls. 13, do livro 157-A, para «Escrituras Diversas», deste Cartório, foi lavrada uma escritura de Justificação Notarial, na qual João Timóteo e mulher Casimira das Dores, casados no regime da comunhão geral de bens, residentes no lugar da Pedra Amassada, freguesia de Santo Isidoro, concelho de Mafra, justificaram que, com exclusão de outrém, são donos e legítimos possuidores dos seguintes prédios: a) — Prédio urbano, composto de casa de um pavimento com uma divisão para arrecadação, com a área coberta de 32 m2, sito no lugar de Pedra Amassada, freguesia de Santo Isidoro, concelho de Mafra; inscrito — em nome dos justificantes na respectiva matriz urbana, sob o art.º 1006; b) — Prédio urbano composto de casa de um só vão para cavalariça e palheiro, com a área coberta de 40 m2, sito no referido lugar da Pedra Amassada; inscrito — em nome dos justificantes — na respectiva matriz urbana, sob o art.º 430; c) — Prédio urbano composto de casa com quatro divisões, com a área coberta de 54 m2, sito no indicado lugar da Pedra Amassada; inscrito — em nome dos justificantes — na respectiva matriz urbana sob o art.º 438; d) — Prédio urbano composto de casa de um só vão para cavalariça e palheiro, com a área coberta de 24 m2, sito no mencionado lugar da Pedra Amassada; inscrito — em nome dos justificantes — na respectiva matriz urbana, sob o artigo 447. Que os indicados prédios encontram-se omissos, na Conservatória do Registo Predial e, conquanto não haja documento que permita fazer a prova do direito de propriedade, nem registo do respectivo título ou de mera posse — a verdade é que o outorgante João Timóteo e mulher, possuem os referidos prédios — há mais de 30 anos — com exclusão de outrém e de boa-fé, pelo que os adquiriram por usucapião. Está conforme o original. Mafra, 30 de Dezembro de 1981.

O Ajudante
Maria Manuela Beirão Clímaco Delgado

exclusivo

Cuba

Evolução da educação sexual

Leonel Martin — IPS

HAVANA – Em Novembro passado foi decidido por à venda em Cuba 250 000 exemplares dum novo livro para adolescentes, intitulado «Já estás pensando no Amor?», inserido no quadro dum programa de educação sexual.

Trata-se de mais um passo na campanha levada a cabo pelo Governo cubano para reduzir a taxa de natalidade, que diminuiu de forma surpreendente de 34,3 por mil em 1965 para 14,1 por mil em 1980. O ginecologista Celestino Alvarez Lajonchere – conhecido como a mais prestigiada autoridade cubana em matéria de educação sexual – atribui esta diminuição a um sem número de factores.

Em primeiro lugar, refere o alto nível geral da população cubana devido ao acesso à educação desde o triunfo da revolução em 1959. Em segundo lugar, está ainda o incipiente programa de educação sexual. Em terceiro lugar, refere a disponibilidade do serviço médico gratuito e de anticoncepcionais como preservativos, dispositivos intra-uterinos e, mais recentemente, a pílula.

Alvarez julga que a redução do número de abortos – que chegou a cifrar-se em 131 000 em 1974 – também se pode atribuir aos mesmo factores. Esse número diminuiu de forma estável, anualmente, de cinco para dez por mil.

Antes de 1975, a educação sexual não figurava entre as prioridades cubanas – refere Alvarez – em virtude de não existir uma consciência generalizada da sua necessidade e por não haver pessoal habilitado para levar por diante um programa desse tipo. Antes dessa data, e salvo raras excepções como a da revista «Mulheres» – órgão da Federação das mulheres de Cuba – é que publicavam ocasionalmente artigos sobre educação sexual. Em 1969 foi difundida em Havana uma versão em espanho do «Human Sexual Response» de Masters y Johnson, todavia essa edição foi de apenas alguns milhares de exemplares destinados a profissionais qualificados.

Em todo o caso, a alavanca para o arranque dos esforços de Cuba na abordagem da educação sexual foi um discurso que o Presidente Cubano Fidel Castro pronunciou em 1974, por ocasião do Segundo Congresso da Federação das Mulheres de Cuba, no qual o presidente reclamou a igualdade para as mulheres e uma guerra aberta contra «os velhos hábitos, as velhas mentalidades e os velhos prejuízos», segundo declara Alvarez.

Quando em 1975 foi eleita a Primeira Assembleia Nacional Cubana, esta constituiu uma comissão permanente para a infância e a igualdade das mulheres presiddida por Vilma Espin, principal dirigente da Federação das Mulheres de Cuba e membro do importante «bureau» político do Partido Comunista Cubano. Mais tarde, a comissão criou uma junta de assessores, cujo director científico é o dr. Alvarez.

Os cubanos esforçaram-se em não se apressar irrefletidamente em iniciar uma campanha massiva sobre educação sexual. A este respeito, Alvarez considera que qualquer atitude precipitada ou provavelmente sensacionalista implicaria mal-entendidos e superficialidades. Daí que a educação massiva no âmbito dos problemas familiares e sexuais não possa ser possível durante alguns anos, acrescenta o médico.

Entretanto, faz tempo que os cubanos vêm tentando estabelecer uma sólida base a partir da qual poderão lançar-se para uma efectiva campanha educacional de base científica. Em 1976, a Federação de Mulheres enviou comissões a diversos países socialistas e não socialistas para estudar as suas respectivas experiências e o próprio Alvarez visitou a Suécia, o Japão, os Estados Unidos e outros países ocidentais, assim como países do bloco socialista.

Anteriormente reconhecia-se que os cubanos tinham uma escassa experiência no âmbito da educação sexual e o que faltava era tempo. Por conseguinte, decidiu-se a adquirir conhecimentos nesta matéria de livros já publicados na República Democrática Alemã.

Alvarez precisa que o Governo não defende a «sexologia», ou a educação sexual como um fim em si mesmo e acha que toda a informação deveria ser acompanhada de uma compreensão do papel que cada pessoa desempenha na sociedade, as responsabilidades sociais que implicam as relações sexuais, assim como o significado da família e de «regressões» tais como o machismo e a duplicidade moral que favorece o homem. «A educação deve ser fomativa, não apenas informativa», expressa o médico. «A nossa sociedade tem ética e devemos basear-nos nela».

A pedra angular do programa consiste numa série de publicações entre as quais figuram dois folhetos ilustrados, cujo autor é o pediatra alemão Heinrich Bruckner, para crianças dos 9 aos 12 anos de idade. Um deles, dirigido aos pais, intitula-se «Quando o teu filho te perguntar» e o outro, para as crianças, tem por título «Antes de que a criança nasça».

Esta obra de Heinrich Bruckner, «já estás pensando no Amor?» um livro de 226 páginas destinado a adolescentes foi posto à venda em Dezembro último. Além disso, está a preparar-se um outro para casais, intitulado «Em defesa do Amor». O texto refere-se aos problemas conjugais, entre os quais figuram os relativos às relações sexuais.

Por outro lado, o Ministério Cubano da Educação está a formar professores nas disciplinas de Educação Sexual e Familiar. Com isto, indica Alvarez, não significa que o Ministério vá «biologizar o problema, isto é, que se limitará apenas a focar os aspectos biológicos, e que a matéria em questão integrar-se-á aos cursos gerais como parte de várias disciplinas.

Por seu lado, o Ministério da Saúde está também a formar estudantes e profissionais do seu âmbito no que respeita a matérias relacionadas com sexo, relações familiares e outros problemas relativos ao tema. Estão a ser utilizados livros de alto nível técnico, entre os quais figuram os de autores norte-americanos como Kinsey, Masters y Johnson, e Helen Singer Kaplan.

Alvarez considera que o trabalho sistemático que se está a desenrolar agora garantirá eficientes programas educacionais no futuro e prevê o dia em que as condições estejam amadurecidas para o estabelecimento de institutos especializados, nos quais grupos de peritos de diversas disciplinas possam ocupar-se de problemas sexuais emocionais e familiares duma forma avançada. ■

A água doce do Planeta

As reservas totais de água na Terra cifram-se em cerca de 1386 milhões de metros cúbicos, dos quais 2,5 por cento correspondem à água doce, incluindo a camada de gelo do Árctico e do Antárctico. Cerca de 30 por cento da água doce do globo sedimenta-se nas camadas superiores da crosta terrestre. Os lagos contêm um quarto das reservas, enquanto que os rios possuem apenas 0,006 por cento (2120 metros cúbicos).

Segundo os cálculos feitos, no ano 2000, as necessidades em água do planeta elevar-se-ão para cerca de 6 mil metros cúbicos por ano, levando em conta o crescimento da população e o desenvolvimento da indústria e da agricultura.

A distribuição extremamente desigual dos recursos aquáticos, bem como a já alarmante poluição das águas naturais levou a que muitos países sofressem dificuldades no abastecimento de água. À maioria das regiões populosas e muito industrializadas cabe uma pequena parte dos recursos, que são assim consumidos inteiramente. Pelo contrário, em vastas zonas francamente povoadas e de difícil acesso a água existe em abundância. ■

Mosca Tsé-Tsé poderá desaparecer

Desde há muito tempo que as tribos africanas que habitam os vastos territórios dos actuais Senegal, Camarões e Angola, ao longo dos rios Congo e Zambeze, são periodicamente atacadas por uma doença estranha, que provoca uma profunda sonolência a que normalmente sobrevem a morte. Esta doença já levou à sepultura centenas de milhares de pessoas. Só no começo deste século, no Uganda, vitimou mais de 200 mil africanos. E ainda mata muita gente.

Actualmente é possível afirmar que a fonte de contágio são os javalis selvagens, os antílopes, os búfalos e os macacos. Alimentando-se do sangue destes animais, a tsé-tsé transmite infecções às pessoas e aos animais domésticos. A doença pode prolongar-se durante anos e conduz normalmente à morte.

A luta travada nos anos 50 em muitos países da África Tropical contra a mosca tsé-tsé fez regredir um pouco a doença do sono. Utilizando meios químicos e biológicos, conseguiu-se exterminar a tsé-tsé em grandes áreas. No entanto, a mosca soube adaptar-se aos químicos e esconder-se melhor.

Segundo cálculos dos especialistas, três quartas partes do continente estão contaminadas. Dados da OMS apontam para 35 milhões de africanos atacados pela tsé-tsé. Por esta razão, os governos de África redobram os seus esforços na luta contra esta mosca, com destaque para os cientistas tanzanianos. Estes decidiram levar para laboratório um número grande de tsé-tsé machos, esterilizaram-nos com cobalto radioactivo e soltaram-nos nas zonas contagiadas. Dentro de alguns anos, defendem eles, o número de moscas deve baixar uma vez que as fêmeas não serão fecundadas. Cientistas de muitos outros países interessaram-se por estas experiências, designadamente do Mali e do Alto Volta, que se deslocaram especialmente à Tanzânia para tomar conhecimento. O êxito da luta contra a tsé-tsé significaria, antes de mais, a salvação de milhões de vidas. Aumentaria a quantidade de gado bóvino. Milhões de hectares de terras tornar-se-iam úteis para a pecuária e agricultura. Isto significa que o problema dos géneros alimentares poderia tornar-se menos grave em África. ■

DESPORTO

Distinções

Espanha

O «internacional» brasileiro Zico foi designado **«Bola de Ouro»** de 1981 pela revista especializada espanhola «Don Balon». A classificação mundial foi assim estabelecida pela «Don Balon»: 1.º Zico (Brasil); 2.º Karl-Heinz Rummenigge (RFA); 3.º John Wark (Escócia); 4.º Diego Maradona (Argentina); 5.º Roman Chengelia (URSS); 6.º Ulrich Stielike (RFA); 7.º Ex-aequo: Luís Miguel Arconada e Enrique Castro «Quini» (Esp.); 9.º Julio Cesar Uribe (Peru); 10.º Jan Peters (Holanda); 11.º Carlos Cazsely (Chile).

Itália

O piloto motociclista italiano Marco Lucchinelli, campeão do Mundo de 500 cc, foi designado o melhor desportista do ano de 1981 pelos leitores do semanário desportivo italiano «Guerin Sportivo». Lucchinelli obteve 7.548 votos contra 5.100 do tenista norte-americano John McEnroe. Três futebolistas surgem em seguida: O brasileiro, Roberto Falcão (Roma), o seu compatriota Zico (Flamengo) e o holandês Rudi Krol (Nápoles).

França

Foi atribuído, em Paris, ao japonês Yasuhiro Yamashita, duplo campeão do Mundo de judo, o «Grande Prémio» da Academia Francesa dos Desportos, destinado a recompensar a mais bela proeza conseguida no Mundo por um atleta.

Rali Paris-Dakar: portugueses lá vão

As classificações do Rali Paris-Dacar, estabelecidas em Gao (no Mali) onde a caravana observou ontem o seu segundo dia de descanso desde a sua partida de Paris, são as seguintes em motos; «especial» Bondiagara-Thiou: 1, Mingels (Yamaha), 1 h 38 m; 2, Chabanette (HVA), 1.39; 3, Vassard (Honda), 1.40; «Especial» Djibo-Gao: 1, Merel (Yamaha), 5 h 32 m; 2, Vassard (Honda), 5.46; 3, Drobecq (Honda), 5.53; Classificação geral após 10 etapas: 1, Drobecq (Honda), 35 h. 54 m. (tempo real); 2, Vassard (Honda XR 550), 36.32; 3, Mingels (Yamaha), 37.17; 4, Joineau (Suzuki), 38.31; 5, Merel (Yamaha XT), 38.43.

Classificação de automóveis, «Especial» Bondiagara-Thiou: 1, Briavoine-Deliaire (Lada Niva), 0h 32 m. (tempo com penalização); 2, Ickx-Brasseur (Mercedes), 0.34; 3, Debussy-Bertranne (Mercedes), 0.40; 4, Marty-Cazalot (Peugeot-Dangel), 0.40; 5, Zaniroli-Lemoyne (Range) e Lartigue-Destaillats (Range), 0.41. «Especial» Djibo-Gao: 1, Ickx-Brasseur (Mercedes), 2 h. 37 m.; 2, Marty-Cazalot (Peugeot Dangel), 3.04; 3, Briavoine-Deliaire (Lada), 3.19; 4, Lartigue-Destaillats (Range), 3.27; 5, Debussy-Bertranne (Mercedes), 3.28.

Os portugueses após 10 etapas disputadas: 56 – Megre-Romão (UMM), 30 h. 39 m. 11 s.; 57 – Cortes-Miranda (UMM), 30 h. 39 m. 12 s.; 104 – Amado-Villas Boas (UMM), 53 h. 44 m. 36 s.

Thatcher encontrado

Mark Thatcher, filho da primeiro-ministro britânico Margaret Thatcher foi encontrado são e salvo, hoje ao fim da manhã, no extremo-sul da Argélia, onde tinha desaparecido desde sexta-feira passada durante uma etapa do Rali Paris-Dacar.

Segundo a agência «Algerie Press Service», o filho de Maragaret Thatcher foi descoberto por uma equipa argelina de socorros num lugar chamado Tindert, entre Timauine e Tinzautine, a 400 km em linha recta ao sul de Tamanrasset.

Um helicóptero da Força Aérea argelina partiu do aeroporto de Tamanrasset para o ir buscar.

Mark Thatcher, bem acompanhado pela francesa Charlotte Verney

PLACARD

Boxe a exame

Para escolher os possíveis componentes da turma nacional, para futuros encontros, realiza-se no próximo dia 16 um encontro de «Pré-selecção» no recinto do C. R. Piedense. Para este encontro estão escolhidos os seguintes pugilistas do Sporting: «Plumas» – Carlos Pereira; «Ligeiro» – Peter Waights; «Meios medios» – Vitor Carvalho e «Meio pesado» – Joaquim Silveira; Belenenses: «Meios médios ligeiros» – Manuel Carvalho e José Fernandes; Brandoense: «Meio medio ligeiro» – João Faleiro; 1.º Maio de Queluz: Meio medio» – Antonio Monteiro; A.B. Porto: «Plumas» – Vitor Teixeira (Ramaldense); «Ligeiro» – Fernandes Fontinha (Ramaldense) e «Meio pesado» – David Gouveia (Gueifães); A. B. Portalegre: «Meios medios ligeiros» – José Oliveira (G. D. Bombeiros de Elvas) e A. B. Setúbal: «Médio ligeiro» – Vitor Albuquerque (1.º de Maio do Barreiro)

Xadrez no Algarve

Disputaram-se os jogos de xadrez correspondentes à 4.ª eliminatória da «I Taça DGD-/Faro», por equipas, que tem estado a ser organizada pela delegação regional de Faro da DGD e que se integra no calendário de provas do «Plano de Desenvolvimento» daquela modalidade. Resultados: Jograis António Aleixo (Estoi): 4 - Escola Preparatória de Portimão: 0; Escola Secundária de Tavira: 1,5 - Flor de Lys (CNE-Tavira): 2,5. Ficaram apuradas para a final do torneio, a disputar no próximo dia 16, pelas 16 horas, na Aldeia das Açoteias, as equipas da Flor de Lys (Corpo Nacional de Escutas - Tavira) e dos Jograis António Aleixo (Estoi).

Ainda de xadrez e numa organização conjunta da delegação regional de Faro da DGD e Associação de Xadrez de Faro (apoio do Governo Civil de Faro, Câmaras Municipais de V. Real Santo António, Tavira, Faro, Loulé, Albufeira, Silves e Portimão e Conj. Turístico Aldeia das Açoteias) realizar-se-ão na Aldeia das Açoteias os «III Torneio Regional de Partidas Semi-rápidas» e «IV Torneio Regional de Partidas Rápidas», que decorrerão nos dias 16 e 17 e movimentarão 48 xadrezistas de diversas localidades do distrito de Faro.

Xadrez: continuar Karpov

Chama-se Garry Kasparov, tem 18 anos, é soviético e o grande-mestre de xadrez mais jovem do mundo. Segundo os especialistas, deverá ser ele o continuador do seu compatriota Anatoli Karpov.

O título de grande-mestre foi conquistado por Kasparov em Dortmund (na RFA) no campeonato do mundo de juniores (destinado a xadrezistas menores de vinte anos). Nunca um jovem de 17 anos tinha cometido tal proeza.

RFA oferece

O Governo da República Federal da Alemanha entregou à delegação portuense da Direcção-Geral dos Desportos uma máquina de treino de forças. Esta máquina oferecida no âmbito da cooperação luso-alemã no sector do desporto, proporciona o desenvolvimento das condições de treino dos atletas de alta e média competição.

De utilização multifincional, pode ser usada no desenvolvimento da força muscular, da sua elasticidade e resistência, na reabilitação de sinistrados e deficientes e em ginástica escolar. O aparelho está equipado com 18 programas diferentes e pode ser utilizado ao mesmo tempo por vários praticantes.

A máquina de treino de forças ficará instalada na Casa do Desporto (Porto) e será entregue ao delegado no Porto da DGD. Manuel Puga, pelo cônsul-geral da RFA, Robert Laub, em cerimónia oficial prevista para amanhã.

Clubes de Coimbra em noite importante

Coimbra é, esta noite (21 e 30), cenário de uma importante reunião académica. Mário Wilson, Rocha, Gervásio, Jorge Humberto e outros grandes nomes da história futebolística da cidade (e do próprio «team» nacional) vão hoje debater a hipótese (pouco provável) de uma associação entre o Clube Académico de Futebol e a Associação Académica de Coimbra.

– Temos de salvaguardar o espírito académico e inclusive renová-lo – disse-nos, esta manhã, um porta-voz do Clube Académico nitidamente em oposição a qualquer junção imediata com a Associação Académica. Logo à noite, em reunião com os Órgãos de Comunicação Social, será emitido um comunicado esclarecedor das posições dos dois símbolos.

Lopes Marques "joga" no Mondego

O director-geral dos Desportos, professor Lopes Marques, assumiu, em Coimbra, o compromisso de apoiar com toda a convicção o fomento do desporto regional. Lopes Marques falava aos órgãos da Comunicação Social, após uma visita que efectuou a várias estruturas desportivas da cidade que, embora insuficientes, foram consideradas pelo representante do Governo «**muito diversificadas e de bom nível no plano geral do País**».

A Direcção-Geral dos Desportos vai apoiar sobretudo o desenvolvimento dos desportos náuticos, a partir do lençol de água criado pelo Açude do Mondego. «Coimbra está desde agora predestinada para ser uma verdadeira Meca das actividades náuticas em todas as modalidades» – disse o director-geral. As obras requeridas para a prática de tais actividades náuticas (hangares, garagem, pontes) vão ser estudadas de imediato – prometeu Lopes Marques. As piscinas de Santa Clara e dos Olivais, que têm estado inactivas, vão reentrar em funcionamento, foi também prometido. O director-geral dos Desportos visitou, além dessas piscinas, o Estádio Universitário, os pavilhões gimnodesportivos dos Olivais, da Pedrulha, de S. Martinho e de Santa Clara e o complexo das pisicinas municipais. Em todos os contactos foi acompanhado por Maló de Abreu (que iniciou a sua acção como delegado da DGD) e Serras de Moura (do Fundo de Fomento do Desporto).

Hóquei sobre gelo: que é isso?

O hóquei sobre o gelo, na União Soviética, é mais popular do que o futebol: existem 600 mil praticantes federados e três milhões não federados (grande parte dos quais são crianças).

Assinale-se, que as razões de tal popularidade não são fáceis de encontrar: cada povo adere, em maior ou menor grau, a esta ou àquela modalidade, mercê das suas próprias características.

Neste caso, a existência de condições concretas, de carácter sócio-económico (para a prática da cultura física e do desporto) constitui, de facto, um factor decisivo para a popularidade, não só do hóquei sobre o gelo mas, também, de inúmeras outras disciplinas desportivas.

Os campeonatos são seguidos pelos entusiastas que avaliam as probalidades do triunfo desta ou daquela equipa, recordando certas jogadas, determinados jogadores, os golos marcados, os golos sofridos, os pontos perdidos, os pontos conquistados, tal como discutem, por vezes mesmo acaloradamente, as decisões dos árbitros.

Pode e deve sublinhar-se o facto de o hóquei sobre o gelo ser uma modalidade plena de velocidade e de movimentação, que empolga o espectador, mesmo o mais frio e sereno

As jogadas sucudem-se com extrema rapidez, sendo as balizas constantemente assediadas, até porque os jogadores dominam (na perfeição) a arte de bem patinar, chegando a atingir velocidades aparentemente impossíveis.

Haverá, no entanto, quem pense que certas regras prejudicam o desenvolvimento do jogo, como tocar a **chaiba** (semelhante a uma bola) com a mão ou com o pé, carregar com o ombro, prender o «stick» do adversário com o seu próprio «stick» ou mesmo com a mão, fazer obstrução, ou ensanduíchar o adversário contra a tabela impedindo-o de jogar.

Contudo, tal não se verifica: nem a beleza do jogo é prejudicada, nem o seu ritmo é quebrado por tais penalizações.

De resto, apesar dos choques (que chegam a assustar) apesar das cargas (chegam a arrepiar) muito raramente algum jogador se lesiona: e isto, muito simplesmente, porque o praticante da modalidade, para além de estar convenientemente protegido (capacete, caneleiras reforçadas e luvas grossas), possui uma compleição física extraordinária.

Para quem não está habituado ao espectáculo e (sobretudo) para quem desconhece as regras, o jogo poderá (por vezes) parecer um pouco anárquico: substituições constantes (qualquer jogador pode ser substituído a todo o momento, ou até mesmo os seis que formam a equipa, pois há quatorze suplentes!), constantes choques, paragens para golpes duplos (não há livres, directos ou indirectos) ou por foras-de-jogo.

Tudo isso faz parte do próprio espectáculo, em nada o afectando: antes contribuindo, para o tornar ainda mais empolgante.

Poderá, perguntar-se como é possível aguentar, rodando sobre os patins, a velocidades que rondam os 40 e, mesmo, os 50 quilómetros, choques frontais de causar calafrios e sair disparado, descontrolado, deslizando pelo gelo, até bater numa das tabelas (estrondosamente) levantando-se de imediato com a frescura de um simples encontrão em tapete de ginásio ou (mesmo) em relva de estádio.

Um dos hoquistas mais famoso da URSS (antigo jogador do Spartak de Moscovo), Boris Maiorov, declarou, a propósito: **«Não se pode (pròpriamente) falar em estatura ideal para jogar o hóquei, o que até nem sucede em relação a muitas outras modalidades.**

Mamede trava carreira: palavra à acupunctura

Fernando Mamede não participa no Corta-Mato das Amendoeiras (dia 24), nem na Taça dos Clubes Campeões Europeus de Crosse (dia 30), em Bergamo, (Itália), por se encontrar lesionado.

Só regressarei à competição quando estiver a cem por cento, disse Mamede, a contas com uma nevrite.

A lesão na perna esquerda contraída antes do Natal, não me impediu de treinar, mas agravou-se na S. Silvestre de Madrid, devido à chuva torrencial acrescentou Mamede.

O atleta do Sporting, campeão europeu o ano passado (em Varese, Itália), não se mostrou abalado psicologicamente e considera que este tipo de lesões é comum aos atletas de alta competição.

Mesmo assim, com sacrifício, continuo a treinar, mas não posso forçar o andamento nem fazer treinos de pista, acentuou o recordista europeu, precisando que a lesão **nada tem a ver com as contraídas no fim da temporada passada**. Mamede está a fazer a recuperação da lesão por meio de tratamentos de acupunctura num instituto particular em Lisboa e diz estar confiante quanto ao restabelecimento.

Se tudo correr bem, ainda posso fazer uma boa época de pista, observou o atleta, que declarou acreditar na vitória do Sporting na Taça dos Clubes Campeões Europeus de Corta-Mato, dia 30, em Bergamo (Itália).

Crosse das nações

O campeonato mundial de corta-mato realiza-se este ano em Madrid, por a Federação Polaca ter renunciado à organização da prova que está marcada para 21 de Março, no mesmo local onde se realizou o ano passado, o Hipódromo de Zarzuela.

A Polónia desistiu de organizar o «mundial» de corta-mato devido à instabilidade política em Varsóvia.

«João do Pulo» já não pula

O brasileiro João Carlos de Oliveira (recordista mundial do triplo-salto) nunca mais poderá saltar e dificilmente voltará a caminhar normalmente.

Membros da junta médica que operou o atleta, vítima de um acidente rodoviário (a 22 de Dezembro) estiveram reunidos nas últimas horas para decidir se «João do Pulo» necessita de se submeter a novas intervenções, cirúrgicas para sua recuperação. O recordista mundial do triplo-salto será operado nos próximos dias a uma fixação óssea, quando for colocada na perna direita do atleta um **«fixador de Wagner»** para evitar que fique mais curta que a outra. **«De qualquer forma** (adiantou o ortopedista Marco Amatuzzi) **«João do Pulo» jamais regressará ao atletismo, e se caminhar fa-lo-á com muitas dificuldades».**

Amatuzzi disse que a preocupação dos médicos neste momento é a de conservar a perna direita do atleta, que corre riscos de amputação. Os médicos do Hospital «Irmão Penteado» não informaram se Oliveira conhece a gravidade do seu estado ou se sabe que o acidente pôs fim à sua carreira de atleta, iniciada em 1973. Oliveira (27 anos) ganhou as medalhas de bronze nos Jogos Olímpicos de 1976 e 1980 e conquistou os títulos mundiais em 1978, 1979 e 1981, possuindo a marca de 17,89 metros no triplo-salto, desde 1975.

Na sua agenda

Natação: os campeonatos nacionais de fundo efectuam-se a 30 e 31 deste mês, no Porto.

Halterofilia: representantes dos clubes da Zona Centro reunem-se com o director-técnico nacional pelas 16 horas de 30 do corrente, na sede federativa.

DESPORTO

MICROSCÓPIO

FC Porto: o amanhã

Aproxima-se a passagem de testemunho na direcção do Futebol Clube do Porto. No sentido de erguer uma lista de firme oposição à gerência do dr. Américo Sá reúnem-se amanhã, pelas 21 e 30, na Sociedade Desportiva e Recreativa de S. Pedro de Miragaia (Rua de S. Pedro de Miragaia, 58 – Porto) um grupo de associados entre os quais Sardoeira Pinto, Monteiro Pinho, Armando Pimentel e Eduardo Poças.

Hóquei: Porto joga em Barcelos

A contas com um inquérito federativo, o hóquei patinado do F.C. Porto não pode actuar no pavilhão das Antas, como reflexo do «sururu» criado na visita do Sporting. Assim, até conclusão do caso, a turma azul-branca vai alinhar em Barcelos, recebendo aí o Belenenses sábado, às 21 e 30) e Sporting (domingo, 17 e 30).

Homens para a Bulgária

A selecção nacional de seniores de andebol continua, hoje e amanhã a preparação com vista à participação no torneio «Serdika 82», a realizar na Bulgária, na próxima semana. Carlos Silva, José António, Orlando (guarda-redes), Brito, João Gonçalves, Xavier, Janeiro, Areias, Falcão (1.ª linha), Vasco Vasconcelos, Miranda, Pires, João Manuel, Ricardo, Veríssimo e Morais (2.ª linha) são os jogadores escolhidos para se deslocarem à Bulgária.

Tentar imitar Borg

Uma empresa de publicações infantis em colaboração com a Federação Portuguesa de Ténis organiza este ano um torneio a nível mundial para jovens até aos 14 anos. Em conferência de Imprensa, as entidades organizadoras da prova revelaram que a competição passa por uma fase europeia, em Lois, França (em Julho), culminando com o torneio mundial (por convites) em Monte Carlo (em Outubro). De acordo com o regulamento da prova, a competição integra dois escalões: um para menores de 12 anos e outro para menores de 14,devendo os participantes estar inscritos na Federação.

O campeonato em Portugal compreende três fases: local, regional e nacional, encerrando as inscrições a 28 de Fevereiro. A fase regional é disputada em oito torneios (de 22 de Maio a 14 de Junho) disputando-se os jogos na Póvoa de Varzim, Porto, Coimbra, Lisboa, Setúbal, Faro, Funchal e Ponta Delgada. A fase nacional efectua-se no Estádio Nacional (Lisboa) de 5 a 11 de Julho.

Este campeonato realiza-se em vários países do mundo, constituindo o primeiro passo para a evolução do jogador à escala internacional, como sucedeu, em 1970, com o sueco Bjorn Borg. Os vencedores dos campeonatos a nível nacional, nos dois escalões, serão premiados com um estágio no estrangeiro orientado por Bjorn Borg.

«Kings» em Ténis

No Pavilhão da União de Bancos Portugueses (Vila Nova de Gaia) começa hoje o torneio internacional de ténis King's Cup. Na jornada inaugural, a equipa portuguesa (que é formada pelos ténistas Miguel Soares, José e Pedro Cordeiro) defronta, às 20 e 30, a da Suíça. Portugal jogará com a Irlanda, em Dublin, no domingo e, no dia 21, contra a Espanha, em Palma de Maiorca.

Bastos Lopes e Jorge Gomes não rompem parede algarvia

Benfica continua na "Taça"

Árbitro "venceu" o Portimonense

Quando o árbitro conimbricense Santos Luís perdoou uma indiscutível grande penalidade, cometida por Álvaro sobre Norton de Matos, aos 32 minutos do jogo de repetição da eliminatória para a Taça de Portugal, desenrolado na noite de ontem na Luz, estava atirada para o desprezo a hipótese do Portimonense, comandado argutamente por Artur Jorge, desfeitear a turma da águia, onde a falta de João Alves reduziu substancialmente a qualidade do conjunto.

Inacreditavelmente desvirtuada a verdade do «placard», veio um golo de Reinaldo (aos 61 minutos) que valeu ao Benfica a vitória sobre o Portimonense, e a continuidade na «Taça». Reinaldo, que entrara na equipa benfiquista após o intervalo, concluiu com remate forte e colocado um passe de Nené, no centro da área do Portimonense, decidindo a eliminatória, cujo primeiro jogo, (domingo, em Portimão), terminara empatado sem golos, após prolongamento.

O Benfica sentiu tremendas dificuldades frente à organizada defesa visitante e teve que reforçar também o seu sistema defensivo devido ao perigo causado diversas vezes por Norton de Matos, o único avançado adversário.

O árbitro Santos Luís, foi muito contestado e tomou duas decisões muito discutidas e que influenciaram o jogo. Aos 32 minutos, (como salientámos) Norton foi rasteirado na área do Benfica por Álvaro sem que o árbitro assinalasse qualquer falta, e aos 41, Jorge Gomes teve um golo anulado por Santos Luís ter considerado que o cruzamento de Shéu fora efectuado para além da linha de fundo.

Constituição das equipas:

Benfica: Bento; Bastos Lopes, Humberto, Álvaro e Veloso; Carlos Manuel (Pietra, 2.ª parte) Shéu (Reinaldo, 2.ª) e Chalana; José Luís, Nené e Jorge Gomes.

Portimonense: Delgado (Conhé, 70); Coelho, Quaresma, Amílcar e Murça (Nelson, 65); Alhinho; Fernando Martins, Tião, Paulo Rocha e Carlos Alberto; Norton de Matos.

Nunca será de mais repetir: o árbitro Santos Luís defraudou (por inépcia ou receio...) a verdade do jogo, prejudicando o esforço de atletas profissionais de um modo autenticamente incrível. De tal modo que, especialmente na grande penalidade escamoteada ao Portimonense, conseguiu arrancar gargalhadas até no sector de público mais afecto ao Benfica... Uma arbitragem que desvirtuou o futebol.

Entre os jogadores, a melhor saliência foi para Pietra, que embora apenas alinhando no tempo complementar, impulsionou o Benfica, da mediocridade para o relativo desafogo.

Marítimo apurado

O Marítimo ficou apurado para os oitavos de final da Taça de Portugal ao vencer no Estádio dos Barreiros, o Nacional, por 2-1, após prolongamento. No final do tempo regulamentar as duas equipas estavam empatadas a um golo.

Marítimo: Quim: Humberto, Eduardo Luís, Quim Manuel e Arnaldo Carvalho (Bandeira, aos 85 m); Mário Ventura, Eduardinho e Fernando Marques (Olavo, aos 63 m); Hilário, José Pedro e Xavier. Marcadores: Mário Ventura (aos 50 m, de grande penalidade) e José Pedro (aos 91 m).

Nacional: Crispim; Vasconcelos, Arnaldo Gonçalves, Luís Soares e Inguila; Fernando (Luís Ângelo, aos 46 m), Ramon e Rafael Assis; Sarmento, Emanuel Silva e Tinhinho (Dilson, aos 15 m). Marcador: Ramon (aos 81 m).

Árbitro: Castanheira Grilo, de Aveiro. Cartão amarelo a Humberto e Tininho (aos 78 m), ao massagista Júlio, do Marítimo (aos 83 m), a Arnaldo Gonçalves (aos 91 m) e a Crispim (aos 105 m).

Calendário muda

O encontro entre o Belenenses e o Rio Ave, para a 15.ª jornada do Nacional da I Divisão, realiza-se depois de amanhã às 15 horas, no Estádio do Restelo. Para além desta alteração foram ainda decididas as seguintes antecipações para sábado: II Divisão, Zona Norte: Leixões - Sanjoanense e Leça - Salgueiros: Zona Sul: Nacional - Vasco da Gama. III Divisão, Série «E»: Pero Pinheiro - Oliveirense, às 15 horas. O encontro de domingo, entre o Paços de Ferreira e o União de Lamas, para o Nacional da II Divisão, joga-se no Campo Abel de Figueiredo, em Santo Tirso, às 15 horas. Entretanto, o encontro de juniores entre o Sporting e o Belenenses, da série «E» da Zona Sul, foi adiado para o dia 19, no Estádio de Alvalade, com início às 21 horas.

Castigos federativos

Cinco jogos de suspensão a Bandeirinha (júnior do Palmense), foi a maior pena dada pelo Conselho de Disciplina da FPF, na sua reunião de ontem. No que se refere a jogadores de clubes da I Divisão, foram punidos com um jogo Barbosa I (Boavista) José Luís e Humberto Coelho (Benfica) e Dito (Braga).

Reservas: Benfica 1.º

Com a vitória (5-4) sobre o Sacavenense, o Benfica venceu o torneio de reservas organizado pela Associação de Futebol de Lisboa.

Tomé sobe em Leiria

O antigo «internacional» Tomé passou a orientar a equipa de futebol do União de Leiria, da 1.ª divisão, na sequência da saída do técnico Manuel de Oliveira para o Marítimo. Oliveira rescindiu o contrato com o clube leiriense, que ocupa o último lugar do campeonato, alegando «falta de condições de trabalho». Tomé, que desempenhava as funções de treinador adjunto, considerou «difícil mas não impossível» a situação do Leiria e manifestou confiança nos jogadores. «Com um pouco de sorte e com a colaboração de todos os futebolistas, o União ainda pode salvar-se da descida de divisão», acrescentou.

Penafiel firma-se

Joaquim Jorge promovido a técnico principal e Geraldo Brandão como adjunto: a saída de Cassiano Gouveia do Penafiel está colmatada.

Eurico: baixa Belenense

O dr. Camacho Vieira (que já esta semana operara o vimaranense Festas (futuro sportinguista) fez ontem uma intervenção cirúrgica ao belenenses Eurico.

Leixões «chicoteia»

Insolitamente, dada a boa carreira da turma que comandava, o treinador Filpo Nuñez foi afastado da chefia técnica do Leixões, passando o seu lugar para Oliveirinha e Carlos Veiga.

Promoção arbitral

O árbitro Graça Oliva vai dirigir o França-RFA, em juniores.

Évora: e o dinheiro?

Ordenados e «luvas» em atraso desde Novembro: aí está a situação actual dos jogadores do Juventude de Evora, naturalmente desmotivados para o trabalho.

Particular

Jogo na Medideira, de carácter particular: Amora, 2 - Motherwell (da Escócia), 0.

Kikas desejado

Por indicação de Oliveira, o Sporting está interessado na contratação de Kikas (Penafiel).

Uma luz no fundo do túnel

José Belo (consultor jurídico do Sindicato dos Jogadores de Futebol) classificou de «importante e saudável» a reunião com o secretário de Estado dos Desportos, dr. João Vaz Serra Moura. Belo, que foi acompanhado por Toni, membro da direcção do Sindicato dos Jogadores, disse que na reunião foram abordados assuntos relacionados com a problemática do futebol, nomeadamente a Previdência, seguro e impostos. «O secretário de Estado deu uma autêntica lição de luva branca aos senhores do Congresso que pretendem marginalizar os Sindicatos dos Jogadores e Treinadores» frisou. «Em linguagem desportiva pode dizer-se que nesta reunião as duas equipas estiveram a estudar-se Foi o pontapé de saída para novas reuniões para o aprofundar de soluções» acrescentou Belo. No ponto de vista de Toni a reunião, de cerca de uma hora, constitui um elemento importante para a resolução dos problemas

Mundial: brasileiros com estágio algarvio

Dirigentes da Confederação Brasileira de Futebol visitaram empreendimentos turísticos do Algarve com vista a escolha do local de estágio da selecção brasileira participante no mundial-82, em Espanha. Os responsáveis brasileiros, que não deixaram já o Algarve com destino a Espanha (onde assistirão ao sorteio do «mundial») apreciaram detalhadamente as potencialidades hoteleiras da região tendo um dirigente manifestado o seu agrado pelas condições existentes. Uma fonte ligada às unidades hoteleiras visitadas disse existir também interesse dos brasileiros em hospedar a equipa, na região de Lisboa ou em Espanha. As mesmas fontes revelaram ainda que as selecções do Kuwait e da Escócia estão igualmente interessadas em estagiar no Algarve durante a fase de preparação para o «mundial».

João Havelange, presidente da FIFA, defendeu a inclusão da Inglaterra entre os cabeças de série que participam na fase final do «mundial». Havelange acentuou que todos os países que tenham sido campeões do mundo devem figurar na lista dos cabeças de série. «Por essa razão sou a favor de Inglaterra, embora reconheça valor à Bélgica», frisou.

A Bélgica, finalista vencido no campeonato da Europa em 1980, é um dos países que manifestou o desacordo vor a Inglaterra ser considerada «cabeça de série». A Inglaterra, que não conseguia qualificar-se para a fase final do «mundial desde 1966, é apontada como «cabeça de série» juntamente com a Itália, a Alemanha Federal, Brasil, Argentina e Espanha, (na qualidade de país organizador).

Polónia entre nós

A selecção de futebol da Polónia começou em Wisla (Sul do país) a sua preparação com vista ao campeonato do Mundo (fase final). Depois de duas semanas de treinos em Wisla, os 26 jogadores seguirão (a 6 de Fevereiro) para Espanha, seguindo depois para Portugal. Andrzej Szarmach e Grzegorz Lato não participarão nesta preparação, retidos pelos seus contratos no estrangeiro, respectivamente em Auxerre (França) e em Lokeren (na Bélgica).

«L'Equipe» aposta no Brasil

O diário desportivo francês «L'Equipe» considerou o Brasil favorito do Mundial-82 de futebol, concedendo-lhe 33 pontos com base nos resultados nas anteriores edições do torneio. O jornal deu cinco pontos por troféu conquistado, quatro por participação na final, três por alcançar as meias-finais, dois por chegar aos quartos-de-final e um aos eliminados na 1.ª ronda da fase final. De acordo com este critério **por méritos adquiridos** a República Federal da Alemanha figura no 2.º posto (28 pontos) à frente da Itália (22) a Argentina e a Hungria (ambas com 16).

Depois: 6.º, Inglaterra, Jugoslávia e Checoslováquia, 13; 9.º, França, 11; 10.º, Áustria e URSS, 9; 12.º, Espanha, 8; 13.º, Chile, 7; 14.º, Polónia, 6; 15.º, Bélgica e Peru, 5; 17.º, Escócia, 4; 18.º, Irlanda do Norte, 2; 19.º, El Salvador, 1; 20.º, Argélia, Camaroes, Nova Zelândia, Kuwait e Honduras, 0

Argélia vence

A equipa nacional de futebol da Argélia bateu o clube brasileiro Atlético Mineiro por 1-0 no decorrer dum encontro particular disputado ontem à noite em Argel perante 65 000 espectadores. O golo argelino foi apontado aos 54 minutos por Assad. Este jogo serviu de preparação à selecção argelina com vista à sua participação na fase final do campeonato do Mundo e para a «Taça de África».

Blokhine em Madrid?

O quotidiano desportivo espanhol «As» faz eco dum rumor à volta de eventual transferência do avançado soviético Oleg Blokhine, do Dynamo de Kiev, para o Atlético de Madrid. O rumor nasceu no seguimento dum longo encontro havido entre o presidente do clube madrileno (Alfonzo Cabeza) e o seleccionador da eqqipa da URSS (Constantin Beskov) ocorrido na Costa Del Sol, onde a formação soviética está actualmente a estagiar. Interrogado sobre uma eventual vinda para Espanha, Blokhine afirmou pela sua parte que não podia responder **«nem afirmativamente, nem negativamente».**

Ruben Paz no Brasil

O internacional uruguaio Ruben Paz (Peñarol) assinou um contrato com o Internacional de Porto Alegre, vice-campeão do Brasil. A transferência custou 420 000 dólares Por outro lado, o Peñarol recebera a receita integral de dois encontros a realizar entre os dois clubes. Ruben Paz estará ao dispor do seu novo clube a partir do próximo dia 18.

Taça da Liga Inglesa

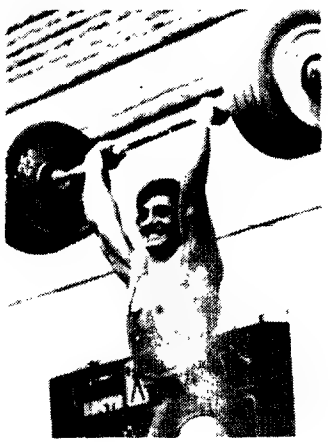
O campeão europeu (Liverpool) empatou em casa (0-0) com o Barnsley, da 2.ª Divisão, em jogo dos quartos-de-final da «Taça da Liga Inglesa». As equipas dispuseram de oportunidade de marcar, mas os guarda-redes Bruce Grobbelaar (Liverpool) e Bobby Horn realizaram excelentes exibições. O Barnsley, que já eliminou o Manchester City, o Swansea e o Brighton, recebe o Liverpool no seu campo, no jogo de repetição.

Taça de Itália

O Sampdoria de Génova (2.ª Divisão) qualificou-se para as meias-finais da «Taça da Itália», ao bater uma outra formação igualmente da 2.ª Divisão, o Reggiana, por 1-0 e 4 penalties a 3 após prolongamento. No jogo da 1.ª «mão» o Reggiana havia ganho por 1-0. As outras três equipas qualificadas para as meias-finais são o Inter de Milão, o Torino e Catanzaro

Campeonato de Itália

O Catanzaro e o A.S Roma empataram a um golo, em jogo a contar para o campeonato italiano da 1.ª Divisão, e que estava em atraso. A classificação geral do campeonato ficou assim ordenada: 1.º Fiorentina, 21 pontos; 2.º Juventus, 19; 3.º Roma, 19; 4.º Inter, 18; 5.º Catanzaro, 16; 6.º Nápoles, 16; 7.º Avelino, 16.



Iurik Vardanien: o campeão olímpico de halterofilismo (arranque e arremesso) na categoria de «pesados», vive em Leninekan (República Socialista Soviética da Arménia) e treina-se sob a orientação de seu tio (Serguei Vardanien) numa pequena sala de cinco por cinco metros. Factos quase inacreditáveis: ultrapassa em altura 2.15 m e, no salto em comprimento (sem corrida e a pés juntos) pula 3,64 m.

DESPORTO

URSS: descobrir talentos

«Em busca de talentos» é o lema sob o qual, na URSS, se realizam várias competições, a nível regional, nas diversas modalidades desportivas e que, tal como a própria designação indica, têm por objectivo «descobrir», entre as crianças e os adolescentes, valores novos para o desporto nacional. A iniciativa, que teve por princípio colmatar as carências verificadas nas modalidades com menos adeptos e praticantes, transformou-se rapidamente numa autêntica cadeia de festivais gimnodesportivos, que se tornaram indispensáveis à vida dos jovens, principalmente nas pequenas cidades mais afastadas dos grandes centros urbanos.

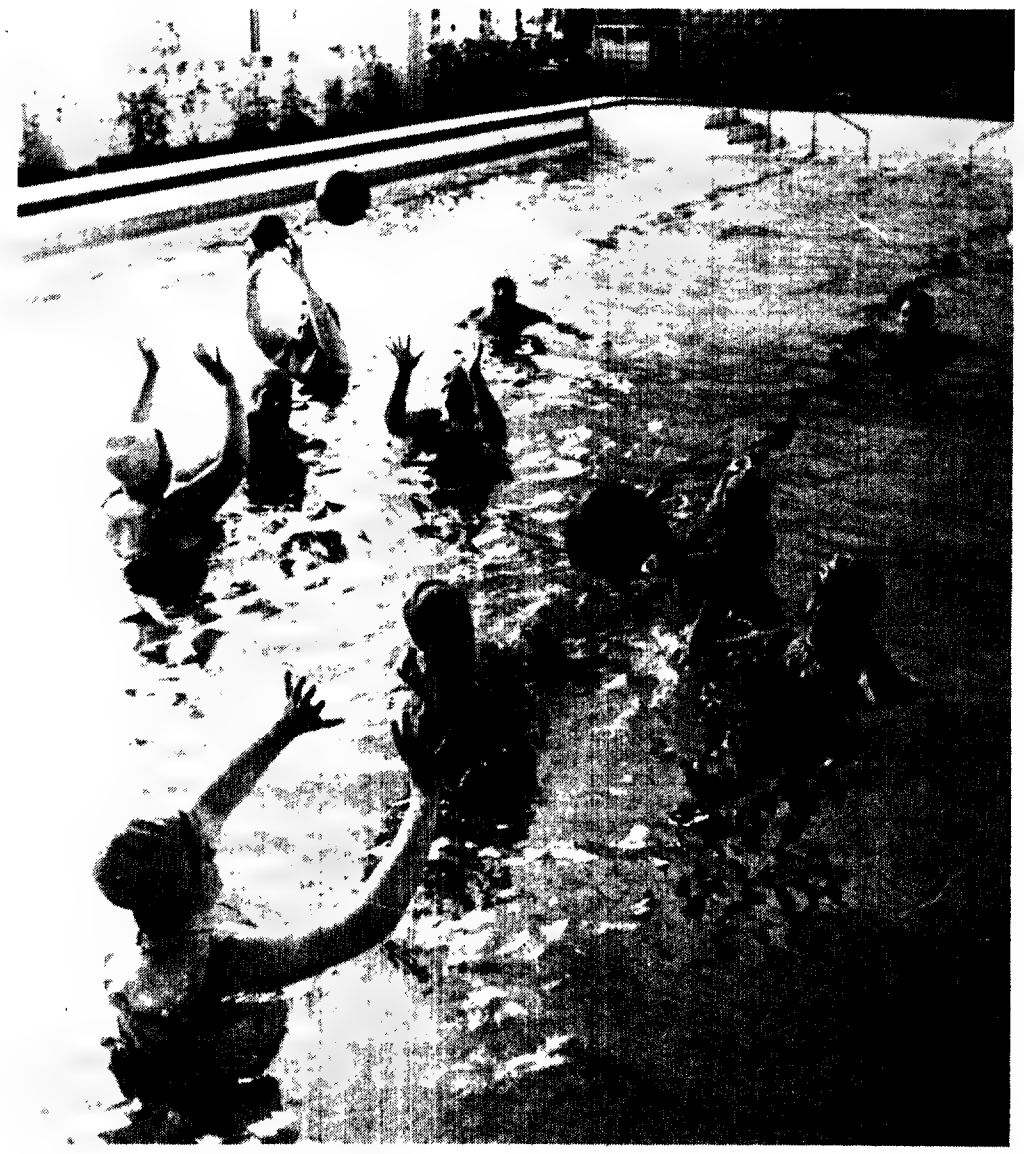
«Em busca de talentos» é uma organização iniciada no princípio da década de setenta, então com intuito de seleccionar crianças para a patinagem de velocidade, modalidade que não era muito popular entre os jovens soviéticos.

Desde as vitórias alcançadas durante a década de cinquenta e o início da de sessenta (por, entre outros, Boris Chilkov, Oleg Gontcharenko, Evgueni Grichine e Viktor Rosstchine) que a modalidade se encontrava em franca recessão. As competições organizadas por professores e «Comissões de Pais» obtiveram (assim) um êxito de certo modo inesperado, designadamente nas mais pequenas cidades. Em Balachikha (por exemplo) pequena cidade situada nos arredores de Moscovo, inscreveram-se treze mil patinadores, dos quais a grande maioria nunca havia participado em qualquer competição desportiva. «Os Olímpicos Somos Nós» e «Ao assalto dos recordes desportivos» eram dois dos cartazes empunhados pelas crianças que desfilavam nos rinques ao som das orquestras escolares e por entre aplausos de dezenas de milhares de espectadores.

A implantação das provas «Em busca de talentos», nomeadamente nas pequenas cidades, ficou também demonstrada em Sverdlovski, onde, recentemente competiram quarenta e seis mil jovens, tendo constituío uma das maiores manifestações desportivas de massas ao nível regional.

A explicação para as vitórias que, frequentemente a URSS conquista, no âmbito do fenómeno desportivo, assenta na prática da cultura física e do desporto ao nível de massas. Ginásios, rinques de patinagem, piscinas e outros complexos gimnodesportivos são, diariamente frequentados por pessoas de todas as idades que têm ao seu dispor, nos bairros e nas escolas, instalações adequadas e técnicos especializados, que as iniciam nas modalidades para as quais mostram possuir capacidade mais elevadas e maior número de aptidões.

Saliente-se, finalmente, que as competições denominadas «Em busca de talentos» possuem, de cidade para cidade, características próprias, perseguindo um objectivo essencial: proporcionar uma autêntica festa de confraternização, uma festa em que o desporto seja não propriamente apenas um espectáculo mas, também e fundamentalmente, uma actividade saudável desenvolvida com a maior alegria de viver.



Desporto: um direito constitucional

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE MAFRA

ANÚNCIO

2.ª Publicação

CP 93/81-2.ª Secção

«No dia 28 de Janeiro corrente, pelas 14 horas, neste Tribunal, na Carta Precatória, vinda do 7.º Juízo Cível de Lisboa e extraída da Execução Sumária n.º 292-/79, da 2.ª secção, contra ANTÓNIO BARBOSA RIBEIRO, residente na Póvoa da Galega-Mafra, será posto em praça pela primeira vez, para ser arrematado ao maio lanço ofererido acima do valor indicado no processo, de um veículo automóvel ligeiro, marca Volkswagen, matrícula IA-46-06-.

Mafra, 5 de Janeiro de 1982

O JUIZ DE DIREITO, Substituto,
Domingos da Cunha Machado Pereira)
O ESCRIVÃO DE DIREITO,
(António Mendes Barata)

Missão do Desporto

Já em 1969 o quotidiano francês «L' Équipe» escrevia: **Muito provavelmente, passará à História a era de Latinina e Caslavska, que alcançaram o apogeu, em competições desportivas, com a idade de 25 anos.** Será que se avizinha a era das campeãs adolescentes? **Se tomarmos em consideração que são necessários sete ou oito anos para formar uma ginasta de craveira internacional, e sabendo que uma mulher de vinte anos, por razões várias, não consegue treinar-se durante três ou quatro horas diárias, não pode haver trinta e seis opiniões sobre a questão.**

Mais de uma década volvida, a revista soviética «Cultura e Vida» tornava ao tema, sublinhando que **no período compreendido entre 1976 e 1979 diminuiu, gradualmente, a média de idades dos desportistas.** Esta tendência é notória não só quanto à alta-competição como no que se refere à iniciação desportiva.

O facto deve preocupar todos os educadores, atendendo a que a saúde da criança pode, de algum modo, ser afectada quando submetida a intensos esforços físicos e psíquicos que mais apropriados serão para os adultos. É preocupante que, nos últimos anos, várias modalidades estejam a ser monopolizadas pelos chamados «meninos-prodígio». Aos poucos, os especialistas vão-se dando conta de que o fenómeno corresponde, objectivamente, a uma etapa determinada do processo de desenvolvimento do desporto mundial.

Talvez que certas particularidades fisiológicas, biomecânicas e psicológicas do organismo infantil permitam que se atinjam, com rapidez, altos resultados em certas modalidades. Talvez que o peso escasso do corpo infantil, a sua elevada flexibilidade, a agudeza da sua capacidade de percepção, a facilidade da coordenação dos seus movimentos, a ousadia por carência de conhecimentos, e a confiança total no seu treinador possam exercer, também, uma influência decisiva. Talvez que, não tendo o jovem de vinte anos a disponibilidade de tempo bastante para a preparação mais correcta, o treinador prefira trabalhar com uma criança cuja idade não lhe provoque problemas de tempos livres. Se estas três hipóteses essenciais estão certas, então veremos aumentar o número de modalidades em que a idade dos seus praticantes vai diminuindo.

Mas, só em certas disciplinas desportivas isso irá acontecendo, já que ninguém consegue imaginar um adolescente de 14 anos, por exemplo, a tentar bater recordes em halterofilia. Rejuvenescer-se-á, então, o desporto, tanto qualitativa como quantitativamente? Talvez. Só que, (para isso) é necessário que se aumentem os esforços durante os treinos que, por sua vez, terão de ser cada vez mais prolongados, ao nível da alta-competição. Para que possam ser adquiridos os mais subtis hábitos quanto ao domínio do corpo, para que o corpo possa ser dotado de músculos simultaneamente fortes e dóceis, deve-se trabalhar no ginásio, no estádio ou na piscina, ao longo de horas sobre horas. Isto provoca, pelo menos, dois inconvenientes: O primeiro, de um ponto de vista psicológico (a prática desportiva, que constituía um passatempo divertido, passa a tornar-se uma tarefa aborrecida, até porque não é qualquer um que pode suportar esses excessos, ainda por cima sendo jovem); o segundo, de um ponto de vista social (não pode prolongar-se infinitamente o tempo de treino, pois o jovem atleta tem de descansar o suficiente, tem de se divertir e, na esmagadora maioria dos casos, de estudar).

Afinal, aumentar o volume dos esforços e a duração dos treinos conduz a um autêntico beco sem saída e podemos aperceber-nos disso se tomarmos em consideração a tremenda febre de «doping» que, ultimamente, vem assolando o desporto.

assim vai o TOTOBOLA

PROGNÓSTICOS DOS ORGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 22 DE 17 DE JANEIRO DE 1982.

Rádio Totobola, x11 x11 x11 1xxx; Coreio do Vouga, 2x1 111 112 1111; Eu Sei Tudo, 211 111 11x 121x; Folha do Domingo, x11 11x x11 1x11; O Jornal de Felgueiras, 211 111 xx2 1x11; Jornal de Santo Tirso, 2x1 1x1 xx1 1212; Jornal Linhas de Elvas, 111 11x x11 11xx; Litoral, 211 x11 x1x 1211; Reconquista, 2x1 x11 xx1 1xx1; RDP/Secção Desportiva, xx1 x11 111 111x; Jornal «A Voz das Beiras», x11 x11 x11 11x1; A Voz de Domingo/Coluna Desportiva, 21x 111 xx1 1x11; A Voz de Lamego, 111 x11 1x1 2x11; RDP/Grafonola Ireal, 11x x12 211 x111; A Voz de Domingo/Palpitações, 211 111 1x1 1111; Rádio Renascença/Secção Desportiva, 211 111 11x 212x; Rádio Renascença/Música e não só, x11 111 xxx 1211; A Comarca de Arganil, x11 x11 111 xx11; Correio de Coimbra, 211 112 2x2 xx11; Defesa de Espinho, 211 x11 11x 11xx; Diário de Coimbra, x2x 111 11x x11; Ecos do Cacia, 211 x11 111 1x1x; O Jornal da Lixa, 111 111 x2x 1xx1; Maria da Fonte, x21 1x1 1x1 1xxx; O Norte Desportivo, x11 x1x 1xx 2x11; Notícias de Chaves, 2x1 11x xx1 111x; Notícias de Felgueiras, 2x1 x11 11x xx11; Notícias de Gouveia, x11 112 x11 x211; RDP/Centro-Diário Desportivo, x11 111 1x1 1x11; Jornal A Ordem, 1x1 x1x xx1 2211; Cardeal Saraiva, 211 111 xx2 12x1; Diário de lisboa, xx1 111 x1x 111x; Jornal «Estrela da Manhã», 211 111 x1x 11xx; Jornal da Beira, 2x1 x11 111 1111; Notícias do Douro, 211 111 11x 1x11; Notícias de Guimarães, 211 x12 2x2 1111; A Voz de Palmela, x1x 11x xx1 1x11; Notícias de Évora, x11 111 111 1x11; Alvo Desportivo, x11 x11 111 1x11; O Comércio de Leixões, 2x1 x1x 111 1211; Estúdio 64, 1x1 x11 x1x 12x1; Jornal de Gaia, 2x1 211 xxx x221; Jornal da Graça, 2x1 xx1 1x1 11x1; Jornal de Notícias, xx1 x11 1xx xx11; Manchete Desportiva, 111 x11 x12 1111; Penalty, 211 111 11x 1x11; O Primeiro de Janeiro, 211 x11 1x2 1112; Quadrante Norte, 211 x11 11x 1112; Rádio Alvo, 2xx 21x 1xx x21x; Repórter do Dia, 211 111 12x1; Resenha Desportiva, x11 111 1x1 1xx1; A Voz dos Ridículos, 111 11x x11 1x11; Jornal O Porto, 111 11x x11 1x11; Jornal a Voz do Ave, 111 111 x21 1211; Rádio Placard, x11 1x1 1x2 2111.

RESULTADOS OFICIAIS

	1	X	2		1	X	2 a)
1. BOAVISTA - BENFICA	10	18	27		2	4	6
2. ESPINHO - PORTIMONENSE	38	15	2		8	3	1
3. PENAFIEL - U. LEIRIA	50	5	0		11	1	1
4. SETÚBAL - GUIMARÃES	30	23	2		7	4	1
5. BRAGA - AMORA	51	4	0		11	1	1
6. A. VISEU - ESTORIL	41	10	4		9	2	1
7. BELENENSES - RIO AVE	27	25	3		6	5	1
8. SPORTING - PORTO	30	23	2		7	4	1
9. LEÇA - SALGUEIROS	28	18	9		6	4	2
10. ALCOBAÇA - O. DO BAIRRO	41	9	5		9	2	1
11. RIO MAIOR - BEIRA-MAR	19	23	13		4	5	3
12. U. SANTARÉM - COVILHÃ	40	13	2		8	3	1
13. C. PIEDADE - LUSITÂNIA	40	12	3		8	3	1

a) - Nos termos do Artº 14º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.-

A "CHAVE" LÓGICA SERÁ:
211 111 111 1X11

História do Movimento Operário e das Ideias Socialistas em Portugal — por Carlos da Fonseca

Estão publicados quatro volumes desta obra de Carlos da Fonseca. O 1.º volume tem o título: «Cronologia»; o 2.º volume: «Os Primeiros Congressos Operários (1865-1894); o 3.º volume: «O Operariado e a Igreja Militante»; o 4.º volume: «Greves e Agitações Operárias» (1.ª parte), apresenta uma documentação, recolhida pelo autor, e um índice cronológico, profissional e geográfico das «causas, amplitude, duração e resultados das greves portuguesas». O volume insere documentos interessantes: «Regulamento do Serviço Interno da Fábrica dos Fósforos (1895)»; relato da «II Conferência Nacional Socialista (Tomar) – Programa do Partido Socialista»; «Actas do Congresso das Associações de Classe». Gráficos e mapas completam a informação documental.

O 3.º volume agora editado – e que por razões editoriais foi dado à estampa em data posterior ao 4.º volume – tem o título «O Operariado e a Igreja Militante» e cobre o período que vai da publicação da Encíclica **Rerum Novarum** à implantação da República. Não se poderá recusar interesse informativo e documental a esta série de volumes que versam temas de «História do Movimento Operário e das Ideias Socialistas em Portugal», sem constituirem, todavia, propriamente **uma história** ou **a história.** Sendo, o que tem o seu mérito, o repositório das pesquisas a que de há anos o autor se dedica.

Como noutros volumes – e com incontestável utilidade para os estudiosos – as cronologias, as bibliografias e as transcrições de documentos – ocupam uma parte do volume. Algumas vezes à «cronologia» é atribuído, nesta obra, um valor de referência considerado, em si, suficiente. Assim, logo na primeira página deste volume pode ler-se: «Para não deixarmos o leitor totalmente desprovido de referências posteriores a 1910, remetemo-lo, pois, à cronologia que segue.» A cronologia abrange referências de 1759 a 1973. Não é um quadro histórico. Deixa ao leitor o trabalho de interpretar, ligar, preencher vazios, imaginar nexos, descobrir relacionações.

Esta «Cronologia» constitui a Parte I do volume (págs. 15 a 27). Nas Partes II, III e IV, o leitor experimentará, frequentemente, dificuldade em situar-se entre o discurso opiniativo e os resultados de pesquisa. A partir de pág. 147, começa, realmente, a parte documental. A obra reúne materiais importantes para **uma história.** Reservará o autor, para esse trabalho de síntese explicativa e integradora, futuros volumes?

Edição de «PUBLICAÇÕES EUROPA-AMÉRICA».

crítica de cinema

JORGE LEITÃO RAMOS

"Noite e Nevoeiro" de Alain Resnais

«Noite e Nevoeiro»: contra a maré da indiferença e do esquecimento

Alain Resnais, francês, cineasta. Numa terminologia consagrada nos anos 60, Resnais é um autor. Pouco importam, porém, categorias e laudas.

A primeira imagem que guardo do seu cinema vem-me da adolescência quando, numa sessão dupla de um festival da Casa da Imprensa, descobri, confuso e fascinado, **O último ano em Marienbad.** Ainda hoje, quando revejo esse filme enigmático e encantatório, me interrogo se não estará aí a pura essência do cinema.

Depois, desilusão: **Amo-te, amo-te** não me convenceu minimamente, creio mesmo que se trata do único mal-entendido deste cineasta.

Na euforia dos últimos dias de Abril de 1974 acedi á dôr e à transfiguração de **Hiroshima, meu amor,** comovente e belo como uma mágoa interminável.

Só nos últimos anos pude ver a restante obra de Resnais na longa metragem. o fabuloso **Muriel.** O indeciso **A guerra acabou.** O precioso (e tão mal-amado) **Stavisky.** A torrente de **Providence.** O sucesso, um tanto **biasé** (e talvez óbvio) de **O meu tio da América.**

O testemunho dos livros indicava-me porém que, algures, lá para trás, na sua filmografia (na sua fase documentarista dos anos 50) um clarão faltava para iluminar a sua obra, portanto já enorme. Esse filme de 32 minutos chamava-se **Noite e nevoeiro** e estreou, enfim, em Portugal.

É claro que é simplista e impossível de provar, dizer que **Noite e nevoeiro** é o melhor documentário jamais feito. Mas, apesar disso, quero afirmá-lo. É tão rara a evidência do génio que melhor é fazer terrorismo pela positiva. Convém que a crítica seja apaixonada, definitiva, facciosamente afirmativa. Por uma vez, por um filme.

Noite de nevoeiro vai ali atrás, ao anteontem da História, ao nazismo e aos campos de concentração, à morte e ao pesadelo industrioso, industrialmente concebidos e executados.

Não vai à procura da verdade nem em busca da revelação, vai ao encontro da memória que esses anos e horrores deixaram gravados, aonde? Nas pedras? Nos muros da câmara de gás? Nas fotografias? Nos filmes de actualidades? Aonde?

A câmara de Resnais visita a plácida quietude das ruínas dos campos, o silêncio e a erva que os recobre, hirtos, de betão já carcomido, cinzentos, indiferentes. Testemunhas mudas, quase sem sinais do horror de outrora, quase esquecidas do que albergaram, sem culpa, conformados.

Sobre essa actualidade, a memória dos documentos, uma certa voz da História que narra inomináveis atrocidades, coisas em que é impossível acreditar, números cheios de zeros (e cada um é um cadáver, uma pessoa, tu, eu, ele); a câmara de Resnais agarra o próprio espanto com minúcia e raiva (como nesse **Travelling** espantoso sobre uma fotografia de uma pilha de cabelos de mulher, **travelling** que nunca mais acaba, como se a pilha não tivesse fim, os quilos se transformassem em toneladas e estas crescessem até ao infinito e nos esmagassem); a câmara de Resnais filma o horror em estado puro ao mostrar, meticulosa, os tecidos fabricados com cabelo, o sabão fabricado de gordura dos cadáveres, os desenhos ornamentais traçados sobre a pele arrancada aos mortos.

E, no entanto, não é de um sonho mau que se fala, é de anteontem. Vemos os guardas, os algozes, os assassinos de massas dizer em tribunal que não foram responsáveis, cumpriam ordens. Somos avisados que, algures, no meio de nós, os homens e as mulheres que perpetraram o horror e o extermínio estão aí. Tal como os que calaram, os que não acreditavam, os que fechavam os olhos. E um destes dias poderão sair como ratos, do seu anonimato, e espalhar de novo, a peste numa qualquer cidade feliz.

Noite e nevoeiro é um filme em estado de inquietação. Ele sabe, lembra-se e constata que em sítio nenhum essa memória se gravou, que o tempo já lavou o sangue e a abominação. E, então, constitui-se em receptáculo da memória em barco contra a maré da indiferença e do esquecimento. Atónito. É inexplicável que tenha acontecido é impossível que já ninguém se lembre.

Nota: Exibido em complemento a **Amor e Raiva,** no Quarteto, é possível que este filme passe despercebido. O que seria uma injustiça gritante. É imperioso que **Noite e nevoeiro** seja um sucesso. Por causa do cinema, por causa da vida.

FICHA:

Título original: Nuit et Brouillard.
Realização: Alain Resnais (França-1955).
Texto: Jean Cayrol (**dito por** Michel Bouquet).
Conselheiros históricos; Olga Wormser e Henri Michel.
Fotografia; Ghislain Cloquet e Sacha Vierny.
Montagem: Alain Resnais.
Música: Hans Eisler.
Direcção de produção: Edouard Muszka.
Assistentes: Jean-Charles Lauthe, André Heinrich, Chris Marker (**ass. realização),** Anne Sarraute (**ass. montagem**). Henri Colpi e Jasmine Chasney (**ass. som**).
Distribuição em Portugal: Animatógrafo.
Cinema: Quarteto – Sala 2.
Classificação: Interdito a menores de 13 anos.
Duração; 32 minutos.

24.ª SEMANA quarteto
um "best-seller" de Jeanne Cordelier
baseado na sua própria experiência
MIOU-MIOU
MARIA SCHNEIDER

corpo e prazer,
entrega e ilusão,
sorrisos sem vida.
um filme de DANIEL DUVAL
la dérobade
CRÓNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO
INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS
sacil

A MAIS TERRÍVEL EXPERIÊNCIA DA HISTÓRIA DA CIENCIA
Um jovem cientista, candidato ao Prémio Nobel leva a efeito uma das mais perigosas experiências em que a cobaia é ele próprio

um filme de KEN RUSSELL
VIAGENS ALUCINANTES
ALTERED STATES
'ALTERED STATES' com WILLIAM HURT · BLAIR BROWN · BOB BALABAN · CHARLES HAID
prod. executivo DANIEL MELNICK · música JOHN CORIGLIANO · escrito por SIDNEY AARON · da novela de Altered por PADDY CHAYEFSKY
produção HOWARD GOTTFRIED · realização KEN RUSSELL
1980 Warner Bros. All Rights Reserved
QUARTETO HOJE AS 21.30 — ESTREIA
INTERDITO A MENORES DE 18 ANOS

Tchekov: o interesse permanente

O Teatro da Caixa dirigido por Rogério de Carvalho tem em cena, com êxito assinalável, o «Tio Vânia» de Tchekov. O interesse que continuam a despertar em todo o mundo as obras do autor russo foi o tema de um artigo de António Buero Vallejo, dramaturgo espanhol, escrito a propósito do 120.º aniversário do nascimento do contista e dramaturgo russo.

«O Pomar das Cerejeiras» e «As Três Irmãs» voltaram aos palcos de Madrid e o acontecimento talvez mais importante da temporada teatral, em 1979, foi a reposição do «Tio Vânia».

Um interesse tão duradouro pelas obras de Tchekov não é apenas sentido por russos e espanhóis mas em todo o mundo. E se o facto é surpreendente no que se refere à obra narrativa, é-o muito mais ao tratar-se de obra teatral.

Como dramaturgo, interessa-me particularmente a razão da sobrevivência dos dramas tchekovianos e quando me alegam que se trata de um clássico não deixo de recordar que há clássicos cujas imagens confusas empalidecem com o tempo...

O que não deixa envelhecer o teatro de Tchekov? E, personalizando a pergunta, porque é que ao seu contacto em vez de me sentir envelhecer tenho, pelo contrário, uma sensação de rejuvenescimento?

Existe um factor muito importante no desenvolvimento da literatura contemporânea que deveria ser um obstáculo ao êxito das obras de Tchekov: na prosa e na dramaturgia das últimas décadas desenvolveu-se uma tendência, que poderíamos chamar de neobarroca, para complicar e desconjuntar as estruturas estéticas e linguísticas, com o objectivo de renová-las, e que vai a extremos desconcertantes para o leitor vulgar. Não repudio esse trabalho de pesquisa que assoma, inclusivamente, em algumas das minhas criações e que grandes escritores da nossa época tornaram digno de crédito.

A reconquista da particularidade formal é, sem sombra de dúvida, sempre fecunda, e a que hoje se procura torna ainda mais surpreendente a permanência cénica de Tchekov. Será apenas resultado da reacção favorável do público ao que é simples e claro e da sua rejeição ao que é complexo e obscuro?

Em certa medida, talvez. Mas é preciso não esquecer que o teatro de Tchekov, simples e claro à primeira vista é, na verdade, extremamente complexo. A sua «simplicidade» tornou-se um tópico na crítica literária para o que concorre a evidente familiaridade da sua linguagem coloquial e construção sóbria das suas obras.

Tchekov dramaturgo prescinde das complicações estruturais e utiliza as palavras mais vulgares; tudo o que é vagamente dito, como por descuido, entre distracções e silêncios, através de situações nas quais parece que nada acontece, revela o que há de mais profundo na vida humana com essa delicadeza e acuidade que só Tchekov soube combinar. Uma simplicidade envolta em tais subtilezas que não foi possível, até hoje, penetrá-la completamente. Impressionismo e Naturalismo são conceitos que não esgotam o teatro tchekoviano; se assim fosse há muito que estaria morto.

No início da sua carreira de dramaturgo, Tchekov foi acusado de ignorar «as regras» do teatro. Com efeito, não deixou qualquer regra mas, em contrapartida, descobriu realidades que nenhum dramaturgo, nem um só, pode esquecer por mais tradicionalista, surrealista, ritual, alegórico ou didáctico que queira mostrar-se. Em relação a esta última tendência é particularmente oportuna uma afirmação de Tchekov: «Para quê explicar o que quer que seja ao público? Há que assustá-lo, simplesmente! Vai interessar-se e chegar à reflexão». Por outras palavras: a arte teatral não deve ser elementar pois só assim será possível obter a tão desejada colaboração do espectador e tornar mais agudas as suas percepções emotivas ou racionais.

Para isso é recomendável uma certa simplicidade de expressão; mas uma simplicidade que nada tem a ver com primitivismo; uma simplicidade que consiste em deitar um olhar diferente e fresco sobre a vida descobrindo a sua originalidade, exprimindo-se por acaso na linguagem mais vulgar que é afinal de contas, extremamente original. Esta é, certamente, a mais difícil e proveitosa lição dada por Tchekov. Mas não a única. Ao mesmo tempo existe uma outra: a que ressalta do seu espantoso sentido do trágico.

Contrariamente a opiniões muito difundidas, os leitores mais perspicazes sabem que a tragédia não inspira forçosamente sentimentos de fatalidade e desespero. Ainda que o pareça à primeira vista, a tragédia não é uma interpretação antidialéctica e intemporal da sociedade e dos indivíduos mas uma reflexão comovente que nos leva a intuir as vias que levam a superar as situações trágicas.

Este sentimento encontra-se escondido em todas as tragédias verdadeiramente grandiosas mas, nas de Tchekov, graças ao dinamismo social que as caracteriza, penetra-as até ao mais ínfimo pormenor.

São obras nas quais, apesar do desespero em que se consome o herói não se extingue a chama da esperança, não porque nos seus textos haja frases que a alimentem; a impressão de que o sofrimento e a injustiça não serão eternos transpira das próprias situações, da predeterminação histórica que as caracteriza (ainda que não seja expressa por palavras) e de uma mestria consumada que faz com que as pausas, os gestos e os sons não sejam menos expressivos do que as palavras: «Não será sempre assim» ouvimos muitas vezes das bocas amargas desses heróis cinzentos. E se o calam é o leitor ou o espectador que é levado a proferi-las porque toda a obra o conduz ao sentimento de esperança.

São essas tragédias sem espavento, distraídas e pungentes, vividas por protagonistas assombrosamente verdadeiros que lutam por um amanhã inexorável, que convertem o seu autor num mestre imortal de todos quantos fazemos teatro.

António Buero Vallejo
(Novosti)

"FN" filatelia e numismática

«FN» (Filatelia e numismática), revista mensal de prestígio entre os apaixonados por colecções de selos ou moedas, tem nas bancas as edições de Dezembro e Janeiro, repletas de assuntos com interesse, ou não estivesse na sua direcção Nestor Fatia Vital, indiscutivelmente uma personalidade nas matérias.

No número que fecha o ano, «FN», debruça-se sobre a montagem de documentos postais em coleccionismo filatélico (artigo de Manuel Marques Gomes), correio militar (Paulo Jorge Kruger), centenário do nascimento de Picasso (Daniel Costa), máximafilia (José António Duarte Martins), apresenta uma entrevista com o prof. Oliveira Marques) para além de várias secções de bastante interesse para quanto se deixaram contaminar pelo «bichinho» do selo ou da moeda.

A revista «FN» de Janeiro oferece, igualmente, assuntos de pleno interesse: história postal (Armando Vieira), frânquias mecânicas (João José Alves Dias), «Espamer» (Miguel Macedo Teixeira), cultura portuguesa nos selos postais (Feliciano Mendes, numismática (Nestor Fatia Vital, José Vicente Montalvão Machado e Rafael Monteiro) além de anunciar a próxima emissão de uma moeda com o valor facial de mil escudos homenageando Camões.

Publicações a não perder, por quantos gostam de filatelia e numismática.

Um passo em frente

Autêntico «expert» em numismática, Nestor R. O. Fatia Vital acaba de editar dois textos em que a moeda é rainha e fulcro: «O escudo, moeda com história» e «Breviário da moeda romana imperial», ambos a reflectirem estudo e conhecimento. São separatas da revista «Estampilha e vintém» (Porto) que representam contributos extremamente válidos, para o estudo da nossa numismática, paixão e cultura de milhares de portugueses.

Serenata futurista em Setúbal

Os 16 actores de teatro de amadores que concluíram um curso de aperfeiçoamento realizado em Setúbal durante três meses, apresentam sábado um espectáculo decorrente dos trabalhos.

O espectáculo, «Serenata Futurista», será apresentado no teatro de bolso do Teatro Animação de Setúbal (TAS).

O curso efectuou-se durante 12 fins-de-semana e foi orientado pelo actor Seme Lufti. Juntou elementos de grupos de amadores de Setúbal, Sines, Santiago do Cacém e Palmela.

Apoiado pelo Ministério da Cultura e Coordenação Científica, realizou-se nas instalações do TAS com um programa que incluiu aulas de expressão corporal, interpretação e improvisação, dramaurgia e dicção.

2.º MÊS
A EXCEPÇÃO E A REGRA
de BERTOLT BRECHT
encenação PETER SCHROTH e PETER KLEINERT
GRUPO DE CAMPOLIDE
C.M.A./Gulbenkian Sub. SEC
SEXTAS E SÁBADOS ÀS 21.45 h.
DOMINGOS ÀS 16 h. E 21.45 h.
Um dos melhores espectáculos do ano.

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUIZ
(SALA-ESTÚDIO)
TEATRO – MÚSICA
«O LÍRIO DO INFERNO»
INTÉRPRETES:
MARIA-ALICE VERGUEIRO
ACTRIZ / CANTORA
CARLOS AZEVEDO
PIANISTA / COMPOSITOR
Dr. Artística: CATHERINE HIRSCH
Prod. e Realização: GERALDO TUCHÉ
ÚLTIMA TEMPORADA EM LISBOA
DE 13 A 16 E 27 A 30 ÀS 21.30H
DIAS 17 E 31 (DOMINGOS) ÀS 18.00H
OPINIÃO UNÂNIME DA CRÍTICA: ESPECTÁCULO ÚNICO NO GÉNERO. UM DOS MAIS BELOS EM CENA EM PORTUGAL
PREÇO ÚNICO: 100$00
PIANO KAWAI DA CASA CUSTÓDIO CARDOSO PEREIRA
Não acons. men. 13 anos

APRESENTA
Terça-feira, 19 de Janeiro às 21.30
(para uma curta série de representações)
TEATRO IBÊRICO

Retábulo do Amor profano
Os sócios do Inatel, dos Ccds. e Cpts. beneficiam de 50% de desconto
(Não acons. a menores de 13 anos)

Em ALJUSTREL o Diário de Lisboa vende-se no CAFÉ ALIANÇA

Homens e máquinas
na mais devastadora competição mundial!

em memória daqueles que morreram...
...a prova continua!
OS GUERREIROS DA FÓRMULA 1
POLE POSITION
FEBRE DA VELOCIDADE II
ROMA
ESTREIA HOJE ÀS 21.30

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

São sofismas a mais, doutor

1. Representantes dos quatro partidos mais importantes da Assembleia da República discutiram ontem na Televisão aspectos relacionados com a revisão constitucional.

Mas em qual televisão discutiram eles? Na RTP/1, mais poderosa, mais influente, mais alargada? Não. Estiveram na RTP/2, frequentada por meia dúzia de telespectadores, espécie de clube familiar em que todos mais ou menos se conhecem.

Este pormenor, na sua aparente simplicidade, define bem o secretismo, a ignorância, a distância a que conduz o processo da revisão, enquadrado no desejo de certas forças de ver a coisa o menos discutida possível.

As forças da AD, por um lado, privatizam as discussões e dizem: «Não senhor, não há secretismo, fica tudo registado e gravado, quem quiser pode ler...» Mas por outro lado, as forças da AD que controlam os grandes meios de Comunicação Social, fecham-nos à divulgação das discussões...

Lamentavelmente, um homem inteligente como Almeida Santos embarca neste sofisma.

Neste e noutros. Mal empregada inteligência, doutor.

2 – Exemplo de sofisma como instrumento de acção política, por parte de Almeida Santos, encontra-se na avaliação do «acordo PSD-PS». Ele quer provas. Ali, tudo escarrapachado. Quais os termos desse acordo? Quem o subscreveu? Onde? Venham de lá as informações, senhor engenheiro Veiga de Oliveira...

Veiga de Oliveira (a paciência deste homem, caramba!) explica tudo direitinho, como se estivesse a ensinar a ler pela cartilha maternal.

Lembra alguns dos passos de um entendimento tão apertado entre Mário Soares e a AD a tal ponto que pode perguntar-se se isto não é acordo, então um acordo o que é?

Aliás, o moderador e os representantes dos outros partidos, Luís Beiroco, pelo CDS, e Sousa Tavares, pelo PSD (com destaque para este último) várias vezes se referiram ao «consenso».

Será que Almeida Santos acredita no «consenso por acaso», em questões tão essenciais como são aquelas que podem determinar o próprio destino da democracia em Portugal?

3 – Ei-lo, por amostra doutro sofisma, a invocar as «democracias europeias» para apoiar a retirada das atribuições militares ao Presidente da República. Trata-se, segundo ele, de subir do conjuntural ao universal. Depois, tiram-se ao PR uns poderes e dão-se outros...

Sofismas. Sofismas. Sofismas. Doutor, cuidado. São sofismas a mais para um homem só.

Recordemos que, em Portugal, depois do 25 de Abril, se deram transformações sociais mais profundas do que nas tais «democracias europeias». Que essas transformações estão longe da garantia na sua consolidação. É que os mecanismos da sua defesa tem sido obstinadamente postos em causa desde que a AD se fez Governo.

Se esta coligação se apodera do poder militar (com o acordo do PS!...) alguém duvida de que mais nenhum obstáculo haverá à destruição das conquistas democráticas?

Almeida Santos parece não acreditar. Para homem tão experimentado, parece ingenuidade excessiva.

E não há nada como a ingenuidade excessiva para induzir à desconfiança sobre a existência da ingenuidade.

4 – Não tenho, confesso, a paciência de Veiga de Oliveira, construída aliás e posta à prova em muitos anos de prisões fascistas. Pelo que desisto de convencer o dr. Almeida Santos e outros muito menos almeida santos do que ele, dos perigos do acordo PS-PSD.

Volto-me para os meus leitores. Por que será que a direita quer esvaziar de poderes não só este, mas os outros presidentes da República?

Por uma razão forte: sendo o presidente da República escolhido por sufrágio universal há a garantia provável da eleição de um presidente democrata através dos votos conjuntos da esquerda, dos democratas, dos patriotas.

Em tal caso, os democratas consideram que um presidente que evite a governamentalização das Forças Armadas, constitui um freio à sofreguidão de qualquer governo. Mas a direita teme que, pela via do sufrágio, não conseguirá impor um presidente seu.

Não venceu com aquele Soares Carneiro, nem vencerá com qualquer outro soares mesmo que não se chamasse carneiro. Solução: destruir o equilíbrio, ficar com tudo...

A esta luz, tudo se torna claro.

5 – A democracia em Portugal não está firme. Longe disso. O nosso povo tem de estar mobilizado para a sua defesa, e a verdade é que os acordos em que Mário Soares está comprometido até ao tutano, não facilitam essa mobilização.

Mas o povo que, na rua, impôs o 25 de Abril, saberá uma vez mais, na rua, defendê-lo. Os trabalhadores chegaram a um consenso: este Governo não presta.

Ao pé desse consenso, outros não podem nada.

NOTARIADO PORTUGUÊS

NONO CARTÓRIO NOTARIAL DE LISBOA

A CARGO DA NOTÁRIA
LICENCIADA MARIA ALICE RIBEIRO FERNANDES

CERTIFICO NARRATIVAMENTE PARA EFEITO DE PUBLICAÇÃO — Que, por escritura de dezassete de Dezembro de mil novecentos oitenta e um, lavrada a folhas sessenta e oito e seguintes do livro número vinte e nove G, destas notas, foi entre, Nicolau Leopoldo Gartner e António Manuel Fernandes Marques, constituída uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, que se ficou a reger pelo pacto constante dos artigos seguintes:

PRIMEIRO

A sociedade adopta a denominação, N. GARTNER — EMPRESA DE REPRESENTAÇÕES LITERÁRIAS, LIMITADA, e tem a sua sede em Lisboa, provisoriamente na Rua Portugal Durão, número dezoito, cave direita, freguesia de Nossa Senhora de Fátima, e durará por tempo indeterminado a partir de hoje.

SEGUNDO

O objecto social consiste na comercialização de livros e publicações e na prestação de serviços relacionados com tal comercialização.

TERCEIRO

O capital social, integralmente realizado em dinheiro é de cinquenta mil escudos e corresponde à soma de duas quotas: — uma de quarenta e cinco mil escudos pertencente ao sócio Nicolau Leopoldo Gartner e outra de cinco mil escudos pertencente ao sócio António Manuel Fernandes Marques.

QUARTO

A divisão e a cessão de quotas, no todo ou em parte, são livremente permitidas entre sócios, mas a estranhos dependem do consentimento da sociedade e de quem mais for sócio.

QUINTO

A gerência e a administração da sociedade, bem como a sua representação em juízo e fora dele, quer activa, quer passivamente, ficam a cargo de ambos os sócios, os quais, desde já, ficam nomeados gerentes com dispensa de caução e com ou sem remuneração conforme for deliberado em assembleia geral.

Parágrafo Primeiro: — Para que a sociedade fique validamente obrigada, nos seus actos e contratos é necessária e suficiente a assinatura do gerente Nicolau Leopoldo Gartner.

Parágrafo Segundo: — Os gerentes poderão delegar no todo ou em parte, os seus poderes de gerência e de representação social, mediante procuração e a sociedade poderá constituir mandatários nos termos e para os efeitos do artigo duzentos e cinquenta e seis do Código Comercial.

Parágrafo Terceiro: — É vedado aos gerentes obrigarem a sociedade em fianças, abonações, letras de favor e em quaisquer outros actos ou contratos estranhos ao seu objecto social.

SEXTO

A sociedade só se dissolverá nos casos previstos na lei e no caso de falecimento ou interdição de qualquer sócio a sociedade continuará com os herdeiros ou representantes, por intermédio de um só que os represente.

SÉTIMO

Os balanços serão anuais e encerrados em trinta e um de Dezembro e os lucros líquidos apurados depois de deduzidos cinco por cento para o fundo de reserva legal, serão divididos pelos sócios na proporção das suas quotas.

OITAVO

Quando a lei não exigir outras formalidades, as reuniões de assembleia geral serão convocadas por cartas registadas, dirigidas aos sócios, com oito dias de antecedência pelo menos.

Está conforme.

Lisboa, aos seis de Janeiro de mil novecentos e oitenta e dois.

O AJUDANTE
(assinatura ilegível)

TRIBUNAL JUDICIAL DA COMARCA DE TOMAR

ANÚNCIO «DL» — 14-1-82 2.ª Publicação

— No dia 4 do próximo mês de Fevereiro pelas 12 horas, no Tribunal desta comarca de Tomar, nos autos de carta precatória vindos do 5.º Juízo Cível de Lisboa e extraída dos autos de execução de sentença que o Banco Pinto & Sotto Mayor move à executada Henriques e Oliveira Ld.ª com sede nesta cidade de Tomar, serão postos em praça pela primeira vez, para serem arrematados ao maior lanço oferecido acima do valor indicado no processo os seguintes bens móveis: dois balcões expositores em fórmica e com o tampo em vidro; dois manequins de criança; um expositor de calças; 1 lote de dez pares de calças de fazenda para homem e senhora; o direito ao arrendamento e trespasse do estabelecimento comercial que a firma executada tem no prédio sito na Rua Major Ferreira do Amaral, inscrito na respectiva matriz, sob o art.º 2.159, de que é senhorio José Fernandes Costa, residente na Av. Cândido Madureira, n.º 12, Tomar.

Tomar, 6 de Janeiro de 1982

O JUIZ DE DIREITO
Joaquim Filipe Soares Rebelo

ESCRIVÃO DE DIREITO,
Zita Heleno

TELEX/ZONA CACÉM

Firma a instalar Alto Bela Vista pretende adquirir por cedência terminal. Indicar preço e data provável de disponibilidade, ao n.º 14 128.

PUB

ESTABELECIMENTOS Auri

Toda a família que sabe olhar por si faz todas as compras na Auri

ARTESANTO – LOIÇAS REGIONAIS
TOALHAS BORDADAS EM LINHO
JOGOS DE CAMA BORDADOS EM LINHO – TECIDOS RÚSTICOS

ENXOVAIS ■ COBERTORES – COLCHAS – JOGOS DE CAMA – JOGOS DE BANHO – ATOALHADOS DE MESA – PANOS PARA LENÇÓIS, ETC.

AV. ROMA, 36-B
1700 LISBOA
TEL. 89 54 60

21.º ANIVERSÁRIO
PREÇOS ESPECIAIS
de 15 de Janeiro a 15 de Fevereiro

Manuel Rafael, Lda.
TUDO EM MATERIAL ELÉCTRICO
TV. DO FORNO, 7-A (AO ROSSIO) T. 371001/2

Hoje

Termina esta noite na RTP-1, com a exibição do 6.º episódio, a série «A Segunda Oportunidade»

17.37 Sumário
17.40 Tempo dos Mais Novos
18.15 País, País
18.45 Res-Pública – Ponte da Barca.
19.10 «Olhai os Lírios do Campo» – 60.º episódio.
19.55 O Tempo
20.00 Telejornal – as notícias nacionais e estrangeiras.
20.35 «A Segunda Oportunidade» – 6.º e último episódio. Intérpretes: Susannah York e Ralph Bates. Realização: Gerry Mill e Richard Handford.
21.30 Primeira Página – com o ministro da Justiça.
22.30 24 Horas

Na RTP-2 exibição do 11.º episódio da série «O Exército Secreto»

18.15 País, País
18.45 «Sítio do Picapau Amarelo»
19.05 Êxitos d'Ontem na RTP
19.30 Desenhando Sobre Música
20.00 Informação/2
20.30 Museu do Cinema –
22.00 «O Exército Secreto»

Amanhã

RTP 1

Das **13.20** às **17.20**: Ciclo Preparatório TV, **17.32**: Sumário; **17.37**: Tempo dos Mais Novos; **18.15**: País, País; **18.45**: Pergunte Connosco; **19.15**: «Olhai os Lírios do Campo» – episódio n.º 61; **19.55**: O Tempo; **20.00**: Telejornal; **20.30**: «A Balada de Hill Street» – episódio n.º 10; **21.30**: Noves Fora... Nada; **22.55**: 24 Horas.

RTP 2

18.15: País, País; **18.45** «Sítio do Picapau Amarelo», **19.10**: O Homem e a Terra; **19.30**: Jeito e Efeito; **20.00**. Informação/2; **20.30**: Os Grandes Maestros – Zubin Metha; **21.30** Animação/2; **22.00**: Pare- Escute e Olhe – Fernando Pessoa; **22.30**: Benny Hill.

GRUNDIG
qualidade em toda a linha!

RTP 1 «A Segunda Oportunidade» (20.35)

«O Exército Secreto» (22.00) RTP 2

Alem de um programa a escolha oferece-lhe

Resumo do episódio de hoje

Frida pede a Olívia que se afaste de Eugénio, depois de Eunice lhe ter dito que casará com o médico, nem que seja a última coisa a fazer na vida. Diz-lhe ainda que se vingará da bofetada.

Dora e Isabel voltam para casa de Filipe, enquanto, em Nova Itália, Bruno e o padre recolhem assinaturas para reforçar o convite a Olívia para passar a Páscoa com eles. Antonieta, com ciúmes de Olívia, empurra Carlo para o rio.

Eugénio vai a casa da mãe, oferece-lhe dinheiro que ela não aceita e Ernesto diz a Madalena que deixarão de viver juntos logo que a mãe se recomponha do falecimento do pai.

À frente de Alzira, no entanto, trata Madalena com carinho.

ASSISTENCIA TECNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO – Rua B. Jesus Caraça, 17 Cruz Quebrada – Tel. 2112871

roteiro cultural

Teatro

A Companhia de Teatro de Viseu estreia amanhã, no Auditório do Museu de Almeida Moreira, naquela cidade, o espectáculo «Pathelin». Farsa do séc. XV, atribuída a autor anónimo, tem encenação de Victor Esteves, adaptação e cenografia de Wladimir Franklin e conta ainda com a participação de São Aguiar, Cândida Vieira, Jorge Fraga, Wladimir Franklin e Zé Rui.

Cinema

Com a apresentação de «Le Dernier Milliardaire», de René Clair, o AR.CO prossegue hoje uma programação de cinema inteiramente dedicada a 50 filmes franceses, produzidos entre 1931 e 1978 e assinados por 29 dos mais importantes cineastas de sempre. Amanhã, o AR.CO exibe «Toni», de Jean Renoir, e no sábado «Le Crime de Monsieur Lange», outra das obras-primas de Renoir, com argumento de Jacques Prévert. As sessões iniciam-se às 21.45. «Toni» será apresentado em cópia legendada em português; «Le Dernier Milliardaire» e «Le Crime de Monsieur Lange» serão exibidos em cópias não legendadas.

Ópera

Hoje e no dia 21, às 21 horas, e no domingo às 16 horas, há ópera portuguesa no Teatro de S. Carlos, onde está a ser apresentada com êxito «As Variedades de Proteu», com libreto de António José da Silva «O Judeu» e música de António Teixeira. A encenação é de Carlos Avilez, a cenografia de Helena Reis e a direcção musical de Gunther Arglebe. Na interpretação: Alice Marinho, Elsa Saque, Isabel Malaguerra, Fernando Serafim, Mário Rodrigo, Carlos Guilherme, José de Freitas, Oliveira Lopes e a actriz Lurdes Norberto.

«Imagens do Canadá» — a Amadora pode ver trabalhos dos melhores fotógrafos canadianos

Música

Sob a direcção do prof. René Clemencic, vai realizar-se, de 15 a 20 de Fevereiro próximo, nas instalações da Gulbenkian e promovido pelo seu Serviço de Música, um Curso de Flauta de Bisel, no qual serão admitidos flautistas profissionais ou alunos de flauta dos Cursos do Conservatório, assim como amadores com um bom conhecimento básico do instrumento. Poderão ainda inscrever-se outros instrumentistas de sopro que desejem dedicar-se à prática de flauta de Bisel.

O horário do curso será de 15 a 18 de Fevereiro, das 10 às 13 horas e das 15 às 17; e nos dias 19 e 20, das 10 às 13 horas.

O período da inscrição é de 25 de Janeiro corrente a 10 de Fevereiro próximo, sendo as línguas de ensino em francês e inglês.

Exposições

Imagens do Canadá, exposição itinerante organizada pelo Instituto Nacional do Filme do Canadá, que reúne mais de meia centena de fotografias de 27 dos melhores fotógrafos canadianos, está patente ao público diariamente, até 18 de Janeiro, na sede da Junta de Freguesia da Venteira, na Av. D. Nuno Álvares Pereira, Lote 5 - loja -Amadora. A mostra, agora apresentada pelo Centro Cultural Roque Gameiro, de colaboração com os Serviços Culturais da Embaixada do Canadá, já esteve no Porto, Braga, Coimbra e Évora.

Uma exposição de livros e revistas franceses é hoje inaugurada na Casa do Infante, no Porto, onde permanecerá até ao próximo dia 30. A mostra tem o patrocínio da Câmara Municipal do Porto, da Associação Portuguesa de Editores e Livreiros, da Sodexport-Grem, da Unipresse e do Instituto Francês do Porto.

Elvas em festa

Por iniciativa da Câmara Municipal do Conselho de Elvas e integrado no 323.º aniversário da Batalha das Linhas de Elvas, realiza-se um vasto programa cultural em todo o conselho abrangendo as freguesias de Terrugem, Vila Boim, S. Brás e S. Lourenço, São Vicente, Santa Eulália, Barbacena e Vila Fernando.

Hoje, às 17.30, tem lugar a inauguração de uma exposição plástica de Ângelo Pereira alusiva ao 14 de Janeiro. No sábado, haverá uma tarde infantil preenchida com um espectáculo da mulher-palhaço Teté e às 21 horas exibe-se o filme «Cerromaior». Domingo, às 16 horas, nova sessão de cinema com o filme «Aniki Bobó» e à noite «Velhos São os Trapos».

Nas freguesias as actividades estendem-se até ao dia 17 e além do programa já referido haverá exibição do Rancho Folclórico de Elvas e da Banda Militar 14 de Janeiro, bem como uma exposição itinerante intitulada «O Museu vai às Freguesias».

CAFÉ TEATRO DA COMUNA
Praça de Espanha (metro Palhava) telefone 762624
iO APOLLONi

viver mulher
Espectaculo Musical
Só em Janeiro
5.ª, 6.ª e Sábado — Só às 22.30 horas
Domingos às 17 horas
Serviço de jantar e ceia
Viver, contar, cantar a mulher

NÃO FUME EM RECINTOS FECHADOS

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA

ANÚNCIO

Faz-se saber que por este Juízo e primeira secção, correm éditos de trinta dias, que começam a contar-se da segunda e última publicação do anúncio, citando o réu RUI BARBOSA SOARES DA SILVA, ausente em parte incerta, e com última residência conhecida na Rua da Beneficência, n.º 195-A e B em Lisboa, para no prazo de vinte dias, findo que seja o dos éditos, contestar, querendo, a acção ordinária n.º 7.022/81, que lhe move e a outros o Banco Pinto & Sotto Mayor, EP, sob pena de, não contestando, a acção prosseguir seus termos à revelia até final. O pedido do autor consiste no pagamento da quantia de 1 576 208$20, acrescida de juros de mora à taxa de 6% até integral pagamento, devendo o réu ainda declarar se confessa ou nega a firma aposta nos títulos de obrigação.

Lisboa, 18 de Dezembro de 1981

O JUIZ DE DIREITO

Joaquim Dias

O Escriturário

Manuel João
de Oliveira Serrão

D.L.- 14-1-82
1.ª Publicação

STAR TURISMO VIAGENS
UMA AGENCIA DE VIAGENS DE SERVIÇO COMPLETO
Lisboa Estoril Porto Guimarães Faro Portimão Madeira e Açores

rádio

Antena Um

17.00: Ovo de Colombo; **17.05**: Figuras e figurantes; **17.30**: Ontem, manchete de amanhã; **18.15**: A década prodigiosa; **20.00**: Ler, ouvir e falar – silábica; **21.00**: Educando...; **21.30**: Livre e directo; **23.30**: Último jornal.

Programa 2

16.00: Panorama da música antiga; **16.40**: «Suite Lírica», de Alban Berg; **17.00**: Cancioneiro popular português; **17.30**: Sonata para violino e piano, de Armando José Fernandes; **18.05**: Música portuguesa; **19.00**: O canto e os seus intérpretes; **19.50**: «4 Danças Alemãs», (Hurdy-Gurdy), K. 602, de Mozart; **20.10**: A voz de Roma; **20.20**: Canções tradicionais húngaras em arranjos de Kódaly, Bartók e Britten; **21.00**: Aspectos da história do teatro português; **21.40**: Concerto sinfónico realizado no Teatro S. Luiz; **23.30**: Obras de Ravel para piano; **00.00**: Música; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

Rádio Comercial (293, 298 e 397m)

15.15: Espelho meu; **15.45**: Teatro trágico; **16.15**: Os meus segredos de cozinha; **17.03**: Todos no top; **18.06**: Hora de ponta; **18.10**: Espaço 3 P; **20.03**: Quando o telefone toca (1.ª edição); **20.30**: Diversos; **21.03**: Quando o telefone toca (2.ª edição); **21.30**: Quando o telefone toca (3.ª edição); **22.03**: Portugal e a CEE; **22.20**: Mensagens bíblicas; **22.25**: Diálogo; **22.40**: Tempo de desporto; **23.06**: 24.ª hora. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.05: Espaço 3 P; **16.03**: Rock em stock; **18.03**: Círculo em FM; **19.03**: Em órbita; **20.03**: Rolls rock; **21.03**: Abandajazz; **22.03**: Café concerto. Noticiários de hora a hora.

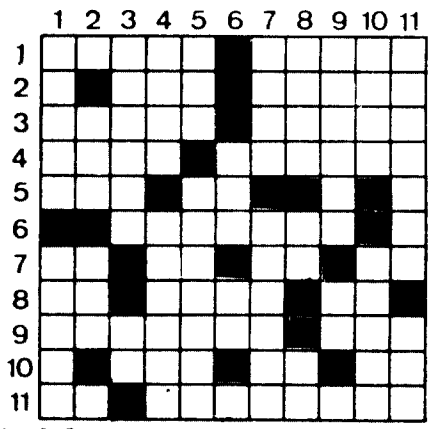
RÁDIO RENASCENÇA

15.00: Três vezes seis; **16.00**: Aqui e agora; **17.00**: Jornal da mulher; **18.15**: Igreja em notícia – palavra do dia; **18.30**: Transmissão do terço; **19.00**: Programa da LAR; **19.30**: Nota de abertura; **20.00**: Dê no vinte; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: O som da noite; **22.00**: Diálogo e vida; **22.30**: Automobilismo; **23.05**: Musical; **23.30**: Nota de abertura; **23.55**: Meditando. Grandes blocos informativos às **19.30** e **23.30**. «Flashes» noticiosos de hora a hora.

Tiragem média diária do mês anterior: 43 493 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 327



HORIZONTAIS:

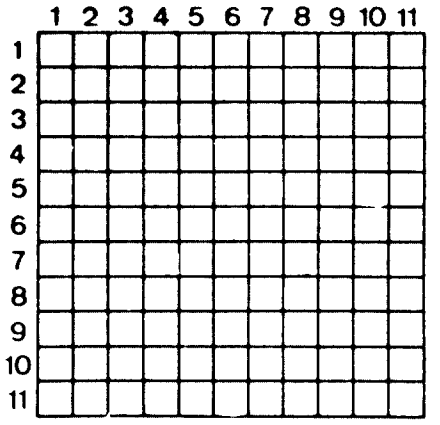
1 Raparigas. Transferir para outro dia.
2 Unidade das medidas de capacidade na província de Damão. Escarneceria.
3 Tosto. Fronteiras.
4 Superfície plana delimitada. Unira por casamento.
5 Matemática. Porco.
6 Aguçara.
7 Prefixo de privação. Ondas curtas. Abreviatura de Santíssimo. Artigo indefinido.
8 Batraquio. Peixe também conhecido por dourada. Prefixo de negação.
9 Conquistas. Camareira.
10 Momento. Senhor. Cálcio (s.q).
11 Estrépito de desmoronamento. Notas.

VERTICAIS:

1 Assassinam. Nome de homem.
2 Agora. Recusa.
3 Visagem. Mil e quinhentos em romano.
4 Rã (pop). Qualquer animal usado em experiências.
5 Sadio. Adornadas.
6 Coragem. Aqui.
7 Rã (pop). Guarnecesse de asas.
8 Apelido. Reis. Rado (sq.).
9 Irisara. Seguia.
10 Gemer. Exclusiva.
11 Nivelaram. Duna na Suécia.

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9 187



HORIZONTAIS:

1 Primeiro magistrado supremo nas antigas repúblicas da Itália-Sepultura.
2 Magnete natural. Maior. Oceano.
3 Lê. Errar. Rio de Itália.
4 Gulosa (ant). Gavinhas.
5 Planta para usos culinários. Agarrara.
6 Artigo indefinido.
7 Cidade de França. Querida.
8 O mais. Laço. Circular.
9 Penedo Larva das feridas dos animais
10 Encara de frente. Fecho as asas para descer mais depressa.
11 Vais para fora. Pegadeira. Aparência.

VERTICAIS:

1 Deusas. Estacionas.
2 Letra grega. Cidade de Espanha.
3 Gálio (s.q). Freguesia do concelho de Oliveira de Azeméis. Acreditei.
4 Passos miúdos.
5 Montão. Ecoas.
6 Tamanco. Basta!
7 Rádio (s.q). Freguesia do concelho de Penamacor.
8 Abreviar.
9 Grande ribeira da Ásia Russa. Desgastaras.
10 Fumo. Quinto filho de Jacob. Seguia.
11 Freguesia do concelho de Guimarães. Paixão.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 13 326

HORIZONTAIS
1 O MAL ATRAI
2 Airoso Olá.
3 Rimaras.
4 Ado Patacas.
5 Ia Ca. Ada
6 Casa. Isar
7 Acém. Rua. Ta!
8 Alancarias.
9 Miara. AR.
10 Ar. Aram. Ave.
11 Lassamos. És

VERTICAIS
1 O. Raiva. MAL
2 Aida. Caira.
3 Mimo. Cela.
4 Ara Câmaras.
5 Lorpas. Nara.
6 Saa. Arc. Am.
7 Aosta. Ua. Mo.
8 Adiara.
9 Roscas. Ira.
10 Al. Ata. Vê.
11 Ia. Sarastes.

PROVERBIO: O mal atrai o mal

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9 186

HORIZONTAIS:
1 Sás. Avós. Ra.
2 Atrelara. Ai
3 Ma. São. Cair
4 Oca. Marão.
5 Sara. To.
6 Amarem. Ca
7 Cá. Aderira.
8 An. Rima. Asa.
9 Loa. Luto.
10 Assomara. Ar.
11 Maio Caruso.

VERTICAIS:
1 Samos. Calam.
2 Ataca Anosa.
3 Sr. Ara Asi
4 Es. Omar. Oó
5 Alar. Adiam
6 Vão. Trem. Ac
7 Or. Moera Rã.
8 Saca. Mi. Lar.
9 Ara. Rau.
10 Raia. Castas.
11 Airosa. Aoro.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
BANCO FUNDADO EM 1864
PAGA OS MAIS ALTOS JUROS DA BANCA

COTAÇÕES DE NOTAS (Por unidade)

	COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	60$75	65$75
ALEMANHA FED. (marco)	28$65	29$75
AUSTRIA (xelim)	4$00	4$20
BELGICA (franco)	1$511	1$711
BRASIL (cruzeiro)	$376	$626
CANADA (dolar – notas de 1 e 2)	54$70	56$70
(notas de 5 a 1000)	55$20	57$20
DINAMARCA)coroa)	8$80	9$20
ESPANHA (peseta)	$632	$732
EUA (dolar - notas de 1 e 2)	65$20	67$20
(notas de 5 a 1000)	65$70	67$70
FINLÂNDIA (marka)	14$90	15$50
FRANÇA (franco)	11$20	11$90
HOLANDA (florim)	26$15	27$15
INGLATERRA (libra)	123$30	127$30
IRLANDA (libra)	101$65	105$75
ITALIA (lira)	$049	$059
JAPAO (iene)	$267	$302
NORUEGA (coroa)	11$20	11$70
SUECIA (coroa)	11$65	12$25
SUIÇA (franco)	35$40	36$40
VENEZUELA (bolivar)	13$00	14$00

Observações:
1. – **No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.**
2. – **Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.**

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 17.30 e 21.15
– 13 a.
FRANCISCA
Às 24 – 18 a.
SALÒ E OS 120 DIAS DE SODOMA

SALA B

Às 14.45, 17, 19, 21.30 e 23.45
– 18 a.
O BURACO DA AGULHA
c/ Donald Sutherland

ALVALADE 897480

Av. de Roma
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
Walt Disney Productions apresenta
O grande espectáculo das festas!
OS ARISTOGATOS
Falado em português
6.ª Semana

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A
Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 23.30 – N. ac. men. 13 a.
VAI TRABALHAR MALANDRO
e Roger C. Carmel
Um filme de Jerry Lewis
11.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45
Às 14.45, 17, 19 e 21.30
Um grande êxito de gargalhada e pan-cadaria!
– N. ac. men. 13 a.
FOI-SE O TESOURO, FICOU O AMIGO
c/ Bud Spencer e Terence Hill

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
OS SALTEADORES DA ARCA PERDIDA
c/ Harrison Ford, Karen Allen e Paul Freeman
Um filme de Steven Spielberg
34.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande
Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
Sam J. Jones, Melody Anderson e Ornella Muti em
FLASH GORDN
Um filme de Dino de Laurentiis (Technicolo)
Não acons. men. 13 anos

CASTIL 530194

Rua Castilho
Às 15, 17, 19 e 21.30
Int. a menores de 13 anos
GELADO DE LIMÃO III

4.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O QUE HÁ DE NOVO GATINHA?
24.00
HARRY O IMPLACÁVEL

CINEBOLSO 573407

R. Actor Taborda, 27-B
Às 12.30, 14.30, 16.45, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a.
SEXO MECÂNICO
Pornográfico
Às 24 – N. ac. men. 13 anos
DÁ-LHE AGORA TE DE UM

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. e Pinh. Chagas
21.30 estreia
AMOR E SANGUE
não acons. men. 18 anos
últimas do filme
UM CRIADO AO SEU DISPOR
24.00
OS DESTEMIDOS DA NOITE

CINE CAMÕES 324194

Rua do Loreto, 15
Às 14.15, 16.30 e 21.30
A CULPA
um filme de António Vitorino de Almeida

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
A NOITE DO FALCÃO
int. men. 13 anos
com James Brolin, Clif Goman

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
FUGA PARA A VITÓRIA
c/ Sylvester Stallone, Michael Caine, Max Von Sydow e Pelé
Um filme de John Huston
Colorido

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35
Às 15, 17, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
GELADOS QUENTES, SONHOS DORMENTES
Um filme de Thomas Chong
3.ª Semana

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
Romy Schneider em
A BANQUEIRA
12.ª Semana

IMPÉRIO 5551345

Al. Afonso Henriques, 35
estreia, 21.30
OS OLHOS DA TESTEMUNHA
15.15, 18.30
últimas de
OUTLAND ATMOSFERA ZERO

LONDRES 801313

Av. de Roma 7-A
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
LILI MARLEEN
c/ Giancarlo Giannini e Mel Ferrer
Filme de qualidade
11.ª Semana

LUMIAR 79 52 96

Calçada de Carriche, 38
21.30
OS MAGNÍFICOS DO KARATÉ
Sábado 16, meia noite
A VIRGEM
int. men. 18 anos

MONTECARLO 681117

Av. Pedro Alvares Cabral, 37
Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Para Todos
O GENDARME EM FÉRIAS
c/ Louis de Funés e Jean Lefbvre
Eastmancolor

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha
hoje às 21.30, int. men. 13 anos
EXCALIBUR
15.15, 18.15, últimas
POPEYE
para todos

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B
Às 14, 16.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
SEM CULPA FORMADA
c/ Romy Schneider, Lino Ventura e Michel Serrault
Um filme de Claude Miller

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20
15.15, 18.15, 21.30
int. men. 18 anos
CANIBAL FEROZ
contém cenas eventualmente chocantes

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122
Às 14, 17.30 e 21.30
Para todos m. 6 anos
MÚSICA NO CORAÇÃO
Colorido com Julie Andrews e Christopher Plummer
Colorido

ROMY SCHNEIDER numa cena do filme «A BANQUEIRA» em exibição nos cinemas ESTÚDIO 444.

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– N. ac. men. 13 a.
MISMISTÉRIO DOBERWALD
Realização de Antonioni

SALA 2

Às 14, 16.30, 19, 21.30 e 24
– N. ac. men. 13 a.
AMOR E RAIVA
NOITE E NEVOEIRO
de Alain Resnais

SALA 3

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
m. 13 anos
O CAVALO DE ORGULHO

SALA 4

Às 14.30, 16.45, 19, 21.15 e 23.30
– Int. men. 18 a.
CRÓNICA DA MAIS VELHA PROFISSÃO DO MUNDO
Realização de Daniel Duval

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N
21.30, estreia
OS GUERREIROS DA FÓRMULA 1
15, 17, 19, últimas de
GELADO DE LIMÃO III

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20
Às 14, 16.30, 19
– N. ac. men. 13 a.
TRINITÁ VAI À GUERRA
estreia às 21.30
A FORTALEZA SECRETA
não acons. men. 18 anos

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

As 15.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
c/ Meryl Steep e Jeremy Irons
4.ª Semana

S. JORGE SALA 2

Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45
– Int. men. 13 a.
007 MISSÃO ULTRA-SECRETA
c/ Roger Moore e Carole Bouquet
17.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 14, 17.30 e 21
– Int. men. 18 a.
FRANCISCA
Um filme de Manoel de Oliveira
7.ª Semana

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
Óscar da Academia 1981 para a melhor actriz
A FILHA DO MINEIRO
c/ Sissy Spacek
37.ª Semana

7.ª ARTE 730715

Av. República, à Est. de Entre Campos
Às 14.45, 17, 19.10, 21.30 e 24
– N. ac. men. 13 a.
A AMANTE DO TENENTE FRANCÊS
c/ Meryl Streep
Domingo às 11.15 – Para Todos
PANTERA E OS SEUS AMIGOS

STAR 804210

Av. Guerra Junqueiro, 14-C
Às 14.30, 18 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
UNS E... OS OUTROS
70 actores de primeiro plano
Um filme de Claude Lelouch
Filme de qualidade
9.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio
Às 11, 13, 15, 17, 19, 21.30 e 23.30
– Int. men. 13 a.
Bem-vindos ao «Clube dos Malandrecos». Frequência altamente selecta.
O CLUBE DOS MALANDRECOS
c/ Chevy Chase e Rodney Danger Field

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 188
Às 14, 16.30, 19 e 21.30
TUDO BOA GENTE
TUDO BOA GENTE
Julie, Larry Hagman

VOX 880808

Av. Fr. Miguel Contreiras, Lote 879
Às 14.15, 16.30, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
Um filme encantador
O PEQUENO LORD
c/ Ricky Schroder e Alec Guinness
14.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9
Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 18 a.
O NEVOEIRO
10.ª Semana

outros cinemas

Lisboa

ALFA 1 – «Fuga para a Vitória», às 21.30 (13 anos)
ALFA 2 – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.30 (13 anos)
ALFA 3 – «Tudo Boa Gente», 21.30 (13 anos)
CITY CINE – «O Pequeno Lord», às 21.30 (13 anos)
POLITEAMA – «A Fortaleza Secreta», 21.30 (13 anos)
MUNDIAL – «Fuga para a Vitória», às 21.30 (13 anos)
RESTELO – «A Sombra da Guilhotina», às 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «A Vénus do Século», Sessões permanentes. (18 anos)
CAPITÓLIO – «Magia do Prazer», às 21.00 e 23.00 (18 anos)
2000 – «Shogun, o Senhor da Guerra», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «A Fórmula», 21.30 (13 anos)
ROYAL – «E a Bomba com Todos», 21.30 (18 anos)

Outra banda

ALMADA – Cine Almada – «Agora é a minha vez», 21.30 (13 anos)
ALMADA – Incrível – «A Torre dos Reféns», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «O Império Contra-Ataca», às 21.15 (13 anos)
COSTA DA CAPARICA – Silcine – «Bustch e Kid os Aventureiros», 21.45 (18 anos)
SETUBAL – Jupiter – «O Grande Conquistador», às 21.15 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «Dois Amigos em Apuros», às 21.30 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «Táxi Driver», às 17.00 e 21.15 (18 anos)
ESTORIL – Palácio – «O Enxame», às 21.15 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «O Brinquedo», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «Quarto de Aluguer», 21.30 (18 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Lido – «A Esfinge», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Cine Estúdio – «A Dama das Camélias», às 21.30 (18 anos)
CACÉM – Estúdio Flores – «Os Alegres Aventureiros», às 21.30 (13 anos)
MEM MARTINS – Cine Chaby – «A 5.ª Ofensiva», às 21.30 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «Uma Viúva a Consolar», às 21.30 (18 anos)

MOSCAVIDE – Stop – «Avalanche», às 21.30 (13 anos)
MAFRA – Cine-Teatro – «Rocky II», às 21.30 (18 anos)

Porto

RIVOLI – «A Pele», às 21.30 (18 anos)
CARLOS ALBERTO – «Os Espiões», 21.30 (13 anos)
S. JOÃO – «Popeye», às 21.30 (6 anos)
TRINDADE – «A Banqueira», às 21.30 (13 anos)
ESTÚDIO – «O Asfalto», às 21.30 (18 anos)
COLISEU – «Hércules Contra os Mongóis», às 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM – «O Pequeno Lord», às 21.30 (13 anos)
JÚLIO DINIS – «Os Traficantes da Morte», 21.30 (18 anos)
LUMIÈRE-SALA A – «Francisca», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-SALA L – «A Turma dos Repetentes», às 21.45 (13 anos)
BATALHA – «O Buraco da Agulha», às 21.30 (18 anos)
VALE FORMOSO – «A Canção da Esperança», às 21.30
PASSOS MANUEL – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.45 (13 anos)
ÁGUIA – «Fuga para a Vitória», 21.30 (13 anos)
OLÍMPIA – «Os Implacáveis do Karate», às 21.30 (18 anos)
FOCO – «Os Aristogatos», às 21.30 (6 anos)
BÉBÉ – «Crónica da Mais Velha Profissão do Mundo», às 21.45 (18 anos)
CHARLOT – «Lilly Marleen», às 21.30 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE

ANUNCIADA, R. do Vigário, 72-74 (T. 866360); **NOVA LUZ**, R. D. Domingos Jardo, 28-A (T. 843439); **ALENTEJO**, Av. da Igreja, 28-B (T. 892682); **CARDOTE**, Av. Visconde Valmor, 28-A-B-C (T. 772291); **CENTRO FARMACÊUTICO**, R. Portas de Santo Antão, 88 (T. 321211); **GOMES SUC**. R. da Junqueira, 326-328 (T. 638193); **LARANJEIRAS**, R. Filipe da Mata, 160-162 (T. 761035); **URBANO DE FREITAS**, R. Silva Carvalho, 1-5 (T. 662838); **PEREIRA PINTO**, Av. Almirante Reis, 121-B (T. 545751); **SÃO TOMÉ**, E. do Desvio, lote 12-A (T. 790704); **MARLUZ**, C. da Picheleira, 140-B-C e R. Prof. Mira Fernandes, MAF (T. 880703); **BRANCO**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 29 (T. 2112081); **JOLENI**, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 910812); **PIMENTEL**, Az. dos Bezouros, lote R-8.

REFORÇO

VERA CRUZ, P. Afrânio Peixoto, 2-B (T. 884941); **SANTA CRUZ**, Av. Gomes Pereira, 34-B (T. 704828); **ULTRAMARINA**, R. de São Paulo, 99-101 (T. 321771); **COSTA**, R. dos Lusíadas, 30-32 (T. 637704); **NOVA IORQUE**, Av. Estados Unidos da América, 140-B (T. 760658); **OLIVEIRA**, R. de Campolide, 54-A (T. 684424); **CASTRO SUC.**, R. São Bento, 199-A (T. 660513); **ASCENSO**, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **MONTE**, R. Senhor do Monte, 30-A-B (T. 867842); **NOVAIS**, Av. Luís Bivar, 11-13 (T. 44324); **BRITO**, R. do Colégio, lote 32-B (T. 993351); **VAZ MARTINS**, R. António Ferro, 6-A (T. 970660); **NOVA**, R. Açores, 11-A (T. 910305); **MATOS**, T. Prioras (T. 2519939).

Linha de Sintra

AMADORA: Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (Telef. 932210). Permanente; **Melo**, P. D. João I, 9-B (Telef. 932756). Até às 22 horas; **DAMAIA: D. João V**, Av. Gurgel do Amaral, 2-A (Telef. 970461). Até às 22 horas; **QUELUZ: Gil**, Av. Miguel Bombarda, 28 (Telef. 950117); **CACÉM: Central**, R. Elias Garcia, 55 (Telef. 2940034); **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (Telef. 2914820). Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (Telef. 2915275). Das 9 às 13 e das 15 às 21 horas; **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 8 (Telef. 2960194). Das 9 às 23 horas; **SINTRA: Marrazes**, Estefânia (Telef. 2930058). Permanente; **COLARES: Abreja** (Telef. 299088).

Linha de Cascais

TIRES: Guimarães, L. Duartes, lote a-r/c (T. 2441616) Até às 22 horas; **ALCABIDECHE: Carvalho**, B. João P. Corr.ª, 40-B (Telef. 2690363) Até às 22 horas: **PORTO-SALVO: Ferreira Bastos**, R. D. Firmino Reb.º (Telef. 2421015). Até às 22 horas; **MALVEIRA DA SERRA: Luz**, Até às 22 horas; **PAÇO DE ARCOS: Pargana**, Av. Eng.º Bonneville Franco (Telef. 2435147). Permanente. **OEIRAS: Oeiras**, L. Henrique Paiva Couceiro (Telef. 2430485). Até às 22 horas; **NOVA OEIRAS: Leal**, Quinta das Palmeiras, Lote 24-r/c (Telef. 2478737); **CARCAVELOS Vilar**, Av. M.ª Conceição, Lote 8 (Telef. 2470777). Permanente; **S. DOMINGOS DE RANA: Godinho da Silveira**, Av. Saboia, 29-B (Telef. 260065). Até às 22 horas; **SASSOEIROS: Amaral Sembiano**, Quinta das Encostas. Até às 22 horas; **MADORNA: Madeira**. Até às 22 horas; **AMOREIRA-Abrantes**, Viv. Maria Carlos Anj. (Telef. 2682313). Até às 22 horas; **ESTORIL: Marques dos Santos**, R. Ferreira J. A., 15 (Telef. 260116). Até às 22 horas; **CASCAIS: Marginal**, Av. Marginal (Telef. 280078). Permanente.

Outra banda

SESIMBRA: Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028); **AMORA: Nova Amorense**, E. Nacional, 10, bloco L, loja A, Paivas (T. 2216824); **SEIXAL: Soromenho**, R. Paiva Coelho, 38 (T. 2218560); **MONTIJO: Diogo**, R. Almirante Reis, 50 (T. 2310032); **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029); **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 204250); **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137).

ALMADA: Algarve, (Tel. 270271). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**. Permanente; **COSTA DA CAPARICA: Carlos**. Até às 19 horas; **BARREIRO: Pimenta** (Tel. 2073012). Permanente; **LARANJEIRO: Tovar Chaves**. Até às 22 horas; **SETÚBAL: Portugal**, R. Camilo Castelo Branco, 34 – **Higiéne**, R. Frei Agostinho Cruz, 5.

LOURES: Saraiva, Av. da República, 86 (Tel. 2530027). Até às 22 horas; **MOSCAVIDE: Benha**, Av. Moscavide, 22-A (Tel. 2518518). Permanente; **SACAVÉM: Soares**, R. José L. Morais, 15 (Tel. 2518025). Até às 22 horas.

Porto

De dia e só até às 22 horas

FOZ: Rua Senhora da Luz, 380, Foz; **ALÍRIO DE BARROS:** Rua de costa Cabral, 240; **CENTRAL:**. Rua 31 de Janeiro, 203; **GOMES CARNEIRO:** Rua de Cedofeita, 348; **NOVA MONSANTO:** Rua de Monsanto, 148; **COUTO:** Largo de S. Domingos, 106; **LAPA:** Rua ANTERO DE Quental, 211.

De dia e toda a noite

CORREIA: Praça Mouzinho de ALbuquerque, 78; **CORUJEIRA:** Rua de S. Roque da Lameira, 1473; **LUSO-FRANCESA: Rua Sá da Bandeira, 140; MAGALHÃES:** Rua de Serralves, 566.

Coimbra

Das 9 horas às 9 do dia seguinte

NAZARETH: Rua Ferreira Borges, 135-139, tel. 22605; **CRUZ&COSTA:** Rua A. Vasconcelos, 71-71-A, tel. 22715 (antiga Rua Oriental Montarroio).

teatros

MARIA MATOS – «A Tragédia da Rua das Flores», 21.30 (13 anos).

CAFÉ TEATRO COMUNA – «Viver Mulher», 22.30 (13 anos)

TEATRO ABERTO – «Casamento Branco», às 21.30 (13 anos)

VARIEDADES – «Virgem Até Certo Ponto», às 21 30 (13 anos)

VILLARET – «A Luz do Gaz», às 21.30 (13 anos)

ABC – «O Escabeche», às 20.30 e 23.00 (18 anos)

VASCO SANTANA – «O Homem que se Julgava Camões», às 21.30 (13 anos)

MARIA VITÓRIA – «Não Há Nada P'ra Ninguém», às 20.30 e 22.45 (18 anos)

MONUMENTAL – «Não Há Nada que Não Me Aconteça», às 21.30 (13 anos)

LAURA ALVES – «Estórias de Pouca Vergonha», às 21.30 (13 anos)

D. MARIA II – «Rómulo, o Grande», às 21.30 (13 anos)

FILARMÓNICA DA AMADORA – «Ai a Tola!», às 21.30 (18 anos)

PORTE PAGO

DL

PROPRIEDADE, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração, Redacção, Serviços Técnicos e Publicidade:
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
Telefones: 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade: 368740

Agentes, Assinaturas e Contabilidade:
Rua Castilho, 185-1.° – 1100 LISBOA
Telefones: 654531/2/3

Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro: 321154
Redacção: 320271/2/3
Mensagens gravadas: 320229

Endereço telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL

Delegação do Porto.
Rua do Almada, 30-2.° – 4000 PORTO
Telefones. 20954/5

MARÉS DE HOJE

PREIA-MAR BAIXA-MAR

6 14 **4,1 m**
18 42 **3,7 m** 12 05 **1,2 m**
Dia 15
7.00 **3,9 m** 0.12 **1,4 m**
19.29 **3,6 m** 12.53 **1,4 m**

TEMPERATURAS DO AR Às 9 HORAS

Viana do Castelo	6°
Bragança	5°
Vila Real	7°
Porto	8°
P Douradas	6°
Coimbra	10°
C. Carvoeiro	13°
Portalegre	8°
Lisboa	13°
Évora	10°
Beja	10°
Sagres	11°
Faro	9°
P Delgada	16°
Funchal	16°

últimas

O CARTOONISTA ANTÓNIO, que expunha os seus trabalhos no Palácio dos Coruchéus ao Campo Pequeno em Lisboa foi vítima de algum dos seus admiradores. Desapareceram dois dos quadros expostos com temas de personalidades políticas: Sá Carneiro, Soares Carneiro e Mário Soares. O artista avaliara aquelas obras em cem contos, pelo que, em princípio, será esse o seu real prejuízo. Porém a publicidade agora promovida compensará em parte o inspirado cartoonista.

«OH FONSECA» um café e cervejaria situado na Rua de S. João da Coidiceira, na Flamenga, concelho de Loures, foi vítima de clientes nocturnos. Depois de feitas as contas e encerrada a porta, o comerciante Fonseca retirou-se para casa, sendo então que arrombaram o estabelecimento e fizeram um autêntico saque aos artigos de mais valor e de fácil comercialização. Feitas as contas a vítima verificaria que trabalhou de graça uma boa quantidade de meses; o correspondente a 250 contos.

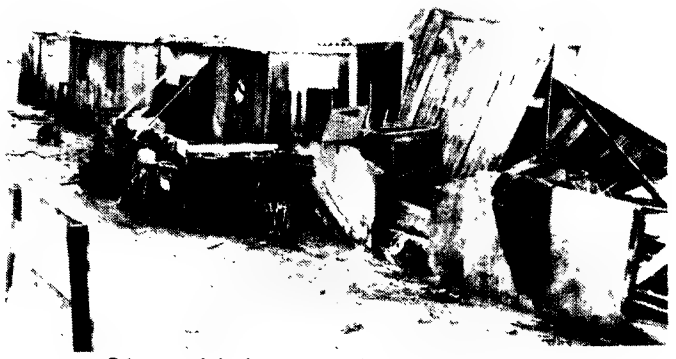
A LAMA É QUE OS PRENDEU quando ao fugirem à Polícia o automóvel redopiou e se atolou no lamaçal na Rua Conselheiro Emídio Navarro nos Olivais. Tinham furtado o carro, um «Cortina», GM-64-78 junto ao Museu Militar e horas depois passeavam-se descontraídos quando a patrulha policial pretendeu intervir. Carlos Figueiredo e Lúcio Machado, de 21 e 17 anos, ambos ajudantes, um de motorista e outro de carpinteiro. Alegaram que o carro pertencia a indeterminado amigo, mas a «vassourinha» (pequena gazua feita de um cabo de colher) a ligar a ignição denunciou-os.

História com temporal, barracas e desocupações

Errando por Mem Martins à procura de 12 tectos

«Já está tudo desocupado, creio» – a súmula de uma funcionária da Câmara de Sintra para uma tentativa frustrada de ocupação, mais uma, feita por 12 famílias de um bairro de lata de Mem Martins.

A desventura desta meia centena de pessoas arrasta-se desde há muitos anos. Abril de 74 deu-lhes alento, pelo menos a alguns deles, para outros voos de ocupação que a pouco e pouco foram perdendo.



O temporal desfez o que os homens improvisam

O regresso às traseiras do quartel dos bombeiros de Mem Martins revelava-se, então inevitável. Isso aconteceu em Novembro do ano passado, quando procuraram ficar no bairro do Pendão, em Queluz. O Fundo de Fomento da Habitação alegou que já tinha pessoas para aqueles tectos.

E o regresso repetiu-se agora. Desceram alguns quilómetros até ao bairro da Mina. Ali estavam 41 moradias prontas a habitar, embora sem as infra-estruturas. Que interessava isso?

Trouxeram os parcos haveres – colchões, o fogão, uma peça de mobiliário. Pouco depois surgiria a GNR, com ordens, que parece, lhes chegava mesmo de um secretário de Estado. Era preciso tirar dali os ocupantes.

A chegada da GNR, só isso, bastou para que duas ou três famílias retrocedessem ao mundo de lama, frio, dificuldades que se vivem atrás do Quartel dos Bombeiros de Mem Martins.

«Tive de vir logo» – dizia-nos uma mulher. «Os meus filhos não podem ver os guardas, que desatam a gritar».

O bairro da Mina tem um panorama diferente. Nas moradias prontas, alguns dos ocupantes faziam ontem um último esforço para ficarem, ao menos, debaixo de um tecto. E que os últimos temporais tornaram ainda mais duras as condições em Mem Martins: duas barracas caíram, quase todas foram destelhadas, a lama cresceu assustadoramente.

Quase 200 fogos parados há anos

A movimentação desta meia centena de cidadãos portugueses levanta mais um problema como existem tantos e tantos um pouco por todo o lado. O bairro da Mina, obra do Fundo de Fomento da Habitação, está meio acabado há três ou quatro anos.

Os problemas não são novos: uma empresa que ficou quase falida, as infra-estruturas que estão por um fio sem que se consiga alguém para resolver os pequenos óbices que impedem as soluções.

As mesmas pessoas que aqui vierem à procura de tecto já tinham feito o mesmo no citado bairro do Pendão. A sua expulsão ficou a dever-se ao facto de as casas já estarem atribuídas. Mas, dizem, muitas delas continuam sem ninguém dentro.

A Câmara de Sintra explica, quanto a isto, que também no Pendão falta acabar algumas obras que se tornam indispensáveis para a habitabilidade dos fogos, construídos à beira da linha do caminho-de-ferro.

Na serra da Mina, há postes de electricidade mas faltam as baixadas até às 41 moradias prontas – espera-se um despacho desde há três anos; os esgotos têm canalizações desde há três anos; a água não escorre porque falta uma pequena ligação – desde há três anos. Mas a água das chuvas infiltra-se nas paredes, empapa as alcatifas, apodrece a obra parada, deserta, inabitada. Desde há três anos.

Os ocupantes entraram com o pouco que trouxeram. De tudo aquilo que lhes sobrou muito, geralmente ficaram apenas com um quarto, uma pequena porção do espaço que faz tantas barracas das que têm tido.

Ao lado, 16 torres com 316 fogos esperam, igualmente há anos, que as obras prossigam, lhes encontrem janelas, tragam gente para justificar as paredes.

Mas não. Com os ocupantes, o máximo que chegou foi a GNR. Até ontem sem violência muita, a procurar que a retirada fosse «a bem». As culpas, diz a gente das barracas, vão todas para a Câmara de Sintra, que nada tem feito por elas.

«Roubem um na estrada»

As pessoas não estão quietas, entre o contigente da GNR. Levam-nos a ver onde se instalaram, adentro dos muros das moradias, com acesso exclusivamente através da lama – também aqui as infra-estruturas não existem.

Contam: uma vez fomos ao presidente da Câmara de Sintra, que nos pusesse lá, ao pé das barracas, ao menos um caixote de lixo. «Que roubássemos um na estrada, foi a resposta».

Quanto a casas, aí sim, já lhes foi dito pelo vice-presidente que um dia chegará a sua vez. E também já ouviram do mais alto responsável: «Governem-se por onde puderem».

E lamentam o Pendão, onde estiveram, ainda sem habitantes para todos os fogos. E falam de como se chega às traseiras do quartel dos bombeiros de Mem Martins: escalando um muro ou «lá pela azinhaga».

Os serviços de Habitação de Sintra têm, pela sua parte, explicações para tudo, levando as responsabilidades para o FFH. Este, defunto, meio-extinto, sem mãos a medir, que dirá?

E necessidades no concelho de Sintra? São muitas, diz a chefe dos serviços, ao dividir o mapa a meio: urbano e rural. As premências são na primeira.

Quantos ocupantes potenciais existirão por ali? Há ficheiros, números totais não estavam prontos a ser citados. Mas, digamos, chegarão às centenas. No Inverno de 82.

(Um invisual levantava-se dentro de uma das barracas. Lamuriava a pensão social, um rapto de um pequenino que está no Algarve. Um outro menino com meses, tossiu no colo da mãe, meio corcunda. Lembrou o homem, quando morou no número 200 da Avenida da Liberdade. Também ocupação. Regressou ali, pudera, após expulsão. Prepara-se para vir à rua, acrescentar alguns escudos àquilo que a nossa Previdência cede. É a história de tantos e tantos. Que acreditam numa solução providencial. À entrada, só até onde a luz do dia chega, as folhas do boletim do Totobola mexem com o vento).

R.V.

Houve quem regressasse ao avistar as GNR. As crianças desatam a gritar ao ver as fardas

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.° – Prémio – 4 482 – 42 000 contos
2.° – Prémio – 22 474 – 9 000 contos
3.° – Prémio – 47 343 – 3 000 contos

A Sorte Grande e o 2.° Prémio foram vendidos aos balcões da Casa da Sorte

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - PORTO - COIMBRA - BRAGA - SETUBAL - FARO

OUTROS PRÉMIOS

APROXIMAÇÕES AO 1.° PRÉMIO

4 481 – 397.500$00
4 483 – 397.500$00

PRÉMIOS DE 120 CONTOS

2 054; 3 110; 4 810; 5 154; 5 578; 7 261; 9 895; 12 069; 15 608; 17 407; 17 451; 17 629; 21 790; 23 148; 27 111; 30 022; 30 048; 30 707; 32 462; 32 890; 33 620; 36 234; 39 391; 40 965; 46 940; 47 233; 49 058; 51 897; 62 194; 63 120; 63 416; 63 834; 64 792; 69 586; 69 857; 71 575; 74 733; 78 168; 78 178 e 81 423.

PRÉMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

18.000$00 – 001; 009; 075; 116; 389; 430; 451; 546; 677 e 912
15.000$00 – 343; 474 e 482.
6.000$00 – 67 e 71.
3.000$00 – 2 (terminação)

PRÉMIOS DE 9.000$00 (CENTENAS)

4 401 a 4 500; 22 401 a 22 500 e 47 301 a 47 400.

NOTA: O direito aos prémios prescreve em 14 / 07 / 82

ESTA INFORMAÇÃO NÃO CONTEMPLA A ACUMULAÇÃO DE PRÉMIOS, NEM DISPENSA A CONSULTA DA LISTA OFICIAL

LOTARIA POPULAR — 30 000 CONTOS
APENAS POR 2160$00
CASA VIOLA — LOTARIAS, LDA.
R. da Assunção, 67, Lisboa / Av. Central, 87, Braga

ISRAEL e EGIPTO

Visitando: TEL-AVIV-JERUSALEM BELÉM-MAR MORTO-NAZARÉ TIBERÍADES-CAFARNAUM-ACRE HAIFA-SINAI-CANAL DO SUEZ MENFIS (Pirâmides de GIZE) e CAIRO

10 DIAS DE VIAGEM

1982-PARTIDAS-1982

ABRIL 6 AGOSTO 5, 12 e 19
MAIO 11 SETEMBRO 2, 9 e 16
JUNHO 1 e 22 OUTUBRO 7
JULHO 8 e 22

INCLUINDO:
•Viagem de Avião e Autopullmam
•Circuito Terra Santa e Egipto
•Hoteis de 1ª Categoria
•Pensão Completa
•Assistência de guia falando português

PROGRAMAS E INSCRIÇÕES
abreu
fundada em 1840

PORTO: Av. Aliados, 207 •Tf. 31 79 21
LISBOA: Av. Liberdade, 190 •Tf. 37 13 41
Av. Roma, 66 B •Tf. 80 26 09
COIMBRA: Rua da Sota, 2 •Tfs. 270 11/2
FARO: Av. República, 124 •Tfs. 250 35/6
FUNCHAL: Rua Gorgulho, 1 •Tfs. 310 77/8

INVERNO/82
CARNAVAL

ANDORRA
Partidas: 29 Janeiro 19 Fevereiro

BLED
Partidas:
24 Janeiro - 7 e 21 Fevereiro

PARIS
Partidas: 24 e 28 Janeiro
7, 11, 20 e 21 Fevereiro

ITÁLIA
Partidas: 7 e 21 Fevereiro

PEÇA-NOS PROGRAMA ESPECIAL

informações e reservas:
Europeia
AGÊNCIA TURÍSTICA

LISBOA - Av. da Liberdade, 233 - Tel. 53 61 21
LISBOA - Av. de Roma, 35-A - Tel. 76 08 15
PORTIMÃO - Av. Tomaz Cabreira, s/nº
Praia da Rocha - Tel. 2 33 77
membro WATA em Portugal - OPERADOR - Alvará n.º 23

DL ler/escrever

N.º 45 ● 14 de Janeiro de 1982

Suplemento Literário

TOM DE CÃO A LADRAR

Pedro Alvim

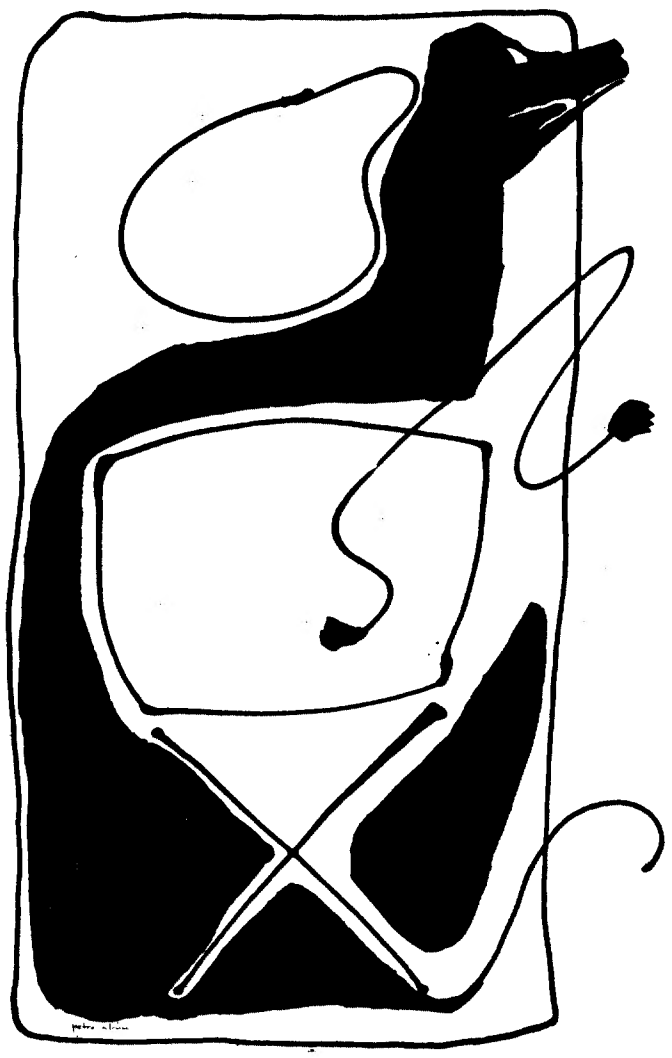
QUANDO nos dedicamos à concepção de um objecto, dia a dia, pormenor a pormenor, inserimo-nos nesse objecto – e e precisamente por tal motivo que o objecto ganha uma outra qualidade inerente à matéria de que é feito. Essa outra qualidade não é a cor, não é a contextura do material, não é a sua resposta à força da gravidade. É, sim, a nossa essencialidade que se transporta para o que fazemos: uma data, um nome, um sentimento. Atente-se, por exemplo, num pintor perante uma paisagem. Sete são as cores e muitas as suas «nuances» – mas há uma **outra** cor que o pintor irá utilizar na concepção do quadro e que fará com que o quadro saia da natureza simples da paisagem.

Que **cor** é essa...?

Precisamente o tal sentimento, o tal nome, a tal data. Ou por outras palavras: somando-se a paisagem, às suas cores, aos seus traços e volumes, o pintor, mesmo sem se dar conta de tal, acaba também por surgir na tela. Não porque o seu corpo se sobreponha à paisagem, ou nela se imiscua fisicamente por fracções, mas porque na paisagem que os pincéis vão levantando algo de **vivido** e **experimentado** pelo pintor se vai disseminando centímetro a centímetro. E é assim que um pôr-de-sol, de cores rubras e sombra ao rés dos campos, pode conter um tom de cão a ladrar, ou uma tonalidade de chá a fumegar, ou ainda um vislumbre de quem se afasta por um corredor escuro. Com estes e outros tons, esse é que é o quadro não **naturalmente** existente. Nada mais, nada menos do que a junção da sensibilidade orgânica do homem à tela «inorgânica» da natureza.

Este salto que o homem dá do «inorgânico» da natureza para o orgânico da sua sensibilidade conduz precisamente à soma das sete cores da paisagem com o tom de um cão a ladrar, a tonalidade de um chá a fumegar, o vislumbre de quem se afasta por um corredor escuro. Não só, pois, o mero retrato da natureza, do exterior passivo – e sim um outro produto que resulta da essência íntima do homem. E esta essência íntima não é um sopro qualquer que existe de modo espontâneo no interior do homem, que lhe seja inerente por mero fatalismo biológico ou inspirado por um qualquer acaso.

Quando o homem emprega esse tom, essa tonalidade, esse vislumbre, dá testemunho da existência, no seu íntimo, das mil e uma experiências (umas subtis, outras complexas) por que foi passando no decorrer da sua antiquíssima vida. E não solitário, como um algarismo, mas acompanhado, como um número. Unicamente no tecido social, comunitário, de intercâmbio, consegue o homem essas potencialidades que o levam e incitam a criar **algo mais** no pano de fundo do meramente existente. Passa por aqui, na verdade, a libertação do homem do meio milenário que o originou.



Só quando chega à contemplação do que existe exteriormente a si, e se apropria dessa existência, é que o homem se encontra habilitado a ter outros tons na sua paleta.

Simbolizemos o homem, por conseguinte, por um pintor. E vejamo-lo perante um pôr-de-sol, somando às cores da natureza outros tons não existentes na natureza. Que aventura se desenha...?

Na impossibilidade de imaginar uma outra cor que possa ser acrescentada às sete cores do espectro solar (e aqui surge a questão fundamental da Filosofia, a qual se sintetiza no juízo de que a matéria precede o Espírito, pois que se não fora assim, e fora o contrário, o Espírito, entre outras qualidades, facilmente acrescentaria uma outra cor à matéria...), nessa impossibilidade, pois dizíamos o homem recorre então à sua essência íntima, ao seu fundo tesouro de experiências – e logo outros tons, outras tonalidades, outros vislumbres, se vão somando ao colorido **contemplado** do pôr-de-sol.

Isto é: o homem **apropria-se** do pôr-de-sol e põe-no a ladrar. E isso porque certo dia (e descendo agora ao quotidiano) o cão lhe surgiu, entre outras formas, como forma de protesto, ou de ataque, investindo sonoro contra «x». Ou ainda: o homem apropria-se do pôr-de-sol e põe-no a fumegar tal uma chávena de chá, e isso porque chá e chávena se constituíram na sua memória como imagem do que a seu tempo lentamente se dilui. Ou ainda também: o homem apropria-se do pôr-de-sol e confere-lhe o vislumbre de quem se some por um corredor escuro. E porquê...? Porque, certo dia, longínquo ou perto, alguém e alguma coisa, de fogo ou brilhante, se sumiram para sempre dos seus olhos.

Com as tonalidades de cão, ou de chá, ou de alguém por um corredor, é assim que o homem cria um pôr-de-sol humanizado, em tudo diferente do pôr-de-sol

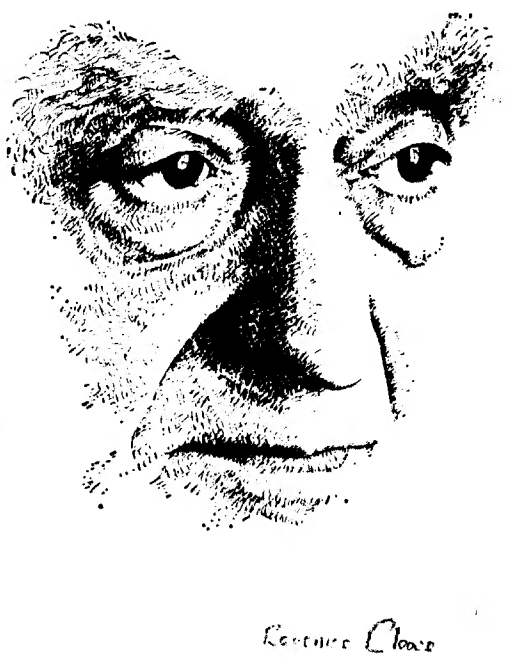
Continua na pág. 3

Relações entre Sena e Pessoa

«FERNANDO PESSOA E JORGE DE SENA», **de Arnaldo Saraiva, propõem Edições Árvore. De que se trata? Da relação entre Sena e Pessoa, ou de Sena para com Pessoa, de preferência. Os textos já tinham saído na revista «Persona», com documentação a que não há acesso fácil. Tanto ou mais interessante do que isto é ainda a imposição que Saraiva faz. Se aqui se costumasse dizê-lo, dilo-íamos, a propósito deste livro de cerca de meia centena de páginas: a não perder. Motivos, mais do que óbvios.** ●

VLADIMIR JANKÉLÉVITCH, O AMOR E A MORAL

A obra duma vida



Como muito bem indica o título, o último livro de Vladimir Jankélévitch é essencialmente **paradoxal**. Longe de apresentar uma «filosofia moral» – uma mais – de modo sistemático e desenvolvido, limita-se a trazer à luz as múltiplas ambiguidades que habitam o fundo da nossa consciência. Longe de propor para elas uma solução, remete-nos para prática; convida-nos a mergulhar na acção, a viver até ao fundo as exigências contraditórias e a suportar-lhes com ardor as consequências extremas.

Mas é preciso dizer, antes de mais nada, que este livro é duplamente notável. Primeiro, porque é a obra duma vida: não seria mesmo imaginável sem a trintena de obras que a precedem, nas quais Jankélévitch se aproximou dos problemas essenciais que formula aqui com uma clareza quase irreal. Depois porque, ao retomar certos temas em moda – os direitos do homem, por exemplo – ele propõe uma análise que vai contra as ideias recebidas. Estas duas razões fazem do **Paradoxo da moral** uma das melhores obras do autor do **Não sei o quê** e (do) **quase-nada.**

Resumir os objectivos do livro é tão difícil como explicar um exercício de acrobacia: a perfeição da acção boa, como a do gesto do bailarino, tem tanto a ver com matizes tão subtis que não é possível «relatá-los». Digamos muito grosseiramente que Jankélévitch se esforça por isolar mais o que a exigência moral comporta ao mesmo tempo de indescritível e de insocível. Ele afasta, para começar, as teorias que dizem que se trata apenas dum falso problema: a antimoral não é mais, segundo ele, que uma homenagem do imoralismo à moral. Por outras palavras, não há indiferença possível em matéria de ética: seja para o bem ou para o mal, um «mais que», uma preferên-

Continua na pág. 2

O PERCURSO EXTRAORDINÁRIO DE DORIS LESSING

«Eu parti para as estrelas...»

(Desenho de Cagnat)

SHIKASTA, que inaugura um ciclo de romances de antecipação marca uma viragem na sua carreira literária?

– Não vejo qualquer viragem. Sempre me interessei pelos mitos, pelo fantástico, pela ficção científica. Atraem-me mesmo muito. Em **Briefing for a descent into Hell** («Conselhos para uma descida aos infernos») e em **Memoirs of a survivor** («Memórias dum sobrevivente»), utilizei já essa óptica. Considero muito libertador separar-me do realismo.

Tudo se tornou tão fantástico no mundo e não apenas porque se vai aos planetas ou à Lua! Mas também porque finalmente se vê o mundo como um todo!

«Quando um escritor imagina, ele precede a realidade; há muito que os nossos autores de antecipação pintaram o que então ainda não passava do nosso futuro. Não compreendo porque é que as pessoas vêem nisso evasão. Esse modo de escrever foi sempre utilizado para simultaneamente descrever os problemas sociais desde a **Cidade do Sol,** de Campanella, ou a **Utopia**, de Thomas More.

– Deixou de escrever sobre si própria?

– Não necessariamente. Existem em mim várias linhas. Comecei por me perguntar como, doutro planeta, poderiam ajuizar a nossa conduta. Imaginamos aquele homenzinho verde de Marte. Como lhe parecerá esta terra onde passamos o tempo a matar-nos uns aos outros? Não é um comportamento louco?

«Eu quis encontrar um meio de nos vermos a nós próprios, dando uns passos atrás. **(Acabou recentemente o quinto volume da série** Canopus em Argo, **mas não sabe quantos tomos ainda vai escrecer.)** Não faço anti-realismo; nunca considerei a imaginação como um meio de me escapar aos problemas. **(Irritada).** Na Alemanha, não pararam de me perguntar: porque abandonou o realismo? Considero agora que é quase totalmente absurdo e falso e não param de me dizer: mas é isso o que pensa. As pessoas têm o direito de mudar...

– E mudou?

– Sem dúvida. E voltarei a mudar.

– Esteve implicada nos grandes movimentos do seu século, sociais ou políticos, sempre foi uma pessoa empenhada...

– Não gosto que utilizem a meu respeito essa palavra «empenhamento». Não compreendo o seu sentido.

– No entanto, militou no Partido Comunista, entre 1940 e o XX.° Congresso do P.C.U.S.?

– Já falei muito sobre isso. Eu estava na Rodésia, numa sociedade muito reaccionária, muito inculta, muito provinciana. No princípio da guerra houve um afluxo de refugiados, de comunistas. Pela primeira vez, conheci pessoas que tinham lido, que tinham reflectido e adoptei o seu ponto de vista sobre a terrível situação dos africanos; anteriormente, eu nunca conhecera ninguém assim.

«Foi uma reacção bastante infantil a favor dum mundo novo, um pequeníssimo partido comunista em Salisbúria. Acreditávamos verdadeiramente que, graças a nós, o mundo ia mudar e librtar-se: e, provavelmente, muito em breve... Não sei se já reflectiu sobre o facto que, geração após geração, os jovens socialistas acreditam no mesmo. É muito estranho se pensar na história do socialismo...

– O o seu gosto pela literatura russa prende-se com a política ou com o seu gosto pelo misticismo?

– Nem a uma nem a outro. De Tolstoi gostei porque ele dizia o que eu via à minha volta: as reacções da minoria branca na África Austral e na Rodésia foram descritas na **Guerra e Paz, em Ana Karenina.**

«Em relação a Dostoievski, perguntei-me durante anos como é que um homem, aparentemente tão negativo, pôde ser tão vivificante e tão bom condutor de energia. Há escritores que transmitem energia e isso nada tem a ver com o assunto dos seus livros. Essa descoberta alterou a minha opinião sobre a literatura.

«Construir abrigos antiatómicos»

– Há pouco tempo decidiu estudar russo. Tem intenção de lá ir?

– De modo algum. Aprendo russo porque é difícil: um desafio. Sempre quis aprender línguas: francês, alemão, italiano; persa também, porque estou fascinada pela literatura persa.

«Houve sempre russos à minha volta. O pai do meu filho era alemão, mas educado à maneira russa pela mãe, que vivera muitos anos na Rússia. Depois da guerra, quando nos divorciámos, ele voltou para a Alemanha porque tinha família na Alemanha de Leste e foi morto como embaixador na R.D.A. em Kampala, há três anos, quando as tropas tanzanianas chegaram. Não se sabe porquê...

– Há vinte anos que estuda o sufismo, mas recusa-se a falar disso para evitar ser simplificadora. Qual foi a sua reacção em relação à religião?

– Abandonei a religião aos catorze anos, tive uma briga com os meus pais que eram religiosos á maneira convencional. O que não gosto na religião é que ela reduz sempre a ideia de Deus. Se me interesso pelo cristianismo é por causa dos efeitos que teve na nossa cultura. Mas não se diz aos jovens o bastante sobre o que foi esse cristianismo: vinte séculos duma tirania que não tolerou outra forma de pensamento, que perseguiu, queimou, matou, torturou. Permaneceu nos espíritos e o socialismo foi edificado sobre o cristianismo: as mesmas ideias, a mesma intolerância, a mesma concepção do chefe que substitui o padre.

– Recusa vigorosamente a etiqueta de escritora «feminista» e, contudo, o Caderno de ouro **foi nos anos 70 um best-seller no Movimento de Libertação das Mulheres...**

– Pois foi. Por vezes tenho sido pasto dos movimentos feministas e isso não me agrada. Quando escrevi o **Caderno de ouro** não pensava fazer uma obra de feminismo: tratava-se de reflectir sobre o sentido da vida; um homem, usando as mesmas estruturas romanescas, teria escrito a mesma coisa.

«Quando eu tinha treze anos, à força de ouvir a minha mãe e as amigas lamentarem-se da vida e dos homens, eu disse-lhe que preferia morrer a tornar-me como elas... O M.L.F. institucionalizou, de qualquer modo, as queixas delas e, hoje, não vejo diferença entre os grupos feministas e as amigas da minha mãe...

– Preocupa-se com o perigo atómico, a poluição, a guerra bacteriológica. Apercebe-se do fim do mundo?

– Penso que não se poderá evitar outra guerra, mas não será o fim do mundo. A história da raça humana mostra que sobrevivemos à submersão de continentes, às epidemias, à peste, à fome, às guerra. Somos por sorte, um animal extraordinariamente resistente e prolífico. É preciso fazer tudo para impedir a guerra... E em todo o caso eu ocupo-me activamente em Londres, duma organização que tenta convencer os ingleses que se devem proteger contra uma guerra nuclear, pois é um facto assombroso que três países europeus – a Grã-Bretanha, a Alemanha e a França – estão absolutamente desprotegidos. É possível construir abrigos à prova de radiações. Os suíços constroem-nos.

– Escreveu trinta livros que são brulotes, apelos à rebelião. Por que combate agora? Procura alguma coisa...

– Claro que procuro, como toda a gente. Mas a minha vida não foi um combate. Quando se é jovem, repete-se: eu, eu. Queremos impor-nos. À medida que envelhecemos, raciocinamos mais em função dos outros, da nossa época. Eu parti para as estrelas para ver os problemas humanos lá de cima».

(Entrevista recolhida por Nicole Zand)

«Crónica de

de GABRI

Dêem-me e abal

EIS que pela sexta vez compro **Cem anos de solidão.** Um livro que nos pedem emprestado e não no lo devolvem, um livro que excita quem o lê, todos os livreiros o dirão, não pode ter melhores sintomas. Os jornais deveriam publicar a lista dos títulos mais roubados. Haveria algumas surpresas.

Curioso o débito de Gabriel Garcia Marquez! Escreveu, no entanto, esses **Cem anos de solidão** que selaram a sua celebridade mundial e servem de elo de ligação aos seus fiéis, um pavimento de seiscentas páginas empilhadas e, depois disso, os seus romances raramente ultrapassam a distância duma novela longa. Foi o caso do recente «Relato de um náufrago». Os incondicionais reprimem, de cada vez, uma grimaça de decepção. Eles gostavam tanto de emergir outra vez no sargaço de palavras que foi **Cem anos de solidão!** Poder-se-á dizer de Marquez, como de tantos outros escritores, que escreveu um único livro?

Crónica de uma morte anunciada é também um texto breve. É contudo o que faz lembrar a obra maior que continua a ser ponto de referência. Uma vila vive sob os nossos olhos, com as suas famílias, as suas tensões surdas, as suas histórias de amor e de morte.

A cena desenrola-se numa ilha sem nome das Caraíbas. Um estuário lamacento que navios a vapor sobem penosamente, um bispo anunciado que não desembarca, homens sombrios vestidos de linho branco e de probidade cândida, como dizia o outro, mulheres de virtude intratável e outras devotadas ao prazer, sem que se saiba o que decidiu a repartição draconiana desses destinos contrários, ganchos de carniceiro, cheiro a rum morno: todo o cenário evoca o que antigamente se chamava pitoresco colonial e de que certa publicidade prolonga os clichés. É triste dizer mas a publicidade televisiva neste campo invadiu a nossa paisagem cultural de que todo o porto da América Central ou latina na hora do regateio, em lugar de lembrar Baudelaire ou Conrad, nos leva a um negociante de café, com aquilo que o nosso inconscienoe aprecia nos

VLADIMIR JANKÉLÉVITCH, O AMOR E A MORAL

A obra duma vida

Continuação da pág. 1

cia, por muito pequena que seja, faz-nos sempre pender para um lado ou para o outro.

Uma ambiguidade fundamental

Por isso, a escolha nunca é simples; nem nunca é pura. Essa é a ambiguidade fundamental da exigência moral: embora aspire a não ser determinada por nenhuma contingência material, ela está sempre enraizada no ser duma subjectividade, numa realidade psicológica ou mesmo fisiológica – pois é o corpo, como muito bem viu Nietzsche, que nos dita por vezes as nossas mais graves decisões. Jankélevitch, cujo pai foi o introdutor de Freud em França, nada ignora desta subtil dialéctica, mas consegue descrevê-la, fazendo a economia do conceito de inconsciente da pesada artilharia psicanalítica.

«Evidência inevidente» por excelência, infinitamente ilusória e, entretanto, indestrutível, a exigência moral não suporta nem graus nem o «até a»; ela não tolera o superlativo porque visa o absoluto. O problema está em que ela só encontra aquele no relativo, isto é, no mundo da acção e da vida quotidiana. Em suma, a «vontade boa» só existe verdadeiramente quando se realiza num agir, quando quer ao mesmo tempo o fim e os meios desse fim. Mas uma tal vontade, que se poderia classificar de «integralmente boa», pode ainda distinguir-se do amor?

Não – responde Jankélévitch. Amar, querer, nessa medida são uma e a mesma acção: nela a alma atinge o grau mais elevado de tensão. Tensão extrema, que dura apenas um instante e que é tão impossível de descrever como é para o místico impossível descrever a experiência do êxtase. Há, de resto, algo de místico nas páginas em que Jankélévitch tenta descrever todos os elementos harmónicos desse «puro amor» do qual ele faz o próprio fundo da experiência moral.

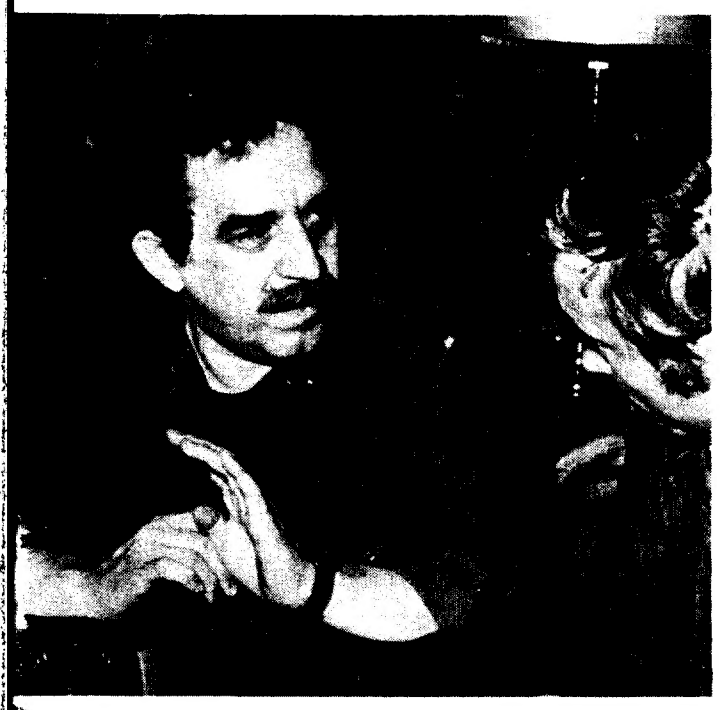
O lado violento das paixões

Desde Teresa d'Ávila, desde Fénelon, que não se amava tão bem... Conquanto não haja qualquer traço em Jankélévitch da «bagatela» que se critica por vezes a Fénelon. Longe de se comprazer no cor-de-rosa, o nosso filósofo gosta do lado violento das paixões; um pouco de excesso não lhe faz medo. Com o seu próprio punho fulmina os fracos e – como o autor de «O Apocalipse», que cita de boa vontade – **«amaldiçoa os tíbios»**... antes de lhes perdoar três páginas à frente, pois a sua generosidade sobrepõe-se a qualquer outra consideração.

Contraditório, Jankélévitch? Sem dúvida, como a própria filosofia. Mas pouco importam as suas contradições teóricas; pois só é convincente e reveladora duma intenção sincera a atitude do homem que se empenha numa acção real. **«Só conta o exemplo que o filósofo dá com a sua vida e os seus actos»:** esta frase de Jankélévitch a quem melhor se pode aplicar senão a ele próprio, que nunca hesitou, em mais de uma ocasião, desde a Resistência, a pagar com a sua pessoa?

C. Delacampagne

– O PARADOXO DA MORAL, de Vladimir Jankélévitch. Le Seuil, 190 páginas.



de uma morte anunciada»

RIEL GARCIA MARQUEZ

e um preconceito
larei o mundo

colonos: a arte de fazer suar o albornoz do autóctone, de frustrar a sua «natural astúcia»...

Uma manhã de sol, um árabe de origem, Santiago Nasar, atravessa a praça da vila levando nas mãos o cacho azul dos seus intestinos. Dois gémeos, os Vicario, acabam de lhe arrancar a pele, a golpes de cutelo. Roubaram as suas armas ao matador de porcos, depois de o presidente da câmara lhes ter confiscado as suas facas. Pois desde a madrugada que eles não ocultavam as suas intenções. Só a vítima não estava ao corrente. Um conjunto de circunstâncias contribuiu para que a ameaça lhe fosse desconhecida. Uns julgavam-no prevenido, outros negligenciaram a ameaça. São as ironias da sorte que o narrador, muito tempo depois do crime, quer reconstituir através de autos e testemunhos dos sobreviventes.

Um facto é certo, desde a origem: a irmã dos assassinos, Ângela, não chegou virgem ao casamento. Ela faz a si mesma a promessa de, na manhã seguinte ao casamento, tingir os lençóis de mercurocromo e de fazer estalar no vento a mancha vermelha em que as tradições do cru vêem a prova da honra intacta. Mas o marido, Bayardo, percebeu o estratagema. Devolve a pecadora à casa dos pais e isola-se na colina com uma provisão de álcool. O cabriolé nupcial fica a enferrujar-se à porta de casa, debaixo das flores.

Em baixo, Ângela recebe uma repreensão da mãe e, quando lhe perguntam o nome do culpado, ela mal deixa escapar: «Santiago Nasar». Diria a verdade? Porque razão, no caso de ser falso, dizer o nome dele e não o de qualquer outro? As origens de Nasar faziam dele um suspeito por excelência? Isso não é sequer sugerido. A colónia árabe está de longa data integrada na população e a única coisa que a distingue é um gosto pronunciado pelo jogo das cartas. O casamento de Ângela deixou Santiago petrificado. Não parava de calcular o que iria custar ao rico Bayardo. A sua última frase, com as tripas ao ar, foi: **«Não percebo nada disto!»**

Na aldeia de índios para onde se retirou, Ângela confirma sem comentários que na verdade Santiago a desflorara. Depois começa a amar Bayardo à distância. Durante dezassete anos, escreve-lhe duas mil cartas, cada vez mais inflamadas. Bastava-lhe saber que o seu marido de uma noite recebia as suas mensagens. Um dia, o destinatário vai vê-la. Diz-lhe: «Aqui estou!»

Entrega-lhe os embrulhos com as cartas que não abrira. Amara-a, ele? Como saber? Casara-se com ela do mesmo modo que, no seu ofício de criador de gado, se aprecia os bons animais de um rebanho. Duma cadeira de baloiço, vira Ângela atravessar a praça inundada de luz, com a mãe, transportando flores artificiais da fábrica paterna e decidira, antes de prosseguir a sesta: será ela! Se não lhe perdoara por já não estar virgem, fora por reflexo de proprietário com quem não se brinca e porque é assim no país: a honra confunde-se com o amor e dirige as grandes condutas da vida.

Uma regra, essa honra, que a lei e os jurados continuam a observar sem piedade. Os gémeos assassinos passaram três anos em prisão preventiva por não terem com que pagar a caução que lhes foi aplicada, mas foi o ajuste de contas na totalidade. Teriam preferido que não vingassem a irmã. O pior foi para Santiago que morreu com os seus intestinos azuis nas mãos, sem ter tempo de ripostar nem sequer de interrogar os seus agressores, que o cura autopsiou e reduziu a despojo. Um conjunto de malícias e mal-entendidos impediu a verdade de eclodir. Morto por causa duma ideia preconcebida! O juiz de instrução teve a visão exacta quando concluiu à margem dos autos, com a sua caligrafia de menino de escola: **«Dêem-me um preconceito e abalarei o mundo!»**

A honra! Deve-se contar este código vingador em nome dos preconceitos que custam caro à humanidade? Ora assume o papel da justiça, ora a desafia, como todos os grandes tabus sobre os quais se fundam as sociedades. Marquez abstém-se de elevar tão alto o debate. De facto, não coloca qualquer questão. Em vez disso, acumula o fatalismo latino e a recusa de tomar partido dos americanos do Norte. Lorca e Valle-Inclan jun-

Continua na pág. 4

UM POEMA INÉDITO
de Jorge Ferreira

1.
Arde-me a vida, o sonho
esse graal imerso
nas águas da memória.
De sísifo o cansaço,
o penhasco.
Oh, quixotesco anseio:
em quantas taças,
Jerusalém, o fruto vazio
o pássaro
que em mim clama?

2.
Um eco ulissiano me tenta,
ó cabo das minhas esperanças!
A ponte e o deus,
colunata em que pouso
as vestes e o sangue.
E que Zeuxis me perdoe
a pintura deste drama,
os lençóis pétreos
desta cama

3.
Em mim o tempo escava
templos em chama
ânforas ou búzios.
E assim arraso castelos
e florestas. Do peito
desejos e vendetas.
Que os dias, em absoluto
repousam na aurora
deste fogo,
música infinita
desta barca finita.

1/10/81

José Ferreira

AS LETRAS EM DIA • AS LETRAS EM DIA

LITERATURA PORTUGUESA EM ITÁLIA – **No Instituto Universitário Oriental de Nápoles, a Professora Eriede Reail, que já publicou um estudo intitulado «Uma leitura de Manuel Alegre», está agora realizando um curso sobre o livro «Atlântico» do poeta português. No quadro desse curso convidou, para proferir uma palestra, a Doutora Clara Rocha, professora da faculdade de letras da Universidade de Coimbra.**

EM 4.ª EDIÇÃO. **Publicações Dom Quixote acaba de lançar, na Colecção «Universidade Moderna», a obra de Ferdinand de Saussure «Curso de Linguística Geral». Tradução de francês de José Victor Adragão.**

FILIPE FURTADO – «A CONSTRUÇÃO DO FANTÁSTICO NA NARRATIVA» – **Como, advertindo o leitor das vias para que o convida numa abordagem do fantástico, escreve Filipe Furtado: «Embora o estudo de muitos dos aspectos mais relevantes do género fantástico esteja ainda quase inteiramente por fazer, alguns trabalhos críticos sobre ele desenvolvidos, em particular nas últimas décadas, têm vindo trazer contributos apreciáveis para o estabelecimento dos traços e formas de organização que o distinguem do resto da literatura.» O estudo de Filipe Furtado é, precisamente, uma síntese dessas diversas abordagens sobre o conteúdo e o fascínio das narrativas fantásticas.**

Filipe Furtado reporta-se a textos de autores ingleses, norte-americanos, franceses e portugueses; Henry James, Braus Stoker, M. R. James, Arthur Macher, Algernon Blackwood, L. P. Hartley, Edgar Poe, H. P. Lovercraft, Prosper Merimée, Alexandre Herculano, Eça de Queirós. O livro estuda o género fantástico na narrativa, analisando os traços fundamentais deste e a forma como se organizam para criar e manter um universo ambíguo, a meio caminho entre o quotidiano e o sobrenatural.

O autor é assistente do Departamento de Estudos Anglo-Americanos da Faculdade de Letras de Lisboa. A obra foi publicada na colecção «Horizonte Universitário», de «Livros Horizonte», Lisboa, 1980.

A POESIA DE EZRA POUND, **mereceu a Martin A. Kayman, professor associado convidado no Departamento de Estudos Anglo-Americanos da Universidade de Coimbra, uma introdução que Fenda Edições lançou recentemente nos escaparates, sob o título «Alguns dos nossos melhores poetas são fascistas». Trata-se de um livro a merecer a atenção de todos quantos se debruçam sobre o processo poético. Para livros como este, haverá sempre lugar nas nossas estantes.**

O QUE LÊ O MÉXICO – **As obras do búlgaro Elias Canetti, recentemente galardoado com o Prémio Nobel de Literatura, e «Crónica de uma morte anunciada», do romancista colombiano Gabriel Garcia Marquez, foram os livros mais procurados pelos leitores mexicanos durante o ano de 1981, de acordo com uma sondagem realizada nas seis maiores livrarias da capital do México.**

Três das cadeias de livrarias consultadas referiram, além disso, «A guerra do fim do mundo», do peruano Mario Vargas Llosa, como um dos livros mais vendidos, juntamente com as crónicas «Forte é o silêncio», de Elena Poniatowska, os ensaios «El ogro filantrópico», de Octávio Paz, e os contos «Água queimada», de Carlos Fuentes, os três últimos autores mexicanos muito conhecidos.

Obras de autores latino-americanos de maior venda foram ainda «El livro de arena», de Jorge Luís Borges: «Queríamos tanto a Glenda», de Julio Cortazar; «Dejemos hablar al viento», de Juan Carlos Onetti; «Radiografia de um governo», de Luis Pazos; «De lujo y hambre», de Ricardo Garibay; e «El llano em llamas», de Juan Rulfo.

JOAQUIM PESSOA, **recentemente distinguido com o Prémio de Poesia da APE, atribuída à obra inédita «O Livro da Noite», viu publicado pela Moraes, na colecção «Círculo de Poesia», outro seu trabalho: «Os dias da serpente». Naquela editora, saiu também a segunda edição de «Os olhos de Isa», livro em que Joaquim Pessoa, fazendo uma pausa na sua cruzada de intervenção poética, se passeia pelos campos do lirismo. De reter, alguns dos sonetos que integram «Os olhos de Isa».** •

TOM DE CÃO A LADRAR

Continuação da pág. 1

friamente natural de todos os dias. E será que esse pôr-de-sol implica a existência de um dia também diferente...? Exacto: esse pôr-de-sol ocorre num dia humanizado – e daí se pode concluir que os dias do homem não são idênticos aos simples dias que decorrem da matemática solar. São **outros** dias, **outro** tempo – e só assim se torna perceptível ter o homem (das cavernas até ao pé na Lua) feito **tanta** coisa em **tão** diminuto tempo físico.

Ah, sim: que se o homem nunca se tivesse libertado do seu meio circundante, e tão inserido fosse na matéria que nunca a contemplasse, e dela não se apropriasse, nunca um pôr-de-sol por ele concebido teria a cor do que se busca (corredor), o sabor do repouso meditado (chá) e o protesto contra os limites (cão a ladrar)... Porque não é a mera sequência dos dias solares que torna o homem grande e conseguido: antes só a humanização do tempo lhe fornece as cores de que a matéria é escassa. Outro modo de ser, **algo mais,** outras qualidades. Outro som. Quem não ouve o «au... au...» do sol que se põe...? •

LIDO E A LER

OS SULCOS LEVES, de Carlos Marques Queirós e José Carlos Soares – Uma aventura poética a dois. Os poemas de cada um estão avulsamente nas páginas (de parte, naturalmente, o critério que presidiu à colocação deles pelos autores), e só o índice esclarece a questão das autorias. Uma primeira leitura dos poemas sem os identificar com o autor regista logo algumas diferenças – de tonalidade da voz, da fala, de organização textual e sobretudo de estrutura discursiva. Haverá uma certa convergência ou aproximações pelo menos – e pelo menos formal. Num caso e noutro, porém, são sensíveis a segurança expressiva, o domínio dos meios, a predominância do bom gosto no labor das imagens, das metáforas. Nem tudo impressiona favoravelmente.

A sintaxe versificatória de Carlos Marques Queirós, por exemplo, não parece excelentemente solucionada. E por exemplo ainda, na fala de José Carlos Soares registam-se, mais ou menos nítidos, ecos de outras falas. Mas este livro é uma estreia, e, porque a dois (passando a aparente contradição), singular (no sentido de raro, já se vê, invulgar). O mínimo a dizer é que é uma experiência interessante, em conta dos resultados (que não o são menos). O mais há-de-se ver, se os autores mostrarem. (Exercícios de Dizer. Porto)

E DE SÚBITO É NOITE, de SALVATORE QUASIMODO, e PRIMAVERA HITLERIANA e OUTROS POEMAS, de EUGÉNIO MONTALE – Duas plaquetes aqui há algum tempo lançadas por Fenda Edições. Interessa registá-las por duas razões ou três. A mais importante é certamente a que se prende com os poetas de que se trata – dois nomes de topo na poesia italiana do séc. XX, e, desde logo por serem dois prémios Nobel, dois nomes, evidentemente, de grande projecção internacional. Entre nós, todavia, nunca tinham sido traduzidos e publicados, à excepção de uma que outra peça avulsa e numa que noutra página ou revista literária, discretamente. Da poesia italiana, aliás, é muito pouco, quase nada, o que entre nós e para a língua portuguesa está feito. Do Ungaretti (outro Nobel), há uma antologia muito breve, de peças traduzidas por Orlando de Carvalho, editadas em tempos pela Dom Quixote e que há muito se esgotou. Pier Paolo Pasolini tem cá um poema, «As Cinzas de Gramsci», traduzido por Egito Gonçalves e editado pela Inova, e a Plátano lançou, dele, aqui há poucos meses, uma antologia de traduções feitas por Manuel Simões. E além disto? Curiosamente, nos últimos anos, a poesia portuguesa deste século tem sido alguma coisa divulgada em itália, onde saíram, que ocorra de momento, três antologias: uma, de Giuseppe Tavani, de Fernando Pessoa aos anos 60 e 70 (embora com o título indicativo de Pessoa a Carlos de Oliveira); outra, de António Tabuchi, no âmbito do «surrealismo Cesariny, O'Neil, etc.; e ainda, de Carlo Vittorio Cattaneo, feita sobre as mais recentes promoções (anos 60, 70). Carlos de Oliveira, Alexandre O'Neil, e creio também Eugénio de Andrade, têm antologias pessoais publicadas em itália e em italiano. E outros, como Jorge de Sena e Herberto Helder, por exemplo, se ainda não têm, estão para ter. Em Portugal, entretanto, é certamente com estranheza que se inflecte no pouco, quase nada, que existe de traduzido da poesia italiana, quando se pensa, por exemplo ainda, no que existe, no domínio da ficção: aí umas cinco ou seis dezenas de romancistas italianos têm livros traduzidos e publicados entre nós nos últimos 20, 30 anos. Reflexão ligeira e algo incómoda – suscitam-na estes breves poemários de Quasimodo e Montale, que Fenda Edições lançou recentemente no mercado (nem em todas as livrarias, porém). A edição é um pouco pobre de meios – mas isso é outro aspecto que só reforça o interesse da iniciativa. As tiragens são reduzidas a duas centenas e meia de exemplares, o que torna aconselhável a procura desde já, e antes que todos desapareçam. Pode ainda registar-se que o preço, de 100 escudos, parece muito baixo, o que é tanto mais assinalável quanto se trata dos poemas que são. Quanto às traduções, de Manuel Simões (há anos leitor de português em Veneza), o mínimo que delas se pode dizer é que se trata dum trabalho convincente na língua segunda em que o tradutor (também ele poeta) laborou.

L.M.R.

MORTA A ESCRITORA ALAIDE FOPPA

O chefe do estado-maior do exército da Guatemala anunciou no diário «Prensa Libre» que em consequência da «entrada em massa» das suas forças na região oriental do país resultaram mortos «muitos guerrilheiros», entre os quais a escritora Alaide Foppa. Aquela escritora, radicada no México, havia sido raptada por homens armados há cerca de um ano na Cidade da Guatemala e nunca mais foi vista. Soube-se entretanto pela Imprensa que os filhos de Alaide Foppa actuavam na guerrilha. A escritora guatemalteca era cunhada de Valentin Solorzano, actual ministro da Economia da Guatemala. ●

«Fenda» pede apoio

Uma das mais interessantes iniciativas culturais que no plano editorial se lançaram entre nós nos últimos anos – Fenda, em Coimbra – poderá dar a sua história por acabada dentro de algum tempo, se entretanto não for apoiada financeiramente como as suas necessidades de sobrevivência impõem.

Os responsáveis pela iniciativa desde o seu lançamento aqui há cerca de dois anos enviaram recentemente a amigos e eventuais apoiantes um texto onde expõem a situação financeira e administrativa da casa (por assim dizer) e apelam para a participação, concretamente através da subscrição de assinaturas, por mil escudos e para dois anos, das edições que a Fenda tem programadas para fazer.

Estas edições terão tiragens restritas e não deverão entrar em larga circulação, tal como aconteceu até agora com as iniciativas editoriais da Fenda, e da própria revista, encontráveis somente em algumas livrarias de Lisboa, Coimbra e Porto.

Em Lisboa, por exemplo, edições da Fenda só na Libris, 111, Portugal, Sá da Costa, Assírio e Alvim (Terminal), Castil (Alvalade), Apolo 70, e Parceria A.M. Pereira.

Até à data, o catálogo da Fenda tem 17 títulos: «Dandyshipby», de Bernardo Frey, «Primavera Hitleriana», de Eugénio Montale; «Exemplo Precário», de João Vário; «E de súbito é noite», de Salvatores Quasimodo; «O T de Tu», de João Camilo; «Camões», de Ezra Pound; «Reflexões sobre o Sr. Pessoa», de John Wain; «5 Poemas e 1 Envio», de Luís Nogueira; «Ulisses», de Jorge Sousa Braga; «Alguns dos nossos melhores poetas são fascistas/Uma introdução a Ezra Pound», de Martin Kayman, e um original ainda não publicado de Ana de Sá, além de quatro números da revista.

Em tempo, os interessados em colaborar na recuperação da Fenda podem fazê-lo para o Apartado 449, 3008, Coimbra. ●

«CRÓNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA»

de Gabriel Garcia Marquez

Continuação da pág. 3

tam-se a Caldwell e Faulkner. O Mal, visto por Marquez, não é uma sordidez de que nos desembaraçamos pelo riso ou pelas blasfémias, como nas crónicas mediterrânicas à francesa: é uma trama, tal como imaginavam os trágicos gregos. Se a fatalidade decidiu que um de nós acabará esvaindo-se em sangue até à última gota por uma injustiça nunca esclarecida, nada há a fazer, nada a dizer.

Não esperemos que Marquez indique o bom caminho, à europeia. Quando muito ele subscreve o preceito local segundo o qual **«é preciso estar sempre do lado do morto».** Estes princípios repetidos mecanicamente através dos séculos, tomam pouco a pouco o mesmo lugar, nas existências frustradas o frustes das suas personagens, que a medalha religiosa deve[illegible] quatro anos por Santia[illegible] contrada no seu est[illegible] rante a autópsia. Po[illegible] mancistas entre nós vão tão longe, até esta religião do facto bruto e da neutralidade clínica. Em vão se procuraria uma notação moral, um adjectivo qualificativo dos comportamentos de cada um.

A mentalidade ambiente apanha-se rapidamente. O leitor fica na indigência como os vagabundos dos cais dum porto dos trópicos. Quando vê o bispo ficar no barco, e apenas guardar dos galos que a população lhe oferece, em pequenas gaiolas, inteiros, as cristas, para a sua sopa, você, leitor francês, habituado a amaldiçoar o escândalo, você evita ter ideias, o caso não lhe diz respeito, você não viu nada, puxará a aba do chapéu para os olhos contra a violência do sol caraíba, e fará o seu caminho, sem apressar o passo, como se nada se tivesse passado. Um frasco de rum dança na algibeira das suas calças de linho amarrotado.

Bertrand Pourat Debroch.

JEAN FAUTRIER – «otage aux mains», 1944

FOLHEANDO ALGUMAS PINTURAS

Notas sobre as relações entre escrita e pintura

CONCLUSÃO

Tenho referido a importância da destruição da representação metafísica que em última análise é sempre, na pintura, a construção (geométrica) do espaço (clássico). Seria um erro pensar, contudo, que desconstruído o espaço tradicional figurativo se aboliu pura e simplesmente o problema da representação (na pintura). Esta – a representação (ou o «sentido») – sempre reintroduz-se: quanto mais não seja como a metáfora (a ideologia) de um novo espaço (agora dado como caótico, sem-sentido). É evidente que, desconstruído o espaço clássico (sobretudo na medida em que ele era considerado de um ponto de vista lógico, auto-suficiente e realista) se põe de novo, embora noutros termos, o problema da representação na pintura. A questão está em sobre ela – desvanecidas agora mais algumas brumas – exercer um maior domínio. A representação não é um mal, pode é ser deficientemente investida (como um «absoluto» ou já definido ou indefinível: caso das posições extremas tanto da pintura «académica» como do abstraccionismo). A Representação pode mesmo ser aplicada **contra** o desvanecimento («ideal»?) da materialidade da pintura. A mais interessante nova pintura parte hoje, ao fim ao cabo, desta **situação dúplice** (Bracque, Bonnard, Matisse, Magritte, Bacon, Moore, Cremonini...). Por isso, tenho também procurado exercer a minha escrita na **dificuldade** (pictural, representativa) dessa pintura.

★

De início todos os «estilos» devem ser abolidos.

Só a partir de um estádio (de uma experiência, prática) do equivalente e do hetaróclito (indiferenciado) é que se podem adoptar de um modo mais sistemático «efeitos de estilo». Mas mesmo então o «estilo» (em certa medida já estereotipado, definido e definível: divisível, visível) deve ser considerado como um mero instrumento (relativo, provisório, prático) de escrita. Só neste sentido, aliás, a expressão tão (mal) glosada de Buffon tem alguma credibilidade: o estilo é o homem na medida em que for também a **vida** (Saint Pol-Roux): ou seja, na medida em que é a constante **tensão-/negatividade** imposta pelo exterior, irredutível. O estilo é o **rigor** – a contraditória complexidade – do processo e não a sua marca catalogável (a partir de certa altura contabilizada de um modo automático) e reconhecível. **O estilo é a negatividade, o contraditório, o processo (a vida).** Ao ser estilística (noção de rigor no processo, como a defendiam Valéry e Nietzche) a escrita não adopta nenhum, opõe-se mesmo à noção (como escola, identidade) de «estilo» (5).

★

Se a filosofia não existe e é um discurso sobre a falta de objecto desse outro discurso a que se dá o nome de «filosofia», a literatura (a escrita) aquem, para lá ou no interior dessa falta, é uma **prática** sobre a falta de senso (sentido) de todo o discurso (6). Nega a ideologia-/utopia regressiva da filosofia e o **corpo** (o que falta) como uma **segura utopia** reafirma e recria, **por escrito.**

NOTAS

(5) Não é portanto de estranhar que me interessem sobretudo (ou de uma forma muito particular) os autores que fizeram da transgressão dos estilos (na sua época possíveis) uma questão e uma exigência própria de estilo (Para lá dos autores já citados lembro-me de Caravaggio, Poussin, David, Monet, Dégas...)

(6) Ou seja, do sentido já dito, programado ou constituído à partida. Como Ducasse (re)escrevia **nas sua** Poésies: **«Nada está ainda dito. Nasce-se sempre cedo de mais, embora os homens existam há mais de sete mil anos» (II), o sublinhado é nosso). A «moralidade» dos** Caracteres **de La Brayère era a seguinte: «Tudo está já dito; nasce-se sempre tarde de mais pois os homens já existem e pensam há mais de sete mil anos ...»**

Fernando Guerreiro